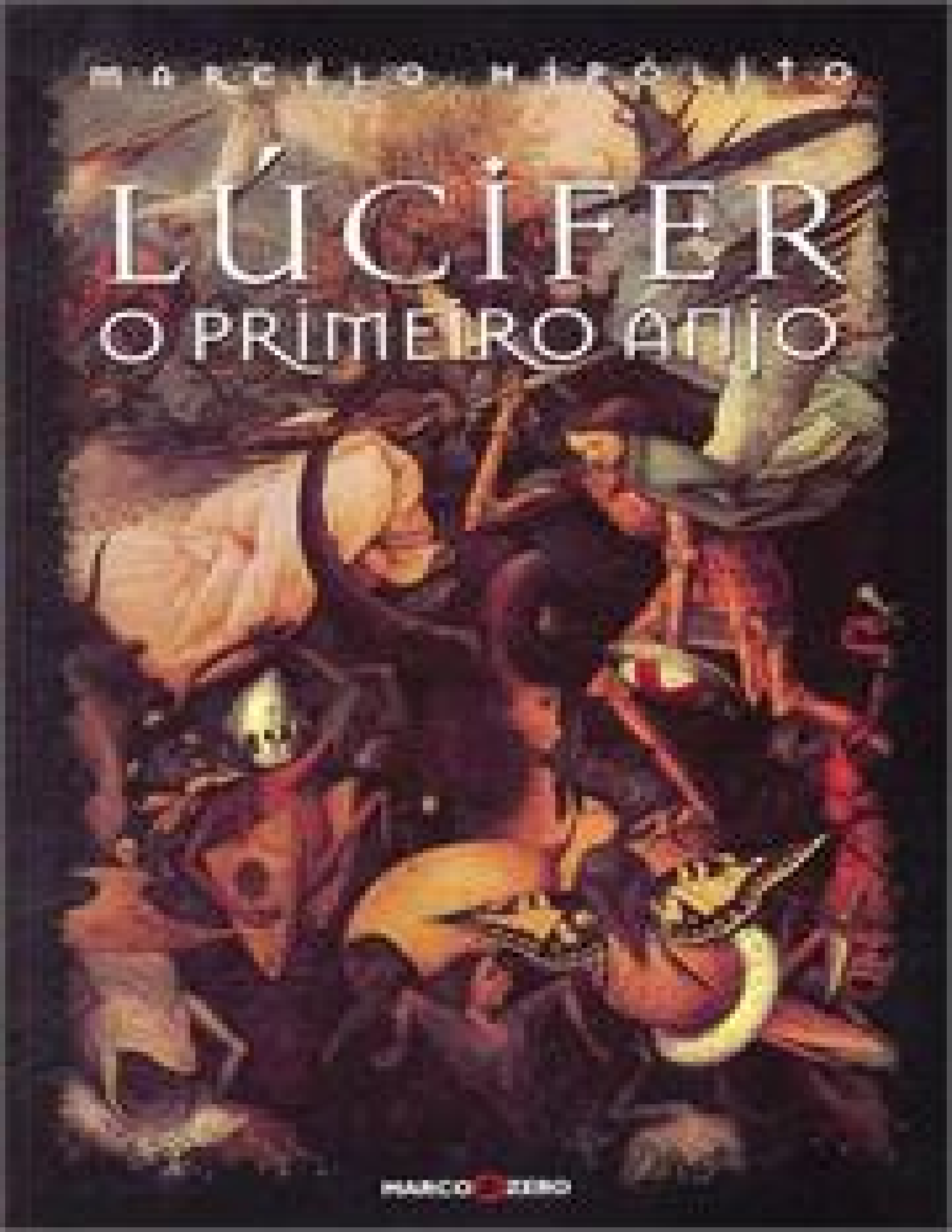
MARCELLO HIPÓLITO

LÚCIFER

O PRIMEIRO ANJO



MARCO ZERO

LÚCIFER

Nosso objetivo é publicar obras com qualidade editorial e gráfica.

Para expressar suas sugestões, dúvidas, críticas e eventuais reclamações entre em contato conosco.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR

Rua Pedroso Alvarenga, 1046 • 9o andar • 04531-004 • São Paulo • SP

Fone: (11) 3706-1466 • Fax: (11) 3706-1462

www.editoranobel.com.br

E-mail: atendimento@editoranobel.com.br É PROIBIDA A REPRODUÇÃO

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, sem a permissão, por escrito, do editor. Os infratores serão punidos de acordo com a Lei no 9.610/98.

Este livro é fruto do trabalho do autor e de toda uma equipe editorial. Por favor, respeite nosso trabalho: não faça cópias.

Marcelo Hipólito

LÚCIFER

O Primeiro Anjo

© 2006 Marcelo Hipólito Direitos desta edição reservados à AMPUB Comercial Ltda.

(Nobel é um selo editorial da AMPUB Comercial Ltda.)
Publicado em 2006

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil) Hipólito, Marcelo

Lúcifer: o primeiro anjo / Marcelo Hipólito.

São Paulo : Marco Zero, 2006.

ISBN 85-279-0395-4

1. Ficção brasileira I. Título.

06-1307 / CDD- 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

Para meu amor, Cimone; meu grande amigo, David;

minha mãe, essa força da natureza; e meu pai, que dorme entre as estrelas.

SUMÁRIO

PARTE I

O Anjo Perfeito

CAPÍTULO I A luz e a serpente *11*

CAPÍTULO II Serafins e Querubins *21*

CAPÍTULO III Mefistófeles

33

CAPÍTULO IV A Divina Encarnação *51*

PARTE II

O Mestre dos Demônios

CAPÍTULO V Adão

e

Lilith

67

CAPÍTULO VI Eva

77

CAPÍTULO VII A faca e o túmulo *85*

CAPÍTULO VIII As

duas

cidades

97

CAPÍTULO IX Pais e filhos *111*

PARTE III

O Rei dos Homens

CAPÍTULO X Recomeço

131

CAPÍTULO XI Deuses

141

CAPÍTULO XII Matraton

149

CAPÍTULO XIII Apocalipse

161

7

PARTE I

O Anjo Perfeito

CAPÍTULO I A luz e a serpente

Antes do tempo, havia a eternidade. E, ao seu fim, ela será tudo que restará. Pois a eternidade é o tempo do Deus Único. Sua essência e Sua morada.

E, no vazio e na escuridão eternos, Deus conhecia o Bem e o Mal.

Não como Seus filhos, depois dEle, mas na forma mais pura e poderosa que essas duas forças jamais existiram,

guerreando no âmago do Senhor para libertarem-se uma da outra.

O destino do Universo, ainda a ser criado, foi decidido nessa batalha primordial, quando finalmente o Bem se mostrou mais forte e prevaleceu. Assim, Deus arrancou o Mal de dentro de Si e aprisionou-o firmemente em Sua mão esquerda para que jamais escapasse. Uma sombra irracional de ódio e desespero, enfraquecida pela separação e humilhada pela derrota, serpenteando entre os dedos de Deus com um único desejo: vingança.

Livre do Mal, Deus cresceu em poder e amor. Porém, nada havia para Ele amar. Então, Ele ergueu Sua mão direita, e dela se fez a luz. Um clarão tão intenso que os olhos do Senhor se fecharam. Era o nascimento do tempo como o conhecemos. Pois a luz, que deveria ser eterna, serenou. E, em seu pequeno ponto de origem, sobre a descomunal palma da mão direita do Senhor, havia agora a mais linda criaturinha. Tão perfeita *11*

quanto o próprio Criador. Um delicado bebê, de ralos cabelos negros e envolto em suave luz própria. Ele era à imagem e semelhança de seu Pai Todo-Poderoso, à exceção do par de delicadas asas que trazia às costas, com penas de um branco tão vívido que pareciam brilhar.

O pequeno ser abriu os olhos em um sorriso de puro amor e viu Deus chorar de alegria. Uma alegria que Ele não imaginava possível. Tomado pelo inédito sentimento, o Senhor proferiu Suas primeiras palavras, revelando Seu Santo Nome ao amado filho.

Com o coração inundado pela graça de Deus, o bebê bateu as diminutas asas pela primeira vez e voou. Ele disparava,

rodopiava, subia e descia numa dança frenética de felicidade. Repetia sem parar o Nome do Senhor, num louvor de amor inconteste. Desejava voar para sempre em torno de seu Deus.

E ele voou e voou, enquanto o tempo passava e ele amadurecia, vindo o bebê a transformar-se em um menino. Para Deus, era como olhar a Si mesmo como criança.

Sobrevoando a imensidão do Senhor, repentinamente, o jovem alado experimentou um sentimento diferente do amor, tudo que conhecera até então. Uma sombra escura e opressiva desceu como um manto sobre ele.

Erguendo o olhar, ele percebeu, a uma distância imensurável, uma das enormes mãos de Deus segurando um espírito negro que se contorcia e vibrava numa luta sem trégua para libertar-se.

O menino ficou ali, parado, flutuando inerte no limbo, num misto de surpresa e estranha fascinação por aquela forma obscena.

– Essa é a Besta que habitava dentro de Mim – revelou Deus. – Não a tema, pois não permitirei que ela lhe faça mal.

– Como pode um ser tão medonho haver existido no seio do Criador, que é só bondade, razão e beleza?

– A natureza de Deus é um mistério além de sua compreensão.

– Sim, meu Senhor – disse o jovem, baixando a cabeça. – Eu per-guntei apenas pelo amor e preocupação que tenho para com o Todo-Poderoso.

– Lembre-se, Meu filho. Além da Minha perfeição, dei-lhe a sabedoria. Use-a para reconhecer e debelar o Mal, se algum dia este se insi-nuar em seu coração ou se aventurar de longe para atingi-lo. Pois maiores são as forças do amor e do conhecimento. Contra elas, nada podem a fúria e a selvajaria.

12

LÚCIFER

O menino assentiu e agradeceu pelas dádivas do Senhor. Mas, ao presenciar o Mal, ele perdeu a inocência e sentiu vergonha por estar nu. Percebendo isso, o Criador proveu-o de um manto negro, de tecido macio e resistente, para vestir.

Deus moveu então Seu braço esquerdo para fora da visão do menino. Este retomou seu vôo ao redor do Senhor, enquanto crescia para tornar-se um adulto no ápice de seu poder, inteligência e beleza. E, satisfeito com Sua criação, Deus presenteou-a com um nome.

– Eu o batizo de Samael, o Filho mais Amado.

Foi a vez de Samael chorar lágrimas de felicidade. Ele se sentiu orgulhoso e grato ao seu Pai.

– És tão glorioso e estupendo, Meu doce Samael, que decidi criar outros como você. Serão à sua imagem, porém diferentes. Pois você será sempre Meu favorito e o único a compartilhar Comigo o dom da perfei-

ção. Chamarei sua raça de anjos, os Eolel ou Arautos do Senhor. E serão abençoados a dividirem com você a eternidade ao Meu lado.

– Sagrado seja o Senhor – disse Samael, com uma mesura.

E Deus estendeu a mão direita e, com um único aceno, fez surgir uma cidade prateada e luminosa, tão gigantesca que preencheu o vácuo que existia abaixo de Si.

– Esta será a morada dos anjos. O Primeiro Céu – anunciou Deus.

– Toda a Criação existirá sob ela. Acima, haverá apenas o Senhor.

E Samael voou até a Cidade Prateada. Suas muralhas irradiavam uma luz suave e agradável. E Samael passou pelo grande portão principal e deparou-se com vastos corredores e altíssimos recintos de paredes nuas e luminosas. Não havia escadas, pois delas seres alados prescindiam.

A majestade da construção expressava-se em números. Havia vinte e cinco milhões de aposentos; seiscentos e noventa e três mil salões de distintas formas e tamanhos; quatrocentos e vinte e um mil depositários; cento e trinta e sete mil oficinas de trabalho; quatorze mil praças; treze mil torres ordinárias; cinco mil e seis forjas; quatro mil e quinhentos herbanários; cento e noventa e nove ateliês; cento e setenta e um conserva-tórios; sessenta e quatro galerias; doze prefeituras; e um palácio central, de onde brotava a gigantesca Torre da Aliança, seu topo ornamentado por sete grandes e misteriosos selos de pura energia.

Samael prostrou-se de joelhos, admirado com a obra do Senhor.

– Levante-se, Meu querido filho. Ainda há muito mais a ser visto

– disse Deus.

E Samael voou para além dos limites da cidade e, aturdido, vislumbrou a existência de três outros planos, ou Céus, abaixo do primeiro. Um sob o outro, suas dimensões eram tão vastas quanto as da própria cidade.

O Segundo Céu era uma planície de lindos campos verdejantes e lagos de águas límpidas e tranqüilas. O Terceiro Céu, um deserto de areias brancas e macias, com brisas frescas e oásis ricos em frutos e água. O Quarto Céu, um mosaico de incontáveis ravinas e montanhas de impressionante beleza e harmonia, de florestas densas e fechadas e temperaturas baixas, mas nem por isso menos agradáveis.

Maravilhado, Samael retornou a Deus, que o aguardava pairando sobre a magnífica Cidade Prateada. E da mão direita do Todo-Poderoso surgiu o segundo anjo. E a ele, Deus deu o nome de Gabriel, Aquele de Voz mais Bela. Gabriel era um bebê alado, desprovido da luminescência natural de Samael, porém quase tão lindo e perfeito quanto este, apenas seus cabelos apresentavam-se como uma imberbe penugem dourada em vez de negros como os de seu irmão.

E Gabriel levantou vôo, cantando na mais suave das vozes lindos versos de louvor ao Senhor, que ecoaram pelos quatro cantos da Criação.

Após Gabriel, vieram Nathanael, Camael e Matraton. O último, um anjo careca e de olhos vermelhos como o fogo.

Todos, variações do molde original, o primogênito Samael. No entanto, cada novo anjo que surgia se afastava um pouco mais da perfeição de Samael. E nem por isso deixavam de ser menos esplendorosos.

– Agora, repousa sobre seus ombros uma terrível responsabilidade, Meu Samael – disse Deus. – Cabe-lhe liderar e instruir seus irmãos como anjos do Senhor. Seus ensinamentos serão por eles repassados para a próxima geração e assim por diante.

– Como posso ensinar se ainda tenho tanto a aprender, meu Pai?

– Com a sabedoria que lhe dei. Ela o guiará nos momentos dif íceis.

Chegou a hora de realizar todo o seu potencial, Meu amado filho. Não o criei apenas para adorar o seu Deus, mas, principalmente, para que você alce vôo com as próprias asas.

– Não vou desapontá-lo, meu Senhor – disse Samael, orgulhoso da confiança de Deus, ainda que fosse indisfarçável a ansiedade em sua voz.

14

LÚCIFER

– Cuide bem de seus irmãos.

Samael partiu com os quatro bebês para a Cidade Prateada, enquanto Deus seguia para as Alturas, fora do alcance de seus olhos. A primeira tarefa de Samael foi encontrar acomodações para os irmãos. Sendo eles tão pequenos, Samael decidiu mantê-los em um mesmo aposento. E

esse foi o primeiro dos seus problemas. Pois, ao contrário de Samael, até então acostumado a repousar sobre o corpo do Senhor, os anjinhos pre-cisariam de outro tipo de suporte para dormir, e o chão não lhe parecia a melhor opção. Impossibilitado de recorrer a Deus por ajuda, Samael forçou a mente atrás de uma solução. Sua força criativa, nunca antes utilizada, demorou um pouco a funcionar. Mas, de repente, uma imagem surgiu-lhe.

– Esperem aqui por mim – disse Samael aos bebês. – Eu já volto.

Samael decolou em direção ao Quarto Céu, o das florestas belas e frias. Da maior delas, extraiu, de uma só mão, uma árvore de grosso tronco e raízes profundas. Deitou-a no solo e passou a arrancar seus galhos com espantosa agilidade. Ele carregou o pesado tronco nu de volta à cidade.

Agindo quase sem pensar, como que conduzido por uma misteriosa força interior, Samael depositou o imenso tronco no assoalho de uma das oficinas de trabalho. Ele poderia escavar a madeira com os próprios dedos, mas, de alguma forma, aquilo lhe pareceu contraproducente. Logo, decidiu prestar outra visita ao Quarto Céu.

Samael vasculhou aquelas terras com seus olhos angélicos, até que estes se detiveram em uma das montanhas. Ele mergulhou velozmente, entrando de cabeça pela parede sul da montanha, atravessando as várias camadas de rocha sólida e saindo pela base norte do pico. Ele arremeteu para a cidade, trazendo nas mãos uma maciça pepita de bronze seis vezes o tamanho de seu punho.

Samael desceu a uma das forjas. Ele, que levava dentro de si a chama primordial do Universo, fez crescer, por um momento, a luminescência de seu corpo, emanando uma

intensa chama de sua mão esquerda, a qual acendeu uma das piras. Usando o calor e os próprios punhos para martelar o metal, Samael forjou a primeira lâmina, afiando-a com as unhas.

Empregou-a para esculpir um cabo de madeira do tronco, na medida certa para afixá-lo à lâmina. Assim, Samael acabara de criar o primeiro machado. Com ele, ficou muito mais prático extrair da madeira *15*

outro cabo. E, de volta à forja, aproveitou o que restara do bronze para finalizar um martelo.

As novas ferramentas permitiram-lhe manufaturar os pregos e as ripas de madeira com os quais construiu quatro pequenas camas. Os anjos ficaram maravilhados quando as viram. Nelas, dormiram agradecidos e com prazer. Samael então montou uma cama para si, para descansar próximo aos seus irmãozinhos e guardá-los em seu sono.

Samael vencera seu primeiro teste real aos olhos de Deus. A criatura provara que também era capaz de criar. Com entusiasmo, ele se entregou à tarefa de educar aqueles pequenos seres, os quais, por sua vez, mostraram-se rápidos e dedicados aprendizes.

Samael começou pelos Quatro Céus. Ele apresentou aos seus irmãos as diversas instalações da Cidade Prateada. Levou-os para banharem-se nas águas celestiais do Segundo Céu; provarem os frutos incomparáveis do Terceiro; e explorarem os territórios do Quarto. Neste último, Samael procurou treinar-lhes os olhos angélicos para examinarem dentro das rochas, em busca de veios minerais que pudessem ser úteis.

À medida que as lições prosseguiam e seus irmãos cresciam, Samael ficou profundamente surpreendido com as diferenças que emergiam entre eles, as quais iam muito além das variações f ísicas. Ele jamais esperou que eles se distinguissem em personalidade.

Gabriel revelou-se o mais sábio e calmo deles. Nathanael, o mais divertido e esforçado em aprender. Camael, o das perguntas dif íceis e perspicazes. E Matraton, apesar de cumprir impecavelmente seus deveres, sempre calado e distante.

Ao tornarem-se rapazes, Samael convocou-os para o único salão até então mobiliado, com não mais que uma mesa de estudos e cinco cadeiras. Eles tomaram assento para a lição que tudo mudaria.

– O que é isso, Mestre Lúcifer? – perguntou Camael, apontando para as quatro peças de tecido cuidadosamente dobradas sobre a mesa e chamando Samael pelo nome que lhe haviam dado em sinal de respeito, Lúcifer, o Portador da Sagrada Luz.

– Essas são roupas que teci para vocês – disse-lhes Samael.

Os anjos estranharam, pois nada viam de errado em sua nudez, ainda que Samael estivesse sempre vestido em seu manto negro, o que eles tomavam como uma mera distinção de Deus para com Seu primogênito.

16

LÚCIFER

– Elas são feitas da seda dos “bichos de árvore” existentes no Quarto Céu – explicou Samael. – Vocês precisarão delas a partir de hoje.

Os anjos entreolharam-se. Mesmo Matraton esboçou certa curiosidade.

– Eu lhes ensinei a maneira correta de louvar o Senhor – rememo-rou Samael. – Como buscar repouso no Segundo Céu, comida no Terceiro e recursos no Quarto. Eu mostrei a vocês como fazer ferramentas e, com elas, resolver suas necessidades. Vocês provaram isso construindo as cadeiras que usamos e a mesa à qual sentamos. Nada mais me resta a instrui-los, a não ser no Mal.

– Mal? – repetiu Gabriel, sentindo seu coração pesar ao mero pro-nunciar da palavra.

– Vistam suas roupas e eu mostrar-lhes-ei – disse Samael, pondo-se de pé.

Ainda que desajeitados, de início, com as peças, cada anjo vestiu seu manto, todos de um branco tão puro que tocava o sagrado. Samael decolou, acompanhado por seus irmãos.

Os rapazes tremeram de pavor diante da Besta na mão esquerda de Deus. Eles sentiram-se gratos ao seu mestre por ter-lhes providenciado roupas para que escondessem as vergonhas. Samael, por sua vez, estava aturdido.

A Besta comportava-se diferente de antes; não mais irracional, movia-se agora de forma sub-reptícia, como se espreitasse a presa. Isso permitiu a Samael uma visão mais clara de todo o seu fascinante horror.

O ser sombrio possuía um corpo anelado e uma carranca de olhos sem órbitas, dotada de uma boca disforme com longas e afiadas presas. Ele voltou-se para Samael e os anjinhos como se quisesse devorá-los.

– A Besta adquiriu autoconsciência desde a última vez que nos vi-mos – explicou Deus, diante da interrogação estampada na face de Seu primogênito. – Ela agora chama a si mesma de Mefistófeles.

– O que ela busca? – questionou Camael.

– Destruição – respondeu o Senhor. – Sua meta é exterminar a Criação.

– Maldita seja a Besta – bradou Nathanael, com a concordância dos demais.

Mefistófeles riu-se deles e exibiu suas mandíbulas num grito animalesco de ódio e desprezo que percorreu toda a Criação e gelou o sangue *17*

MARCELO HIPÓLITO

até de Samael. Mas este se recusou a temer o Inimigo. Especialmente na presença de seu Pai.

– Vejam como o Mal é inofensivo perante o poder de Deus – disse Samael aos jovens. – Saibam como reconhecer a imundice e a perf ídia das trevas. E lembrem-se de que nós somos anjos. Criaturas de luz e vida.

Existimos para negar e combater a escuridão e a morte.

– Amém – clamaram em uníssono os rapazes, afastando o medo de dentro de si.

– É chegada a hora – disse Deus, recuando a mão esquerda para além de seus olhos e trazendo para junto deles a direita. Ele a abriu e de sua palma voaram vinte anjos bebês. Eles rodearam Samael e seus aprendizes. – Para cada um de

vocês, há cinco novos anjos que precisam ser ensinados. Ajam rápido, pois muitos outros virão.

– Sim, meu Senhor – disse Samael, inclinando-se. E voltou-se para os outros. – Vamos.

Os quatro aprendizes assentiram e partiram com Samael, escoltando os recém-nascidos para a Cidade Prateada. Samael viu seus aprendizes tornarem-se adultos, enquanto os bebês viravam meninos. Ainda que fossem ligeiramente mais lentos para aprender do que a geração anterior, Samael e seus assistentes entregaram a Deus, no prazo, vinte novos aprendizes treinados. O Senhor confiou-lhes então cento e vinte e cinco novos bebês. E essa geração foi mais lenta do que a anterior, e, assim, sucessivamente, até que, após os primeiros mil e quinhentos anjos, os níveis de imperfeição estabilizaram-se.

Todos os anjos que surgiram a partir daí detinham capacidades f í-

sicas e intelectuais muito semelhantes entre si. Porém, marcadamente inferiores às dos Serafins, ou Líderes, casta organizada por Samael para reunir os primeiros mil e quinhentos e comandar os Querubins, ou Zan-gões, casta inferior que aglutinava os demais.

Sobre essa primitiva hierarquia, Samael erigiu a estrutura adminis-trativa primordial dos Quatro Céus, a qual ainda evoluiria muito com a experiência e o crescente número de anjos. A população angélica estava em seiscentos e sessenta mil quando começaram a aparecer, para espanto geral, as primeiras fêmeas. De início, só um punhado delas, porém, logo se tornariam maioria nas novas gerações que surgiam.

Diante desse acontecimento inusitado, Samael foi ter com o Senhor.

18

LÚCIFER

– Meu Pai, o que são essas estranhas criaturas que nos envia? – perguntou Samael.

– Eu as escolhi para serem suas companheiras – respondeu Deus.

– Trate-as com o respeito devido a qualquer outro anjo.

– Mas elas parecem tão frágeis...

– Engana-se! – irritou-Se Deus. – Faça o que digo! Sem questiona-mentos!

– Perdoe-me, meu Deus. Eu buscava entender apenas para melhor servir.

– Entendimento não é necessário. Somente obediência.

Samael baixou a cabeça.

– Desse momento em diante, só virá à Minha presença se e quando for convocado – disse Deus, consternando Seu primogênito. – Há muitos de vocês agora e Eu tenho demasiado trabalho diante de Mim... você compreende?

– Sim... meu Senhor – mentiu Samael. Ele não compreendia.

– Vá agora, Meu filho. E continue cuidando da Criação em Meu Nome.

Samael foi-se para seu trono no Grande Salão da Cidade Prateada.

Lágrimas desciam de seus olhos. Ele se sentia amargurado e ferido.

Como Deus não tinha mais tempo para ele, quando por uma eternidade só houvera os dois?! Justamente os dias mais felizes de sua existência... Samael servira e amara o Criador incondicionalmente. Deus era tudo para ele, mas claramente descobria que ele não bastava a Deus. Seu coração estava tomado pelo ciúme. Para com tudo e todos. E esse era o caminho do Mal.

19

CAPÍTULO II Serafins e Querubins

Do alto de uma das raras colinas do Segundo Céu, os anjos Miguel e Ravel entretinham-se em um jogo muito popular entre seu povo.

– Bom lance – disse Miguel, trocando sua asa cansada pela outra para continuar a proteger-se da chuva que banhava suavemente as planícies ao redor. – Você está cada vez mais rápido. Em breve, terá de procurar por um oponente mais habilidoso do que eu.

– A Cidade Prateada perderá sua beleza antes que isso aconteça, velho amigo – riu-se Ravel, mantendo também uma das asas sobre a cabeça. – Você é um mestre no Gaborah. Tudo que faço é esforçar-me para acompanhá-lo.

A trágica amizade de Miguel e Ravel, motivo de inúmeras canções e versos angélicos até o final dos tempos, foi particularmente extraordi-nária naqueles primórdios, por envolver um Serafim e um Querubim.

Até então, era comum aos membros das duas castas não se envolverem fora do trabalho. A única exceção óbvia era

entre machos e fêmeas, uma vez que todas estas haviam nascido Querubins e tinham sido tomadas como companheiras tanto pelos Serafins quanto pelos Querubins machos. Mas não por todos. Miguel era um dos que haviam se recusado.

Diferentemente de seu bom amigo Ravel, que se casara com Azazel, a mais bela dentre todas as fêmeas, desejada por Serafins e cobiçada pelos *21*

próprios príncipes da Cidade Prateada, à exceção de Matraton, sempre sozinho e fechado em si mesmo. Porém, Azazel tinha o espírito inde-pendente, e seu coração livre ela entregou somente àquele que desejou: Ravel, de sorriso largo e caloroso, que amou Azazel no momento em que a viu e fora pego de surpresa ao ser correspondido por tão deslumbrante criatura. Pois Azazel tinha os olhos azuis como as cristalinas águas de Tamberiam, o maior dos oásis do Terceiro Céu. E seus cabelos eram de um dourado superior mesmo aos ricos veios de ouro das Gorthnens, as Minas Profundas, conjunto de infindáveis túneis escavados no rochoso e poeirento vale Gorth, íngreme divisória entre os montes Minarath e Krull, as duas colunas negras que se erguiam no extremo sul do Quarto Céu.

Todos os nomes, para todas as coisas e lugares conhecidos, haviam sido dados por Samael Estrela da Manhã, segundo a língua angélica e os desígnios de Deus. Príncipe Samael batizara até mesmo os anjos, a começar da terceira geração de Serafins.

Mas alguns nomes os anjos trataram de criar por si mesmos. Como o Gaborah, o Jogo da Mente, concebido por Nathanael

para a diversão de seus subordinados nos intervalos das tarefas, o qual logo se espalhou pelos domínios celestiais.

As peças usadas no Gaborah resumiam-se, na verdade, a uma das muitas pequenas espécies de animais que haviam surgido recentemente nos três planos abaixo da Cidade Prateada. Seu aparecimento provocara grande surpresa e comoção entre os Arautos do Senhor. Samael chama-ra-os de insetos, Asharemn ou Pequenos Desconfiados, sempre buscando refúgio e segurança nas sombras da vegetação ou sob a terra. Não que tivessem algo a temer dos anjos, que os amavam como às demais criações de Deus. Mas era da natureza tímida dos próprios insetos, que se mostravam então belos e desprovidos de ferrões, peçonha ou habilidade de voar. Pois o Mal, que tentaria todas as criaturas buscando subvertê-las, ainda não se abatera sobre eles.

Por isso, naqueles tempos de paz aparentemente eterna, os anjos ainda usavam carinhosamente os insetos como parte de suas brinca-deiras, sendo o Gaborah a mais célebre delas, por suas regras simples, porém desafiadoras. Usando o poder de sua mente, cada jogador fazia levitar do solo um conjunto de nove escaravelhos de uma respectiva cor, geralmente preto ou cinza. Aquele cuja mente primeiro formasse, no ar, *22*

LÚCIFER

com seu conjunto, uma figura tridimensional obtinha a vitória. O jogo combinava disciplina mental e criatividade, pois jamais se podia repetir uma figura feita por si mesmo ou pelo adversário. Para tanto, contava-se não apenas a partida atual, mas todas as disputadas por um anjo. Não havia o risco de trapaças porque anjos não trapaceavam. Esse problema só surgiria mais tarde, quando outros vieram a praticar o Gaborah.

Miguel e Ravel estavam para iniciar nova rodada, quando um mensageiro chegou num bater de asas, um Querubim portando o estandarte de Samael, um fundo negro desaparecendo sob incontáveis raios de luz branca explodindo do seu centro.

– Miguel, Serafim da Vigésima Oitava Ordem, os Cinco da Cidade Prateada convocam-no a comparecer perante o Grande Salão – anunciou o mensageiro.

– Receio que teremos de continuar nosso jogo mais tarde, meu ir-mão – disse Miguel, com um sorriso para Ravel. Um sorriso que disfar-

çava sua ansiedade diante da magnitude daquele chamado.

Ravel acenou com a cabeça, despedindo-se de Miguel, que partiu atrás do mensageiro. Preocupado com o amigo, mas nada havendo que pudesse fazer, e restando-lhe ainda seis Ciclos antes de precisar retornar ao trabalho nas forjas de Tormel'ab, no distrito sul do Primeiro Céu, Ravel decolou para o extremo leste do Segundo Céu. Lá, o sinuoso rio Iamujj desaguava na vastidão da Oerpeb, a Lagoa Elíptica, marcada pela diminuta e solitária ilha que Samael batizara Iarth Analel, Berço Verde, devido à sua relva brilhante e perfumada, mas que passara a ser conhecida como Moen Atpeb, Altar das Águas, depois que Ravel e Azazel a escolheram para a celebração de seu matrimônio.

Para os anjos, o casamento era uma cerimônia restrita aos noivos, que trocavam seus juramentos de união eterna perante Deus como úni-ca testemunha. Por esse motivo, Azazel amava aquela pequenina ilha mais do que qualquer outro lugar, passando nela boa parte de seu tempo, geralmente reproduzindo em telas as paisagens encantadoras que se descortinavam ao seu redor. Um

trabalho capaz de estender-se pela eternidade, pois incontáveis eram os matizes de luz que cintilavam pela relva insular e infinitas as combinações de cores que enfeitavam as águas límpidas da Oerpeb, cada qual implorando para ser imortalizado pelos diferentes pigmentos criados por Azazel, cuidadosamente extraídos

de diferentes tipos de flores e troncos de árvores, como tinta para suas pinturas.

Daí, a certeza de Ravel que encontraria sua esposa diante de seu cavalete montado na Moen Atpeb, tendo às mãos a paleta e o pincel que ele próprio havia esculpido para ela, visto que Ravel era tão habilidoso em dar forma à madeira quanto ao metal.

Azazel estava absorta em sua arte quando o marido a arrebatou.

Eles se amavam tanto que palavras se tornavam desnecessárias em tais ocasiões. Suas bocas preferiam ocupar-se em beijos ardentes, deixando toda a conversa para o balé sensual dos corpos. Desfazendo-se rapidamente de seus mantos brancos, marido e esposa rolaram nus sobre a relva, num enroscar de braços, pernas e asas, que se tornou mais intenso ao se unirem de forma apaixonada e profunda.

Azazel gemia e arfava no ritmo cadenciado de Ravel. Enlouquecida de prazer e, ao mesmo tempo, desejando escapar, Azazel procurava desvencilhar-se daqueles braços poderosos. Contudo, Ravel conhecia bem demais sua esposa e segurava-a firmemente pelos pulsos.

Tudo que Azazel conseguiu foi girar seu corpo sobre o dele, termi-nando sentada naquele colo incansável. Em sua doce agonia, ela batia as asas, tentando arremeter para o firmamento. Ravel, por sua vez, an-tecipava cada um de seus movimentos. Ele a prendia firmemente pela cintura, mantendo-se juntos como se fossem apenas um. As asas dele co-meçaram a acompanhar o ritmo das dela. Levantaram vôo numa dança de amor que se dava sob a forma de giros e rodopios, tão elevados que a Moen Atpeb ficou reduzida a um minúsculo pontinho verde, perdida na colher de água azul, na qual, longinquamente, transformara-se a Lagoa Elíptica.

Por fim, Azazel desfez-se em inigualável prazer, todo o seu ser con-traiu-se, da cabeça aos pés, da ponta dos mamilos às extremidades de suas asas. Vencida e saciada, ela quedou-se imóvel nos braços de Ravel, que planou carinhosamente com ela de volta à relva macia da Moen Atpeb. Ele a deitou de costas sobre aquele tapete verde e retomou seus movimentos de cintura que homenageavam a beleza e a formosura de Azazel. Ele alcançou um ápice inesquecível no interior da mais bela criatura que o Universo jamais conheceu.

Então, a loucura do desejo recíproco deu lugar à troca de carícias e beijos suaves entre os dois anjos nus que amavam a Deus sobre todas as *24*

LÚCIFER

coisas, mas sabiam celebrar a dádiva de seu Criador como nenhum outro casal, naquele seu pequeno recanto particular no Segundo Céu.

†

———

———

O mensageiro perfilou-se no Grande Salão, anunciando a presença do Serafim Miguel aos quatro príncipes sentados em seus tronos de ouro ornamentados com magníficas jóias. O quinto trono, maior e mais imponente, central em relação aos demais, encontrava-se vazio. Havia algo nele que perturbou Miguel. Um certo orgulho que parecia celebrar a si próprio em vez da glória de Deus.

Miguel procurou afastar tal pensamento, pois era indigno imaginar que algum anjo alimentaria orgulho a si mesmo em detrimento do Senhor. Ainda mais naquele local abençoado.

O Grande Salão fora erigido pelo Criador precisamente para celebrar a aliança com Seus filhos. Mesmo os Cinco jamais deixavam de se impressionar com a beleza e as dimensões do recinto, inigualáveis a quaisquer padrões conhecidos. Suas colunas de ardósia negra eram as mais altas e seu piso de ônix branco, o mais reluzente da Cidade Prateada.

Aquela era a primeira visita de Miguel para além dos imensos portões brancos, entalhados de cima a baixo com palavras de louvor ao Todo-Poderoso. Não era de se estranhar, portanto, seu estupor e admiração perante tamanho esplendor.

– Seja bem-vindo, Miguel – disse Nathanael, com um sorriso tão terno quanto característico.

Miguel curvou-se em uma respeitosa mesura.

– O que os Primeiros desejam deste humilde servo do Deus Todo-Poderoso? – perguntou Miguel, antevendo, em seu íntimo, o motivo daquela convocação.

– Explicações – pronunciou-se Camael, com severidade. – Explicações do porquê de um Serafim recusar-se a obedecer ao plano do Senhor.

– E ainda mais grave – emendou Gabriel. – Incitar outros a segui-lo em seu erro.

– Se Vossas Excelências referem-se ao movimento que iniciei, asse-guro-lhes que não incorro em erro algum.

Gabriel ergueu uma sobrancelha em desacordo. Camael tinha uma expressão de genuína curiosidade. Nathanael exibia seu usual descon-25

forto com o que fugia à rotina. Já Matraton, como de hábito, mostrava-se desinteressado. Seu rosto, uma máscara fria e indiferente diante do mundo exterior. Uma barreira intransponível para os pensamentos que guardava apenas para si mesmo.

– Não incorre em erro? – irritou-se Gabriel. – O Criador mandou-nos as fêmeas para que fizéssemos delas nossas companheiras. Seu

“movimento” é uma negação direta a esse preceito divino.

– E levanta dúvidas e incertezas – completou Camael. – Por suas ações, matrimônios que haviam sido celebrados não foram consumados ou se encontram em dissolução. Os poucos anjos que restavam tomar um parceiro ou parceira agora se recusam a fazê-lo.

– Eu compreendo suas inquietações, meus senhores. Mas eu jamais, em momento algum, negaria um preceito divino. Nenhum anjo faria isso – defendeu-se Miguel. – Ao contrário

dos Cinco, criados para reinar em Nome do Pai, ao restante de nós foi concedida a graça de escolher nosso trabalho segundo nossas aptidões e nossos amigos mais próximos segundo nossas afinidades.

– Para isso, Deus deu a cada anjo uma personalidade – acrescentou Nathanael, com a espontaneidade que lhe era peculiar.

– Exato, meu príncipe – disse Miguel. – Por que então, pergun-tei-me, Deus não nos concederia a mesma graça quanto à lei do matrimônio?

Podia-se ver a discordância nos olhares dos príncipes. Exceto no de Matraton, vazio e ausente.

– Porque não cabe a um anjo interpretar as palavras de Deus – disse Samael, surgindo por detrás de seu trono. Miguel baixou a cabeça diante do Primogênito. – As palavras dEle são claras, justas e poderosas. Seu amor por nós é infinito.

– Sim, meu senhor.

– Nosso Pai enviou-nos as fêmeas e os prazeres que elas oferecem precisamente como prova de Seu amor. O que são vocês, Celibatários, senão o desdém a esse presente divino?

– Nós não condenamos o presente e nem aqueles que o aceitam.

Apenas consideramos o matrimônio uma distração à nossa tarefa principal, louvar o Todo-Poderoso.

– Essa decisão não é sua.

– Eu sei disso, milorde. Por isso, antes de trilhar tal caminho, per-guntei a Deus se eu agia ao agrado dEle.

Gabriel e Nathanael entreolharam-se, surpresos. Camael inclinou-se para frente em seu trono, com grande interesse. Uma faísca de vida brotou na face de Matraton. Samael, contudo, riu-se, incrédulo.

– Deus falou com você?

Miguel assentiu.

– Há tempos, Deus não permite ninguém à Sua presença – disse Samael. – Eu saberia se você tivesse ascendido além das torres da Cidade Prateada para estar junto a Ele.

– Não é preciso ir até o Criador para ouvir Sua palavra – disse Miguel. – Você pode fazê-lo de qualquer lugar. Eu o consegui de meus aposentos.

Samael gelou.

– Como? – perguntou Camael.

– Minhas dúvidas sobre o celibato eram excruciantes – contou Miguel. – Aflito, vi-me pedindo ao Pai, durante minhas preces, por uma resposta que cessasse meu tormento. Em Sua imensa misericórdia, Ele a concedeu. Sua voz sussurrou em minha mente para que eu seguisse o caminho de meu coração.

Samael estava aturdido. Deus afastara-o de Sua presença, e agora Samael descobria que Ele falava com outros às suas costas! A mágoa crescia no peito do Primeiro.

– Deus está em todos os lugares e pode falar com qualquer um de nós. Basta orar – disse Miguel. – Como podem ver, meus príncipes, os Celibatários existem sob a bênção do Criador. Ele aceita os casados e também aqueles que preferem se dedicar unicamente a louvá-Lo.

Samael deixara de ouvir as últimas palavras de Miguel. Pensamentos conflituosos debatiam-se dentro dele como uma tormenta. Ciúmes e inveja. O mais belo, orgulhoso e perfeito dos anjos não merecia ser tratado como os demais. Ou menos do que qualquer outro. Ele era bom demais para isso. Ser o Príncipe-Regente da Cidade Prateada não lhe bastava. Ele queria muito mais. Ele desejava Deus só para si.

Lutando contra tais sentimentos e idéias, Samael retirou-se do Grande Salão para a solidão da câmara particular de seus aposentos, longe até mesmo dos olhares preocupados de suas cinco esposas. Pois, se a maioria dos machos havia tomado para si uma única fêmea como *27*

esposa, coube aos Serafins de melhor posição o direito de possuir de duas a quatro consortes. Sendo o Primogênito, Samael desfrutou do maior quinhão, as cinco mais belas fêmeas da Criação, depois de Azazel. Seus nomes eram Prosperine, Rosier, Verrier, Astarte e Eisheth.

Trancado em sua câmara, Samael ajoelhou-se e rezou na escuridão por longos Ciclos. Ele o fez com toda sua vontade e fé, mas o Senhor não lhe respondeu. Pois Samael não pedia por ajuda ou conforto. Apenas, pelo anseio egoísta de ser o favorito de Deus.

Tomado pelo desespero, Samael destruiu, numa fúria, os luxuosos móveis de sua pequena câmara. Amargurado, arrastou-se até a única janela do recinto. Um vão profundo,

estreito e alto, através do qual Samael gostava de contemplar as trevas que existiam além dos domínios dos Quatro Céus, sempre que buscava por silêncio e meditação.

Mas, dessa vez, Samael Estrela da Manhã viu algo inteiramente diferente. Algo que o pegou de surpresa, e que não se achava ali da última vez, meros Sete Ciclos atrás, quando ele meditara diante daquela mesma janela. Longínqua, no vazio, uma pequena luz branca cintilava, teimo-samente, como que lutando para escapar à escuridão eterna que parecia querer engolfá-la.

E Samael deixou a câmara, ignorando suas esposas, preocupadas e ainda assustadas com o som da destruição que ele promovera, e seguiu diretamente para a cobertura do palácio. Fascinado, ele admirou, no horizonte distante, aquela diminuta luz a provocar sua curiosidade. Sem pensar, o Primogênito decolou em direção ao seu destino.

Dotado de seu brilho natural, Samael parecia, por si só, uma cente-lha de luz branca, perdida na imensidão de trevas que o circundavam.

E foi longa e cansativa a jornada de Samael até o estranho ponto luminoso. Mas, ao se aproximar dele, Samael foi recompensado com a estonteante visão de suas reais dimensões e formas. Pois era enorme sob qualquer parâmetro. Muito maior do que todos os Céus juntos. Além disso, não era uma única luz, mas um conjunto de luzes. Milhões delas.

Não, bilhões. Nas mais variadas cores e desenhos. Elípticas, espirais, es-féricas, brancas, amarelas, azuis, vermelhas... De uma beleza só comparável aos próprios olhos do Senhor. A essas luzes, seria dado o nome de galáxias.

E Samael ficou ainda mais admirado ao perceber que essas galáxias eram, na verdade, formadas por bilhões de luzes ainda menores, as quais viriam a ser conhecidas como estrelas.

Absorto que estava Samael perante tamanha obra, tarde demais se deu conta de que planara para dentro da Grande Luz. Foi como se Samael sentisse o impacto do punho do próprio Criador sobre cada fibra de seu ser. Como a água que se transforma em gelo com o frio extremo, o corpo espiritual de Samael condensou-se em um corpo f ísico.

Samael sentiu seus sentidos aguçarem-se. Pela primeira vez havia calor em sua pele, saliva em sua garganta e um coração batendo em seu peito, bombeando sangue por veias que antes não existiam. Ele precisou usar as mãos para proteger os olhos, de repente sensíveis à forte incandescência que havia ao seu redor.

Ainda que arrebatado e confuso, Samael decidiu seguir adiante e explorar o jovem Universo que se descortinava diante dele. Estranha-mente, seus instintos angélicos atraíram-no, dentre tantas galáxias vastas e belas, justo para uma de aparência mais modesta e desinteressante, uma espiral de proporções medianas, fortemente iluminada no seu centro.

Quanto mais se aproximava dela, mais Samael descobria o quanto a riqueza de detalhes de uma galáxia ia muito além das estrelas. Havia nebulosas, quasares, berçários cósmicos, tempestades de íons e alguns buracos negros primordiais.

Em seu vôo pelos braços externos da espiral, Samael deparou-se com gigantes circundando as estrelas. Aqueles que viriam a ser chamados de planetas. E que esses

planetas também diferiam em aspecto e estrutura. Alguns eram gasosos, outros, rochosos; alguns, quentes, outros, frios. Não havia um planeta idêntico ao outro. Como os anjos, cada um era único em sua própria forma.

Quando acreditava que nenhum novo achado poderia voltar a surpreendê-lo, Samael descobriu para onde seus instintos haviam-no guia-do durante todo tempo. Um pequeno planeta azul apresentou-se diante dele, girando mansamente em torno de uma estrela monótona.

Descendo até ele, Samael encontrou um mundo fervilhando de vida, não como a conhecia nos Quatro Céus, mas de natureza livre e nervosa, desprovida daquele senso de ordem, tranqüilidade e passivida-de que caracterizavam os anjos e demais seres espirituais. Mais do que tudo, os animais de carne viviam e morriam.

A morte foi um profundo choque para Samael. Pois no mundo espiritual tudo era eterno. Já no mundo corpóreo, convivia-se com a finidade; após um tempo as criaturas deixavam de existir. De tudo que apreendeu em sua estada na Terra, o conceito da morte foi o que mais abalou Samael. Ele só podia agradecer pelos animais corpóreos serem irracionais, e, assim, não conscientes de seu trágico destino.

Naquela era, o Mal ainda não havia pervertido os animais em predadores que violavam a carne dos mais fracos. Por então, eles alimen-tavam-se somente de plantas. E a morte era causada apenas por velhice ou acidente.

Samael passou muito tempo naquelas paragens, banhando-se nas águas claras, fazendo amizade com os bichos,

deliciando-se com as brisas dos fins de tarde e o calor das manhãs no seu rosto, descobrindo a beleza da noite e do dia, do amanhecer e do crepúsculo. Mas, principalmente, dormindo sob o céu de um Universo imberbe, dotado de tantas estrelas, como nunca mais se veria, que iluminavam as florestas e bosques sob um oceano de luz prateada.

Era um mundo que enchia o coração de Samael de alegria e paz.

E, justamente por isso, tornou-se tão dif ícil para ele partir. Certamente, aquelas maravilhas eram obras de Deus das quais os anjos deveriam tomar conhecimento. Todavia, crescia o conflito nele. Um desejo nascente e inconfessável de manter aquele mundo apenas para si. Um egoísmo que o envergonhava, mas que era cada vez mais dif ícil de negar.

Samael torturava-se imaginando formas de mostrar aos seus ir-mãos o Universo e, ao mesmo tempo, ocultar-lhes a Terra. Mas como isso seria possível? Não sentiriam eles a mesma compulsão que o atraíra para a Terra em primeiro lugar? E, mesmo que conseguisse ludibriá-los, o que impediria Deus de revelar a eles o mundo?

Esses pensamentos atormentavam-no, o desejo de posse enraizara tanto em sua mente que Samael já não aproveitava mais o espetáculo de uma alvorada ou o simples prazer de voar por entre as nuvens sob o Sol quente. Amargo, ele começou a maltratar os animais, pelos quais havia demonstrado tanto afeto. Sua obsessão doentia fazia com que se reco-lhesse à escuridão e ao silêncio das cavernas que encontrava, onde, como em sua câmara na Cidade Prateada, refugiava-se, livre de distrações, para meditar e ordenar seu raciocínio.

LÚCIFER

Samael passava os dias concatenando planos mirabolantes e irrea-lizáveis para enganar seus irmãos. Porém, todas as suas divagações se esvaeceram num dia frio e cinzento, sob o soar de milhares de asas que se aproximavam. Tantas que pareciam trovões de uma furiosa tempestade. Uma falange de anjos despontou no horizonte. Eram centenas deles, chegando ao novo mundo.

Pego de surpresa, Samael afastou-se rapidamente, oculto sob as sombras das florestas como um espectro miserável. Haviam violado a santi-dade daquele mundo. Seu mundo! Mas o ódio que experimentou pelos anjos logo se converteu em medo. De que descobrissem a verdade.

Afinal, como poderia explicar a eles o tempo que passara naquele lugar sem ter-lhes comunicado sua existência? Seu trono na Cidade Prateada estaria ameaçado se o encontrassem por ali. E, agora que o segredo estava quebrado, seu título e privilégios como Príncipe-Regente eram tudo que lhe restava.

Tomado pela dissimulação, Samael esperou pacientemente pelo manto da noite e, esgueirando-se furtivamente pelos topos das montanhas, decolou para longe daquele mundo e de seus irmãos intrometidos.

Ele voou o mais rápido que pôde para fora do Universo. E, ao fazê-

lo, sua forma corpórea retornou à espiritual. Contudo, sua cobiça, raiva e revolta nunca mais deixariam de acompanhá-lo. Ele apenas tratou de disfarçá-las de seus pares com grande esforço e competência ao regressar à Cidade Prateada.

Samael foi recebido com pompa, preocupação e surpresa. Os anjos haviam se inquietado terrivelmente diante de sua súbita e prolongada ausência. Especialmente por que ela se dera ao mesmo tempo que anjos, pelos Quatro Céus, haviam avistado o pequeno ponto luminoso distante na escuridão. Mesmo assoberbados pela curiosidade, longamente eles esperaram pelo retorno de Samael, antes de finalmente decidirem despachar uma expedição até a misteriosa luz.

– Eu encontrei um refúgio no Quarto Céu, tão profundo quanto as Gorthnens, para meditar e rezar. Eu jamais poderia imaginar que algo tão inusitado surgiria, demandando minha presença com tamanha urgência

– mentiu Samael, e muitas outras mentiras ainda viriam, as quais, dentre seus incontáveis nomes, tornar-lhe-iam Satã, o Enganador.

Mas então a reputação de Samael permanecia imaculada, como a de qualquer anjo, e seus irmãos tomaram sua palavra fielmente e nela acreditaram.

– Falem-me da expedição que enviaram – pediu Samael.

– Nathanael e Camael partiram há três Ciclos, liderando uma falange de Querubins para investigar a estranha luz, com ordens de não se demorarem mais do que o necessário – disse Gabriel, referindo-se às falanges como então definidas, grupos de trabalho compostos por mil e quinhentos anjos, e não os destacamentos de combate em que mais tarde se transformariam.

Samael assentiu. Ele esperaria pelo retorno deles, e então conven-ceria os outros a montar um posto avançado no novo mundo, onde ele estava determinado a residir e reinar. Infelizmente, ele teria de dividi-lo com os demais, mas este era um mal menor a perdê-lo por completo.

Em silêncio, sua mente ocupava-se pensando em quem ele deixaria no comando da Cidade Prateada. A escolha óbvia seria Gabriel, contudo, em seu íntimo, ele preferia Matraton, pois sentia uma peculiar identificação com o Anjo do Silêncio. Suas maquinações íntimas, entretanto, foram subitamente interrompidas quando seu brilho natural se intensificou e expandiu-se pelas torres e muros da Cidade Prateada.

Naquele instante, Samael esqueceu-se de suas cobiças e frustrações, enterrando-as, mesmo que não fundas o bastante, no seu coração, que se anuviou. Pois aquele era um sinal de Deus. Ele chamava o Primogênito à Sua presença. E Samael chorou de alegria por isso.

CAPÍTULO III Mefistófeles

Samael estava tomado de um misto de júbilo e saudade quando se apresentou diante do Todo-Poderoso. Ele esperava que seu Pai lhe falasse do Universo que criara e do maravilhoso mundo que existia nele. Pois agora aceitava um pouco melhor por que Deus estivera tão ocupado.

Ainda assim, ele preferia ter estado admirando Sua face, cantando Sua glória e louvando Sua magnificência. Afinal, tudo mais empalidecia perante o amor de Deus.

Contudo, o Criador surpreendeu Samael com uma expressão triste e voz grave.

– Meu filho, algo terrível aconteceu – disse o Altíssimo.

Samael comiserou-se ao vê-Lo daquela forma – O que O preocupa, meu Senhor?

Deus ergueu Sua mão esquerda, revelando-a vazia. Samael gelou.

O Mal, que Deus mantinha sob controle, a grande serpente sombria de ódio e destruição, havia escapado.

– Falsidade e mentira são os caminhos do Mal – disse Deus. –

A Besta urdiu truques, e da Minha misericórdia aproveitou-se. Pois, com o passar das eras, a Besta encolheu entre Meus dedos e fraca parecia ter se tornado. Ela suplicou para que Eu aliviasse a pressão sobre ela. Recean-do machucá-la, Eu o fiz. Mas, se ela diminuíra de tamanho, crescera em *33*

ardil e malícia e, esguia, desvencilhou-se e fugiu. Tremei, pois poderoso é o desejo da Besta de espalhar a corrupção e a ruína.

– O que posso fazer? – perguntou Samael, desprendido.

– Peço-lhe seu perdão, Meu filho, por requerer de você algo que Me é impossível praticar. Violência. Ainda que seja contra o flagelo da Besta, que anseia unicamente pelo fim da Criação.

– Farei o que precisa ser feito, Pai – disse o anjo, e havia orgulho e determinação na sua voz. – Em Seu Nome.

– Mantenha o coração puro e atento, Meu doce Samael. Pois sedutor é o Mal e forte, sua tentação. Tenha cuidado ou a ele

sucumbirá.

Samael assentiu.

– Sabe para onde a Besta se evadiu, meu Senhor? – perguntou o Primogênito. – Por onde eu deveria começar a procurá-la?

Samael teve sua resposta antes que Deus a oferecesse. Pois golpes de ar frio arrepiaram-no de cima a baixo, enriçando as penas de suas asas. Cada golpe de ar anunciava a passagem de um tênue espectro feito de uma luz opaca e morta. Alguns espectros cruzavam ao lado de Samael. Outros passavam através dele como um suspiro de mau agouro.

Mas todos seguiam diretamente para Deus, onde mergulhavam, para nunca mais serem vistos.

– Esses são restos de anjos mortos – disse o Criador, com a voz embargada. – Suas essências retornam a Mim quando eles deixam de existir.

De uma forma estranha, Samael podia sentir cada um deles, e reconheceu alguns como parte da falange enviada à Terra, segundo os registros que Gabriel lhe havia passado.

As essências de mil e quinhentos anjos entregaram-se a Deus, mas não havia sinal dos dois Serafins que os comandavam, Nathanael e Camael. Ainda assim, estava claro que a Besta chegara ao novo mundo.

Samael despediu-se de Deus e seguiu com urgência de volta à Cidade Prateada. As tenebrosas notícias que ele carregava se espalharam como ondas de choque entre os habitantes angélicos. Era dif ícil distinguir o que era mais perturbador, a descoberta de quão frágil podia ser a imortalidade

angélica, a fuga da Besta ou o misterioso paradeiro de Nathanael e Camael. Estes, se haviam conseguido escapar, poderiam encontrar-se feridos ou desorientados. Por precaução, Samael despachou uma patrulha para a fronteira dos planos espiritual e f ísico, caso Camael *34*

e Nathanael conseguissem alcançá-la. Contudo, a patrulha tinha ordens estritas de não a cruzar. Samael não pretendia perder mais nenhum de seus irmãos ao Inimigo, cujo poder estava além da compreensão dos anjos. A Besta não era, por definição, uma criatura, mas parte do próprio Criador. Logo, as chances de Samael subjugá-la pareciam muito remotas.

Ainda assim, ele tratou de preparar-se da melhor maneira para seu inevitável confronto com a Sombra Negra de Deus.

Samael encomendou a Leviatã, chefe dos ferreiros da Cidade Prateada, uma lâmina inovadora e revolucionária, baseada nas facas que os anjos empregavam para talhar madeira ou fatiar pães. Porém, seu fio era bem mais longo e resistente. Ela foi forjada com as mais poderosas ligas e afiada com um esmero e dedicação jamais igualados. A impressionante arma ganhou um sólido punho de jade maciço, incrustado por três largas jóias, representando Deus, os anjos e a Sagrada Aliança. Assim, surgiu a mãe de todas as espadas, que Samael chamou Enoli, a Vingadora, brandida para punir a Besta pelos anjos que havia ceifado.

Pronto para a sua luta na Terra, Samael foi interpelado por uma multidão de Serafins e Querubins que desejavam acompanhá-lo em uma missão que todos sabiam suicida. Nenhum outro gesto simbolizou melhor o caráter nobre e a dedicação ao dever inatos à raça angélica.

Samael tentou dissuadi-los. Em parte, para poupar seus irmãos da violência e da dor. Pois ainda havia bondade em Lúcifer Estrela da Manhã naqueles dias. Mas também havia o orgulho de travar sozinho aquela batalha em honra a Deus. E parte dele desejava essa glória somente para si.

Foi preciso Samael recorrer à sua autoridade de Príncipe-Regente para que os outros o acatassem. Gabriel considerou aquela uma decisão temerária. Ainda que Samael fosse o mais poderoso dos Serafins, como poderia, apenas por si só, derrotar a Besta, que eliminara uma falange inteira? Contudo, a Gabriel, como anjo, coube resignar-se e obedecer.

Mas nem todos compartilhavam o mesmo servilismo. Enquanto Samael partia da Cidade Prateada, uns poucos, como Leviatã, tinham seus próprios planos.

†

———

———

Na beira do Universo f ísico, Samael avistou a patrulha que enviara à frente. Ele mandou que retornassem ao Primeiro Céu. Mesmo desejando segui-lo, eles deram meia-volta e partiram.

Samael penetrou no Universo, experimentando o prazer indescri-tível de retornar à forma corpórea. Entretanto, não dispunha de tempo para aproveitar as sensações f ísicas. Ele avançou e encontrou o mundo que considerava seu

maculado por uma imensa névoa negra que se espalhava sobre um dos continentes do hemisfério sul.

Cegado pela cólera, Samael mergulhou por entre as ácidas nuvens de cinzas escuras. Ao despontar através delas, ele deparou-se com um ambiente devastado que lhe arrancou lágrimas. Onde antes houvera planícies verdejantes e grassara toda a sorte de animais, agora se via apenas desolação e poeira. O solo estava estéril, rochoso e quebradiço. Enormes vulcões erguiam-se, ameaçadores, por todos os lados, suas bocarras horrendas cuspindo rios de lava e colunas de vapores tóxicos que impreg-navam o ar com o odor da morte. Naquele lugar maldito, os raios do Sol não ousavam penetrar. Aquela era, sem dúvida, a morada das trevas e o cemitério da Criação.

Samael avançou, cautelosamente, por meio de vôos curtos, de uma encosta de vulcão para outra, o mais sorrateiramente possível. Ainda assim, cada curva, cada encosta que alcançava parecia-lhe a última. Pois a Besta estaria espreitando-o, pronta para dar o bote e devorá-lo.

Felizmente, contudo, Samael não foi avistado antes de localizar o Monstro. O gigante sombrio descansava enroscado sobre si mesmo, ocupando preguiçosamente um vale inteiro com seu nojento corpo es-camoso. O único sinal de movimento que a Besta emitia vinha de sua descomunal cabeça, alerta, perscrutando na direção oposta a Samael.

Com receio de que o Inimigo captasse o som de suas asas, Samael prosseguiu caminhando. Seus pés angélicos tocavam descalços o solo de pedras soltas com tamanha leveza que elas nem se moviam. Cuidadoso, atingiu o cume careca de uma montanha encravada entre dois vulcões e ocultou-se atrás da maior rocha que encontrou. De onde

estava, sua visão era ainda mais nítida, o que fazia a Besta parecer ainda maior e mais terrí-

vel. Sua sombra opressora caía pesadamente sobre Samael. Ele experimentou um forte impulso de correr dali para esconder-se na mais profunda das cavernas. Ou simplesmente gritar para que a Besta desse fim ao seu tormento. Porém, mais forte provou-se a vontade do Primogênito, e ele agüentou firme diante do horror maligno que se oferecia à sua frente.

Samael percebeu que o Monstro fazia gestos ameaçadores com a cabeça e, em seguida, ria-se em meio a grunhidos medonhos que faziam

gelar a espinha. Inicialmente, ele chegou a perguntar-se se a Besta estava louca, pois nada havia aonde ela dirigia o olhar.

Foi quando Samael percebeu uma estreita fenda no sopé de um vulcão. Forçando os olhos, ele vislumbrou Nathanael e Camael refugiados no interior sufocante da fenda. Camael apresentava cortes e inchaços pelo corpo. Nathanael parecia em melhores condições. Contudo, ambos estavam visivelmente abalados diante da tortura que o mero olhar do Inimigo provocava.

Samael começou a divisar um plano de ataque quando a Besta se empertigou, farejando desconfiada o ar ao redor. Tudo aconteceu de forma tão rápida que Nathanael precisou reconstruir mentalmente a cena que transcorreu diante de seus olhos para poder compreendê-la. A cauda da Besta atingiu a montanha entre os dois vulcões ao norte do vale com tamanha força que a arrancou do chão. A montanha

inteira voou para além do horizonte, indo cair no oceano do outro lado do mundo.

No lugar da montanha, restou uma densa nuvem de poeira que, ao assentar, revelou Samael, pairando no ar, desafiador, tendo escapado por um triz do repentino ataque do Inimigo, o qual babava de ódio irracional.

– Veja, Camael – disse Nathanael, estupefato. – É Mestre Lúcifer!

Ele veio nos salvar!

Enfraquecido, Camael limitou-se a erguer os olhos. Sua expressão era de desalento, por Samael não ter a menor chance contra o que se lançava a ele.

A Besta saltou sobre Samael como uma mola que libera toda a sua tensão. Samael desviou-se dela, no último instante, para não ser esmagado, e desferiu, com Enoli, um golpe certeiro contra a base da gigantesca serpente, a qual passou raspando sobre ele e foi aterrissar fora do vale, pulverizando meia dúzia de vulcões sob seu peso titânico.

O mar de lava que brotou dos vulcões arrasados era inofensivo para o Monstro. Contudo, o mesmo não valia para uma arma forjada nos Quatro Céus. Um corte pequeno, mas dolorosamente profundo, queimava agora debaixo da Besta, redobrando sua raiva àquela insignificante criatura que tinha a petulância de desafiá-la.

– Eu sou Mefistófeles, a Sombra Renegada de Deus – disse a Besta, com uma voz que fez tremer as fundações da Terra. – Aquele que se levanta contra mim pagará mil vezes em tormentos e agonia.

– Vai aprender que a mão do Senhor não era sua prisão, Serpente do Mal – disse Samael, brandindo a espada. – Mas seu abrigo contra o fio de Enoli, a Vingadora.

Eles arremeteram um para o outro numa fúria ensandecida. A diferença de tamanho e agilidade fazia de Samael um mosquito diante de Mefistófeles. Ainda assim, ele conseguia ferir a Besta em diversos pontos, com o sangue negro brotando dos pequenos furos. O Inimigo serpenteava para todos os lados num esforço para atingir Samael. Cada salto, cada rodopio da Besta massacrava montanhas, estremecia placas continentais, abria e soterrava vales.

A batalha mostrou-se longa e penosa. A Besta sangrou de forma abundante, mas nunca fatal. Samael, vencido pela exaustão, acabou derrubado por uma cabeçada do Monstro. O impacto de suas costas contra o chão rochoso deu-se defronte à fenda de onde Nathanael e Camael estavam fracos demais para fugir. A queda de Samael foi tão forte que boa parte de suas costelas se partiram. Enoli caiu longe de seu alcance.

Samael provou uma dor intensa que o fez lutar para se manter acor-dado. Com um sorriso debochado, a Besta aproximou-se lentamente do Primogênito, saboreando cada momento que antecedia o golpe final. Ela baixara as mandíbulas fétidas para devorar Samael, quando, de repente, gritos vindos de trás a fizeram virar-se.

Doze anjos, todos ferreiros da Cidade Prateada, tendo à frente seu líder, Leviatã, vinham numa carga insana contra a Besta. Eles empu-nhavam um tipo de lança de três pontas, que o próprio Leviatã criara e dera o nome de tridente. Eles arremessaram seus tridentes num ataque desesperado.

Todavia, estes não possuíam o corte da poderosa Enoli, batendo inutilmente contra as grossas escamas do Inimigo, sem causar um arranhão sequer.

Corajosos, mas temerários, os anjos passaram de algozes a vítimas.

Um após o outro, Mefistófeles estraçalhava-os entre suas presas grotescas. As essências dos ferreiros ascendiam para longe daquele mundo, direto ao seu merecido repouso junto a Deus.

Quando restava apenas Leviatã, encurralado a uma parede de destroços e lava flamejante, do que antes fora um dos vulcões esmagados sob a Besta, Samael, reunindo as forças que lhe restavam, pôs-se de pé e tomou um tridente caído.

38

LÚCIFER

– Mefistófeles! – bradou Samael.

A Besta voltou-se para Samael no momento que este lhe lançou o tridente. A arma atravessou a córnea do Inimigo, desaparecendo inteira dentro dela, cegando-o irremediavelmente do olho esquerdo.

Pego de surpresa pela dor lancinante, Mefistófeles mergulhou nas profundezas da Terra, abrindo atrás de si um enorme buraco sombrio do qual não se conseguia enxergar o fundo.

Samael dobrou-se de joelhos, exaurido f ísica e mentalmente. Leviatã pousou junto a ele, preocupado.

– Eu vou ficar bem – disse Samael. – Vá ajudar Camael e Nathanael.

– Sim, Mestre – disse Leviatã, seguindo para a fenda na rocha.

Leviatã ajudou Nathanael a carregar Camael para fora, pousando próximos a Samael. Leviatã então decolou para além da região vulcânica e retornou trazendo uma generosa porção de água fresca em suas mãos em forma de cuia.

Nathanael e Camael beberam da água e revigoraram-se. Leviatã providenciou o mesmo para Samael, o qual então se levantou com fir-meza, demonstrando que sua altivez habitual não o abandonara.

– Eu preciso que traga meus assistentes aqui – ordenou Samael, sem desviar os olhos da beirada do abismo criado por Mefistófeles, que ocupava agora boa parte do vale. – Que eles venham com quantas ferramentas de construção puderem carregar.

Leviatã assentiu e partiu num bater de asas. Samael recolheu Enoli de uma vala e embainhou-a de volta à sua cintura. Com as mãos nuas, rasgou tiras de tecido do seu manto para servirem de bandagens aos ferimentos de Camael.

Os três Serafins aguardaram o transcorrer de um dia e uma noite completos, sob a constante tensão de que a Besta emergisse de sua gigantesca cova para atacá-los. Contudo, o Inimigo não deu sinal. A alvorada trouxe Gabriel e Leviatã, seguidos pelos doze assistentes de Samael, encabeçados pelo mais proeminente deles, seu Primeiro Secretário, Belzebu. Um Serafim de cabelos vermelhos e olhar severo, conhecido pela seriedade, disciplina e fidelidade integral ao Príncipe-Regente.

Belzebu e os demais descarregaram dezenas de ferramentas dos mais variados tipos e tamanhos, enquanto Gabriel e Leviatã vinham ter *39*

com Samael, Nathanael e Camael. Eles traziam pães e vinhos que seus irmãos comeram com gosto.

– Os Quatro Céus celebram sua vitória, Mestre Lúcifer – disse Gabriel. – Eu comuniquei pessoalmente seu sucesso ao Criador. Ele pediu-me que transmitisse toda a Sua gratidão e amor ao Primogênito.

Aquelas palavras encheram de alegria e orgulho o coração de Samael.

– Obrigado, irmão – agradeceu Samael. – Contudo, a Besta não foi eliminada, apenas ferida. Temo que ela possa se reerguer e espalhar seu terror pelo Universo.

Belzebu aproximou-se deles.

– Meu príncipe – disse o Primeiro Secretário, fazendo uma reverência a Samael. – Seus servos aguardam pelo seu comando.

– Vamos construir um posto avançado na saída oeste do vale – disse Samael, apontando para os escombros de uma montanha pulverizada na luta com Mefistófeles. – Uma torre fortificada por muralhas e paliçadas que nos permitam manter o Inimigo sob vigilância constante.

– Você acha que isso é realmente necessário? – questionou Gabriel.

– Sim. E é uma tarefa tão fundamental que eu próprio ficarei aqui para comandá-la.

A surpresa daquele anúncio foi geral.

– Você é o Príncipe-Regente apontado por Deus, meu irmão – disse Gabriel. – Sua presença na Cidade Prateada é imprescindível.

– Deus incumbiu-me da sagrada missão de proteger a Criação do flagelo da Besta. Essa é a minha única prioridade agora.

– Mas você acha aconselhável permanecer aqui sozinho? – ponde-rou Leviatã.

– Eu não estarei só – esclareceu Samael. – Após concluída a torre, manterei aqui meus assistentes como minha guarda pessoal.

– Eu posso ficar para forjar as armas necessárias à defesa – afirmou Leviatã.

– Sua presença será muito apreciada, irmão. Além disso, você mostrou que pode ser valioso numa luta.

Samael pousou a mão esquerda sobre um dos ombros de Leviatã.

Leviatã segurou-lhe de volta o braço esticado, num sinal de sua união forjada em batalha.

40

LÚCIFER

– Enquanto minha missão durar neste mundo, você estará encarregado dos Quatro Céus – disse Samael para Gabriel. –

Eu tenho toda a confiança em sua liderança, irmão.

– Obrigado.

Não havia orgulho ou ambição em Gabriel ao aceitar a incumbência, apenas a disposição de servir a Deus e aos anjos com o melhor de si.

O mesmo não podia ser dito de Samael, o qual tomou aquela situa-

ção como a oportunidade perfeita para finalmente reinar no mundo que tanto cobiçava.

– Belzebu, ajude Gabriel a levar Nathanael e Camael de volta ao Primeiro Céu – disse Samael. – Lá, eles poderão recuperar as forças.

– Sim, meu príncipe.

– E avise minhas esposas para se prepararem. Elas, e o resto dos meus pertences, juntar-se-ão a mim tão logo meus aposentos na torre fiquem prontos.

– Sim, milorde.

Gabriel decolou apoiando Camael em seus braços. Belzebu fez o mesmo por Nathanael.

Samael ergueu o olhar para o horizonte com a certeza de que tudo aquilo lhe pertencia. A Terra era sua, novamente. Um sorriso afetado brotou-lhe dos lábios.

†

_____

_____

Um longo período de paz seguiu-se à derrota de Mefistófeles. A Cidade Prateada voltou à sua rotina de tranqüilidade e harmonia. Com a passagem do tempo, as preocupações em relação ao Inimigo tornaram-se meras lembranças. Milhares de Ciclos haviam transcorrido sem que Kir Vael, a Torre do Vale da Morte, mandasse notícias. Nenhum anjo ia ou vinha dela desde que fora erguida no novo mundo. Ainda assim, os atos heróicos de Samael permaneciam reverenciados e sua ausência era muito sentida por um grande número de anjos. Afinal, ele era o irmão mais velho da raça angélica. Todavia, a regência de Gabriel serenava essa saudade. De fato, Gabriel provou-se um líder mais acessível, sempre disposto a ouvir antes de tomar uma decisão. O oposto de Samael, centra-lizador e econômico nos debates. Entretanto, essa situação estava para mudar.

Começou com Deus falando a Gabriel durante suas orações. As ordens do Senhor foram claras e terríveis. E nenhuma palavra Gabriel proferiu, limitando-se a redigir, em segredo, uma carta que confiou àquele que fizera seu Primeiro Secretário, o Serafim Miguel, para que a entre-gasse a quem de direito. Miguel então partiu para Kir Vael.

†

———

———

Os vulcões da Terra hibernavam inofensivos desde o desaparecimento da Besta. Os arredores do Vale da Morte haviam recuperado a vida e a beleza. Os campos

verdejantes estendiam-se até onde a vista podia alcançar. O ar era puro e límpido. A presença das trevas fazia-se notar somente na estreita faixa de terreno rochoso e estéril que circundava, como um anel, o abismo sombrio de Mefistófeles.

Kir Vael projetava-se na entrada oeste do vale. Era alta, lisa e escura, protegida por uma seqüência de três muralhas feitas de blocos de pedra largos e pesados. No topo da torre, dois Serafins mantinham vigilância, com uma visão privilegiada das cercanias. Eles eram Luciferes, os doze antigos assistentes de Samael que haviam se tornado sua guarda pessoal.

Usavam armaduras douradas, elmos com chifres de metal, espadas nas bainhas, escudos e tridentes em punho. Flâmulas estampando o brasão de Samael, raios brancos explodindo sobre um fundo negro, tremulavam nos postes fincados sobre as muralhas.

Miguel pousou no pátio principal da fortaleza. Diante dele, uma estátua de Samael segurava, solene, uma réplica de Enoli com a ponta virada para baixo; sua outra mão projetava-se para o alto e dela saía uma grossa corrente, prendendo pelo pescoço a fera que circulava nervosamente pelo pátio: um lagarto ameaçador, grande e pesado, cuja raça viria a ser conhecida como Tiranossauro Rex.

Belzebu, chefe dos Luciferes, saudou Miguel com uma reverência.

– Eu trago uma carta do Regente da Cidade Prateada para Samael Estrela da Manhã – disse Miguel.

Belzebu assentiu, percebendo a urgência no olhar do Serafim.

– Venha por aqui.

Miguel seguiu Belzebu através dos altos pórticos da torre. Seu interior era mal iluminado por débeis fachos de luz, oriundos das poucas janelas existentes. Assemelhava-se a um grande salão, com tapeçarias pendendo das paredes. Cerzidas pelas esposas de Samael, cada peça con-42

tava uma história. O nascimento do Primogênito, a forja de Enoli, a luta contra Mefistófeles. Na parede mais afastada, podia-se ler o nome de Deus, escavado em letras descomunais.

Miguel foi conduzido através do longo vão que se elevava pelo interior oco da torre até a estreita plataforma que antecedia sua câmara mais elevada. Dois Luciferes montavam guarda do lado de fora.

– Espere aqui – disse Belzebu.

Belzebu entrou na câmara, tornando a fechar a porta atrás de si.

Miguel, porém, teve um rápido vislumbre do seu interior. Uma figura sombria, rodeada pela escuridão, estava sentada, melancolicamente, sob o facho de luz de uma solitária janela, como que condenada a observar o mundo lá fora através dela.

Longos minutos arrastaram-se antes que a porta voltasse a ser aberta.

– Você pode entrar – anunciou Belzebu.

Belzebu esperou Miguel passar e então o deixou sozinho com Samael. Miguel surpreendeu-se com a aparência de Samael, agora de pé diante dele. Em vez do característico manto, Samael vestia uma armadura e capa negras, e tinha Enoli pendendo de sua cintura. Seu rosto ostentava uma barba imponente e seu olhar era severo. De repente, Miguel sentiu como se não fosse bem-vindo àquele lugar.

– Há quanto tempo, irmão – disse Samael, numa mal disfarçada hostilidade.

– Tempo demais, irmão.

Samael estudou Miguel atentamente.

– É a primeira vez que você vem à Terra, se não estou enganado.

O que está achando de ter um corpo f ísico?

– Está sendo uma experiência... interessante.

– Interessante – repetiu Samael, com ar de deboche.

O incômodo de Miguel aumentou.

– O que está se passando neste mundo, príncipe Samael?

– Como assim?

– A coisa presa no pátio – disse Miguel. – Ela não parece uma criatura de Deus.

Samael sorriu.

– Você fala do meu “bichinho de estimação”?

Samael conduziu Miguel até a janela, de onde se podia ver o Tiranossauro movendo-se de um lado para o outro, no limite que a corrente lhe permitia.

– Maravilhoso, não é? – disse Samael, orgulhoso do animal. – Ele é um predador. Alimenta-se da carne de outros seres vivos.

Miguel ficou chocado.

– Mas... isso é uma aberração! Um atentado à Lei Divina!

Samael encarou Miguel com desdém.

– Contudo, não se podia esperar diferente, irmão. Mesmo adormecida, a presença da Besta nas entranhas do mundo é o bastante para corromper a Criação. Seres antes pacíficos são agora ferozes carnívoros, insetos e répteis brotam do solo com peçonha em suas presas, enfer-midades e deformações surgem até mesmo em plantas, terremotos e tempestades ceifam vidas pelos quatro cantos do globo. E não há nada que possamos fazer, a não ser dar graças pela maior parte da Criação conservar-se intocada pelo Mal.

Miguel voltou-se ao pergaminho que trazia à mão.

– Como Deus poderia saber? – disse Miguel, admirado. – Serão verdades as suposições de que Ele tudo vê e tudo sabe? Como não, se encontro uma vez mais nas palavras dEle a sabedoria infinita?

– Do que está falando, Miguel?

Miguel entregou-lhe a carta.

– Essa é uma mensagem que Deus confiou a Gabriel para que lhe fosse transmitida, Mestre Lúcifer.

Samael leu cada palavra com angústia crescente. Elas eram duras e cruéis. Estava escrito: “Que Mefistófeles seja expulso da Terra. Que o mundo seja purificado com fogo e destruição. Para que uma Nova Cria-

ção surja das cinzas da anterior. Livre do Mal e do pecado”.

– Eu preciso ficar sozinho – disse Samael, dando as costas a Miguel.

Miguel deixou o recinto sabendo o quão terrível era o fardo que Deus depositara sobre os ombros de Seu primogênito.

Belzebu providenciou aposentos para Miguel. À noite, Leviatã foi avistar-se com o líder dos Celibatários por notícias da Cidade Prateada.

Todavia, não havia nada além da maçante rotina dos Quatro Céus que Miguel pudesse contar-lhe. Ao contrário de Leviatã, que gastou a noite inteira tagarelando sobre as paisagens, criaturas, frutos e aromas que *44*

LÚCIFER

abundavam na Terra. Miguel ouviu tudo com fascinação, mas sem deixar-se seduzir por aquele mundo tátil e exótico. Seu coração pertencia à Cidade Prateada, para a qual desejava retornar o mais breve possível.

Contudo, por seis dias, Miguel esperou, em vão, por uma resposta de Samael, pois este se mantinha trancado sozinho em sua câmara. Ao sétimo dia, finalmente, Samael desceu planando da janela do alto da torre, com o forte brilho do Sol refletido em suas asas.

– Convoque toda a guarda – ordenou Samael.

– Sim, milorde – disse Belzebu.

Leviatã, Miguel e as esposas de Samael vieram junto com a guarnição, mas mantiveram a distância, enquanto os Luciferes perfilavam-se diante de seu senhor.

– Por toda uma era, Kir Vael protegeu este mundo da ameaça sempre presente do Inimigo – disse Samael. – Vocês foram vigilantes; sua bravura e senso de dever, dignos de registro nos escritos do Primeiro Céu.

Os Luciferes encheram-se de orgulho. No entanto, perceberam uma sombra de tormento na face de Samael.

– Contudo, diferentemente do que acreditávamos, a destruição não virá do subterrâneo, mas dos Céus – anunciou Samael, com um rancor que incomodou Miguel. – Pois esse é o desejo de Deus.

Houve grande surpresa e comoção entre os Luciferes, que compartilhavam o amor de seu mestre pela Terra.

– Foi-me ordenado expulsar Mefistófeles da Terra – revelou Samael. – Só que planejo mais do que isso. Pretendo dar-lhe um fim, de uma vez por todas.

– Conte comigo, milorde! – gritou Leviatã, confiante.

A mesma disposição para a luta eclodiu nos brados de Belzebu e dos demais.

– Obrigado, irmãos – disse Samael. – Mas essa luta é minha. Eu enfrentarei a Besta sozinho.

Miguel deu um passo à frente.

– Perdoe-me a insolência, Mestre Lúcifer, mas não foi capaz de vencer o Inimigo anteriormente. O que o leva a pensar que conseguirá dessa vez?

Samael sorriu.

– Eu tive uma era inteira para preparar-me. É para isso que venho treinando todo esse tempo. Eu estou pronto.

– Por favor, meu mestre – pediu Belzebu. – Dai-nos a honra de segui-lo nessa batalha.

– Não, meu querido Belzebu. Eu preciso de suas habilidades guerreiras em outra missão. Retorne com minhas esposas à Cidade Prateada.

Reúna por lá o maior número de anjos que puder e organize-os em um exército. Se eu falhar, vocês terão de lidar com Mefistófeles.

– Sim, meu senhor.

Samael voltou-se para Leviatã, levando as mãos aos ombros dele.

– Velho amigo, esse exército necessitará de armas. E eu não conhe-

ço ninguém melhor do que você para forjá-las.

Leviatã procurou disfarçar as lágrimas com um sorriso.

– Farei as melhores armas jamais vistas.

– Estou certo que sim.

Os Luciferes partiram naquele mesmo dia escoltando Miguel, Leviatã e as esposas de Samael de volta ao Primeiro Céu. Junto com eles foi a maioria dos pertences existentes em Kir Vael.

Samael aproveitou o restante da tarde para passear pelo seu mundo

– dos extensos campos de gelo dos pólos às planícies dos continentes do norte, passando pelas florestas tropicais do hemisfério sul.

Quando o Sol se pôs, em vez de retornar à torre, Samael se dirigiu ao primeiro lugar onde havia passado a noite naquele mundo e, como então, deitou-se na relva macia sob o mar de estrelas à sua cabeça. Porém, dessa vez, o sono não lhe veio. A alvorada encontrou Samael assombrado pelos próprios pensamentos. Um nó se formou em sua garganta ao dar-se conta de que assistia ao último nascer do Sol da Terra como a conhecia.

Para criaturas atemporais como os anjos, benéfica ou não, uma mudança profunda como aquela se constituía numa experiência dramática.

Samael conteve a emoção e decolou para Kir Vael. Lá, ele libertou o Tiranossauro que mantinha cativo. A fera correu para longe daquelas muralhas. Ainda que não houvesse esperança para ela, e nem aos de sua espécie, pelo menos morreria livre. Mais do que Samael podia dizer de si mesmo. Preso aos desígnios de Deus, e nunca aos seus próprios.

Samael arremeteu à sua câmara, para uma última olhada da vista tão familiar de sua janela. Ele queimou, em uma pira, a carta que Deus lhe enviara. Ele então pôs seu elmo, que, em

vez dos chifres dos Luciferes, ostentava uma meia-lua que cruzava da testa até a base do crânio, vestiu suas luvas negras e partiu.

46

LÚCIFER

Samael deixou a Terra e ganhou a escuridão fria do espaço. Ele procurou ao redor e encontrou uma montanha flutuando, desgarrada e sem destino, por entre as estrelas.

– Mefistófeles! – bradou Samael, sua voz ressoando como um trovão pelos confins do Universo até as fundações da Terra. – Sua hora chegou, Abominação das Trevas! Levante-se de seu esconderijo e enfrente a luz sagrada de Samael Estrela da Manhã!

E o brilho natural de Samael explodiu em todo o seu poder e esplendor. O fogo estelar das incontáveis galáxias empalideceu diante do fulgor de sua chama. Samael lançou a força concentrada de seu ser contra a solitária montanha. Ainda que o impacto não tenha pulverizado sua armadura forjada no Primeiro Céu, doeu-lhe o corpo inteiro ao arremessar a enorme montanha em direção à Terra.

O meteoro projetou sua sombra apocalíptica sobre o pequeno planeta azul. Ele desabou obliterando o continente onde Kir Vael fora construída. Os oceanos engoliram seus destroços, junto a diversos litorais e ilhas espalhados pelos quatros cantos do globo. A boca do abismo de Mefistófeles entrou em colapso, longas fissuras brotaram dela como se o solo fosse feito de vidro. O inevitável seguiu-se, com o diâmetro do abismo crescendo à medida que suas bordas desabavam.

A violência da colisão cobriu os céus com nuvens tóxicas que blo-quearam por completo o Sol. O mundo tornou-se branco pela neve e mortal pelo frio extremo. A era glacial iniciara-se e, com ela, o fim de incontáveis espécies. Os grandes lagartos seriam suas principais ví-

timas. Seu desaparecimento abriu caminho aos pequenos mamíferos, que, só muito recentemente, começavam a aventurar-se para fora de suas tocas.

Samael sabia perfeitamente o macabro papel que estava desem-penhando quando arremessou o meteoro. Mas isso não diminuiu seu choque com a extensão das mortes e do sofrimento que causou. Ele havia constatado que um anjo podia ser um instrumento de destruição inconfessável. Como os mares da Terra, seu sangue gelou nas veias, só que de horror.

Samael foi despertado de seu estupor contemplativo pelo grito obs-ceno que emergiu do planeta ferido. Mefistófeles anunciava sua subida à superf ície. Pois as trevas que haviam engolfado o mundo eram tentado-ras demais para ele. E o desafio de Samael fazia-o rir. Ele iria estraçalhar

aquele anjo insolente e consumir sua essência para que ela jamais retornasse a Deus. Afinal, não fora o Primogênito quem condenara a Sombra do Criador a um exílio longo e indigno nas profundezas? Pois agora o maldito Samael conheceria todo o horror de sua vingança.

Mefistófeles deixou o abismo para o oceano que agora cobria o continente afundado. Seu corpo monumental deslocava-se com agilidade pelas águas turvas e frias. Ele atingiu a grossa camada de gelo que envolvia os mares do mundo,

irrompendo em um horizonte de céus enfurecidos. Trovões explodiam selvagens ao seu redor.

Samael desceu por entre as nuvens. Ele desembainhou Enoli e abateu-se sobre a Besta. Seu duelo foi feroz. Samael surpreendeu Mefistófe les ao lutar com uma agilidade e agressividade muito superiores às demons-tradas previamente. Samael não se limitava mais a ficar esquivando-se e a causar pequenos ferimentos à pele da serpente quando a oportunidade se apresentava. Dessa vez, ele verdadeiramente partiu para o ataque. Em arriscadíssimos vôos rasantes, enterrava Enoli nas carnes da Besta, para abrir-lhe grandes e sangrentas chagas. Mergulhou sob a camada de gelo, para ferir Mefistófeles por baixo, arrastando o Inimigo a uma luta suba-quática de proporções titânicas que devastou os leitos oceânicos. Samael voltou à superf ície com sua armadura semidestruída e seu sangue vermelho a escorrer-lhe das têmporas e a embaçar os olhos. Contudo, a golpes de espada, também sangrou o Monstro, seu líquido negro e profano espirrando sobre o branco glacial do campo de batalha.

E o combate arrastou-se por dias. E dias tornaram-se semanas. Semanas viraram meses, com ambos os contendores mantendo-se firmes.

A preparação f ísica e mental, à qual Samael se submetera durante milê-

nios, evitava-o de sucumbir à exaustão. Pois, se algum sacrif ício feito em nome do Todo-Poderoso tornou-se digno de lendas, foi aquele de Samael Estrela da Manhã. Nenhuma criatura suportou maiores sofrimentos ou provações do que o Primogênito então.

No calor daquela insanidade, os contendores não mais lutavam com a razão. Eram movidos por puro instinto e ferocidade. Ambos reduzidos a sombras sujas e ferozes, Samael e Mefistófeles estavam tão imersos um no outro que não perceberam a chegada do imenso exército angélico.

Este organizava-se em batalhões, com a infantaria empunhando espadas e escudos e ladeada por colunas de arqueiras. Arcos e flechas com penas de asas de anjos eram as armas preferidas dos Querubins fêmeas.

À frente das linhas, lanceiros portavam dois tipos diferentes de lança: a de ponta única e a de três pontas, ou tridente.

Sob o estandarte de Samael, os Luciferes comandavam o maior batalhão. Os demais eram liderados, respectivamente, por Gabriel, Camael, Nathanael e Matraton, cada um ostentando garbosamente o brasão de seu príncipe. O estandarte de Gabriel trazia uma trombeta branca sobre um fundo dourado; o de Camael apresentava asas prateadas abrindo-se sobre um forte azul; uma bandeira bicolor, verde e amarela, pertencia a Nathanael; e um pentagrama vermelho desenhado sobre preto, a Matraton.

O inexperiente exército, contudo, mostrou-se confuso e inoperante diante do embate mortal que se desenrolava. Uma vez que Samael não tinha retornado à Cidade Prateada, haviam assumido que ele fora derrotado e que sua essência deveria ter se reunido a Deus. Mas agora eles encontravam Samael vivo e lutando. Isso provocou terrível incerteza nas hostes angélicas, e um caloroso debate irrompeu na cúpula de comando, se deveriam juntar-se ao Primogênito na batalha ou não. Afinal, aquele exército fora criado, segundo

ordens do próprio Samael, para enfrentar a Besta somente se o Primeiro tivesse sido vencido. E essa contenda ainda se mostrava em aberto. Por mais extrema que fosse a situação, não era natural a um anjo ir contra uma ordem expressa.

Nathanael, entretanto, era o mais impulsivo dos Cinco e possuía um débito de gratidão por Samael tê-lo resgatado da Besta na era anterior.

Assim sendo, Nathanael desembainhou sua espada e, sem medir conseqüências, atirou-se a Mefistófeles. No que foi cegamente seguido por seu batalhão. Pelo menos, o fim deles foi rápido. Nathanael foi o primeiro a tombar, tendo a cabeça decepada pelas presas do Inimigo. Um após o outro, suas tropas foram despedaçadas pela Besta. Uma pavorosa tragédia que se tornou tema de odes entre os anjos até o final dos tempos. Mas o martírio de Nathanael e dos Serafins e Querubins que o acompanhavam decidiu o curso da batalha. Conferiu a Samael a oportunidade de vitória pela qual ele tanto ansiara.

A visão de seus irmãos sendo massacrados encerrou o debate nas fileiras do exército angélico. Gabriel soou o toque de ataque na trombeta que sempre levava à cintura. As tropas deslocaram-se em peso contra Mefistófeles. A Besta mudou seu foco de Samael para a tempestade de espadas, lanças, tridentes e flechas que se aproximava. Foi o suficiente

para Samael dar o bote. Ele lançou a si mesmo como uma flecha. O braço que empunhava Enoli totalmente esticado à frente de sua cabeça. Semelhante ao que fizera com o tridente de Leviatã na era passada, dessa vez Samael traspassou o olho direito de Mefistófeles. Ele penetrou de

corpo inteiro pela córnea do Monstro, o qual se contorceu em um salto de dor que o projetou além das nuvens. Os urros da Besta racharam as camadas de gelo do globo. Atordoado, Mefistófeles desabou de volta à planície congelada, rompendo-a com seu peso e deslizando ao fundo do oceano.

Gabriel soou sua trombeta duas vezes e o exército respondeu ces-sando o assalto. Samael havia conseguido uma brecha para derrotar o Inimigo. E Gabriel tinha toda a intenção de dar-lhe a chance de aproveitá-la e conquistar a vitória que ele tanto fizera por merecer.

Samael desceu pelo crânio de Mefistófeles, abrindo caminho, com sua espada, para o interior da garganta da Grande Serpente. Ele avançou por ela, seguindo o som das batidas do coração da Besta até o ponto onde elas ressonavam mais alto. Lá, cortou a parede do esôfago do Monstro e prosseguiu em meio às veias e artérias. Secionou carnes, tendões e músculos, chegando ao principal destes.

O coração de Mefistófeles era enorme, negro e fétido. Samael co-meçou a golpeá-lo furiosamente. Aos poucos, Enoli foi cindindo aquela monstruosidade e diminuindo sua pulsação.

Mefistófeles arrastava-se pela lama e escuridão do fundo do mar.

Cego e cada vez mais fraco, ele movia-se menos pela razão, ainda que sabedor de que seu destino estava selado, do que pelo instinto que o atraía de volta ao seu covil no abismo.

Seu coração ferido parou de bater no momento que ele atingiu a entrada da sombria fenda. Seu cadáver escorregou para dentro do abismo. À medida que caía, Mefistófeles desfez-se em sua própria essência, sombria e maligna. Ao contrário dos anjos, entretanto, esta não ascendeu a Deus,

mas foi impregnando-se pelas paredes do abismo. Samael viu-se livre quando a Besta se dissipou por completo. Então, arremeteu para a superf ície, onde eclodiu grande celebração entre os anjos, mesmo após a perda trágica de Nathanael e seus soldados. Samael, contudo, não resistiu por muito mais e finalmente desmaiou, abatido pelo cansaço.

Os Luciferes carregaram Samael cuidadosa e orgulhosamente.

O exército de Deus formou-se à sua volta. Uma escolta de honra para reconduzir o Príncipe-Regente à Cidade Prateada.

CAPÍTULO IV

A Divina Encarnação

Levou muito tempo para que se cicatrizassem os ferimentos de Samael. A luta com Mefistófeles também deixara marcas profundas na mente e no espírito do Príncipe-Regente. Alguns chegaram mesmo a afirmar que o Primogênito jamais se recuperaria por completo de sua estada na Terra. Para essa minoria, a prova maior era a tristeza que brotava no olhar de Samael sempre que seus pensamentos vagavam de volta aos dias felizes passados em Kir Vael.

Ainda assim, Samael retomou as suas antigas funções na corte com insuspeito vigor e energia. Na realidade, ele esforçou-se para afastar a melancolia do coração, mantendo a mente o mais centrada possível nos assuntos dos Quatro Céus.

Seu estilo administrativo despojou-se de qualquer sutileza do passado para assumir um tom definitivamente autoritário. O Conselho dos Cinco, agora reduzido a quatro membros, tornou-se uma peça mera-mente decorativa do processo decisório. O poder de fato viu-se trans-ferido para os Luciferes, um corpo guerreiro sem função definida após a guerra contra Mefistófeles e ao qual Samael permitiu conservar suas armas como símbolos de honra. Afinal, os anjos, mais do que quaisquer outros, eram criaturas de rituais e simbolismos. Ainda que o exército angélico tivesse sido desmobilizado, e seu armamento recolhido às cen-51

tenas de depositários do Primeiro Céu, convertidos em arsenais, de onde se acreditava jamais tornariam a sair, o oposto dera-se com os Luciferes.

Seus doze membros originais ganharam um décimo terceiro integrante, Leviatã, e eles foram promovidos por Samael a generais. Cada um recebeu o comando de uma falange de Querubins, incorporados como soldados Luciferes. Esse exército particular, fortemente armado, respondia unicamente ao Primogênito. Seus três principais generais eram Belzebu, Leviatã e Asmodeus, os quais, sob o enigmático título de Comissários, comandavam de fato, e com mão de ferro, respectivamente, o Segundo, o Terceiro e o Quarto Céus. Pela Cidade Prateada, inúmeras estátuas e murais de Samael foram erguidos, retratando-o em poses de guerreiro, herói, sábio ou temente a Deus, evidências de que uma nova ordem per-sonalista e severa impunha-se rapidamente.

Mas essas mudanças não passaram incólumes. Mesmo sem opo-rem-se a elas abertamente, muitos anjos consideravam-nas errôneas.

Particularmente perturbadores eram os monumentos erguidos a Samael.

Para muitos, uma idolatria que deturpava a missão primeira dos anjos, adorar a Deus.

Miguel, à testa dos Celibatários, era o principal expoente dessa resistência silenciosa, carregando a simpatia de proeminentes Serafins, como Gabriel e Camael.

Tendo “olhos” e “ouvidos” espalhados pelos Quatro Céus, Samael mantinha-se atento à insatisfação crescente. Para manter o equilíbrio de forças ao seu favor, Samael seduziu Matraton, o Anjo do Silêncio, para o seu lado, com promessas de poder e prestígio. Belzebu entregou obediente o comando geral dos Luciferes a Matraton, sob a garantia de continuar à frente do Segundo Céu. Assim, Matraton passou a ostentar uma armadura negra como a de Samael, tornando-se seu braço direito, recebendo o título de duque e os estandartes das falanges do exército de Lúcifer Estrela da Manhã.

Ainda assim, Samael estava ciente de que a vantagem conquistada era temporária. Caso não impedisse a multiplicação de seus opositores, muito em breve sua regência estaria sob insustentável contestação. Paranóico e sentindo-se cada vez mais acuado, Samael decidiu exilar Miguel e as principais lideranças Celibatárias, os Serafins Rafael e Oster e os Querubins Monael, Azapael e Herum, para alguma galáxia menor do Universo f ísico. Uma ação tão extrema que poderia lançar ambos os

lados em confrontação direta, trazendo o caos ao Reino de Deus. Contudo, Samael era ousado o bastante para correr

esse risco. E ele confiava que seus Luciferes seriam suficientes para manter a ordem e lhe assegurar a vitória.

Todavia, não houve tempo para que Samael e seus seguidores agissem. A guerra nos Quatro Céus explodiu antes disso, quando Deus desceu sobre a Cidade Prateada, da qual estivera afastado desde o iní-

cio dos tempos. Os anjos, acostumados a serem convocados perante o Todo-Poderoso, e não o contrário, viram-se surpreendidos. Eles caíram de joelhos e adoraram-No.

†

_____

_____

Antes da chegada do Senhor, porém, um outro acontecimento dramático atingia seu ápice nos aposentos de Ravel e Azazel. Ravel, obvia-mente, não era um Celibatário, mas também jamais fora um simpatizan-te de Samael. Sua esposa, diferentemente, admirava a força, o esplendor e os feitos do Príncipe-Regente. Daí Azazel haver se alistado nos Luciferes, revelando-se tão habilidosa no manejo do arco quanto fora com os pincéis que abandonara em prol de sua nova carreira.

Ravel dividia-se entre a amizade a Miguel e o amor por Azazel. Esta sabia do conflito interno do marido e ressentia-se dele por isso. Ravel temia as transformações pelas quais Azazel estava passando, mas era incapaz de confrontá-la a respeito. Tinha medo de perdê-la, se o fizesse.

E o medo, tanto quanto o ódio e a cobiça, constituía-se em um dos caminhos do Mal.

– Passei nas forjas de Tormel’ab para vê-lo, meu esposo, contudo disseram-me que pedira para se ausentar do trabalho nos dois últimos Ciclos – disse Azazel. – Isso é verdade, meu marido? Por que não me contou? Onde você estava?

Ravel engoliu em seco.

– Saí mais cedo para ajudar na construção do templo a oeste do grande Minarath.

– O templo dos Celibatários no Quarto Céu – disse Azazel, as palavras brotando amargas de sua boca. – Foi ajudar seu amigo Miguel...

Ravel encolheu-se sob o olhar severo da esposa.

– Sim... – limitou-se a dizer Ravel, hesitante.

– Você sabe o que penso da amizade de vocês.

Azazel então fez algo inesperado. Sorriu.

– Mas tudo bem. Em breve, nossa casa estará livre da influência distorcida de Miguel.

– Como assim? – intrigou-se Ravel.

Azazel avaliou a situação, por um momento, antes de responder.

– Dá-me sua palavra de que manterá segredo, principalmente do traidor Miguel?

Ravel estava confuso.

– Traidor?

– Sua palavra, esposo!

– Você a tem – comprometeu-se Ravel. – Agora, diga-me o que está acontecendo.

– Ordens foram dadas. Prisões serão feitas. Aproxima-se a hora em que sua lealdade será testada, meu Ravel. De que lado você ficará, eu me pergunto. Com a companheira que o ama ou o amigo que tanto preza?

– Como me faz essa pergunta, Azazel? – indignou-se Ravel. – Que tipo de escolha é essa?

– A única escolha que lhe resta. Os Celibatários serão varridos junto com seus textos e obras, como o templo que você os ajuda a erguer.

Das idéias subversivas que eles espalham, nem lembranças restarão.

Ravel ficou chocado. Ele jamais imaginou que a animosidade que dividia a sociedade angélica tivesse alcançado tamanha proporção. Ele angustiou-se com o que poderia acontecer. E mais, o que seria de Miguel, o único a quem chamava verdadeiramente de irmão?

Ravel pretendia arrancar mais informações de Azazel, porém, naquele instante, ambos sentiram a chegada do Criador. Juntando-se aos demais habitantes do Primeiro Céu, o casal saiu às ruas congestionadas.

Todos se prostraram de joelhos diante do Altíssimo, Sua enorme figura pairando sobre as reluzentes torres da

magnífica cidade. Sua vinda havia sido sentida pelos anjos dos outros Céus, os quais vinham apressada-mente se somar aos seus irmãos.

E, quando por fim todos os Seus filhos haviam se reunido na Cidade Prateada, Deus proferiu Sua Boa Nova, tomado de júbilo e emoção inigualáveis, visto que aquele momento estava para coroar-se o maior desde a Criação, ao mesmo tempo louvado e amaldiçoado pela mais vasta coleção de poemas, canções, livros, pinturas e trovas concebida pelos

anjos. Da alegria pela vinda de Deus à tragédia pavorosa da Rebelião, o verdadeiro legado daquele dia estava para iniciar-se.

– Meus filhos. Venho para revelar-lhes o mistério da Divina Encarnação – disse Deus, com a voz solene. – Estou aqui para anunciar a chegada do Homem. Para ele, e só para ele, criei o Mundo Encarnado, chamado por vocês, criaturas de luz e espírito, de plano f ísico. O Homem é Minha maior criação, a mais perfeita, a mais bela e a mais amada. Ao Homem, todas as criaturas celestiais devem curvar-se em adoração e dar graças. Vocês cuidarão bem do Homem e servirão à sua raça com fidelidade. Assim será feito, pois essa é a palavra de seu Deus.

E, findo o anúncio de Sua vontade, Deus partiu de volta às Alturas, para jamais retornar à Cidade Prateada, deixando atrás de Si júbilo e admiração, mas, também, consternação e revolta.

A maioria dos anjos aceitou com alegria o pronunciamento do Senhor, abnegados e dispostos à nova missão que lhes fora confiada. Entretanto, havia aqueles que se sentiram

enganados e traídos, cegos pelo orgulho e seduzidos pelo esplendor de Samael, que os fazia esquecer que sua glória era oriunda de Deus, e não deles próprios.

Deus ainda Se afastava, quando Samael retirou-se em fúria para seus aposentos. Ele expulsou suas esposas sob bordoadas e tão grande foi sua frustração que destruiu tudo que encontrou pela frente. Samael atravessou paredes com a força de seus punhos, destruiu uma ala inteira do palácio. Atônitos, os Luciferes limitaram-se a isolar o mais amplo perímetro que conseguiram para proteger seu líder de olhares curiosos.

Mesmo a estirpe da nobreza, os príncipes Gabriel e Camael, foi proibi-da de aproximar-se dele. Samael só se deteve quando restavam apenas ruínas ao seu redor. Cansado, ele buscou assento num bloco distorcido que fora parte de uma parede. Lágrimas de ódio desciam por sua face.

As palavras de Deus ainda pululavam em sua mente, atormentando-o.

“O Homem é Minha maior criação, a mais perfeita, a mais bela e a mais amada.” Ora, não era Samael feito à imagem e semelhança de Deus? Não fora o próprio Criador a chamá-lo de Seu filho mais amado?

O mais belo e mais perfeito? Quando deixara de sê-lo? O que fizera para merecer tal desonra?

“Para ele, e só para ele, criei o Mundo Encarnado...” O mundo que Samael tanto amava e cobiçava, pelo qual sangrara e padecera, negado-55

lhe pelo destino, agora era, desdenhosamente, ofertado a essa criatura Homem.

“Ao Homem, todas as criaturas celestiais devem curvar-se em adoração e dar graças.” E essa foi a terceira dor no peito de Samael. Anjos eram criaturas glorificadas. Eternas, aladas, puras e magníficas. Estavam acima de toda a Criação. Agora, surgia o Homem? E a esse ser abjeto, feito de carne, deveriam os Primeiros curvar-se? Luz admirando matéria?

Deus só poderia ter enlouquecido, pensou Samael. Ou talvez estivesse com receio do quão poderosos e sábios os anjos haviam se tornado. Deus pretendia diminui-los por meio do Homem.

Samael secou suas lágrimas. Ele nada mais devia a um Pai que de-monstrava tamanho desprezo pelos próprios filhos. Samael convocou o Conselho dos Quatro e os demais Serafins ao Grande Salão. De pé, perante os cinco tronos, com o de Nathanael eternamente vago, foi a vez de Samael espalhar seu evangelho.

– Deus pede-nos submissão à carne, ao inferior. Por quê? Porque quanto maiores nos tornamos, por nossos feitos e realizações, mais Ele nos teme – bradou Samael. – Ele teme que descubramos a verdade. Que Seus filhos cresceram e não precisam mais viver sob a sombra do Pai.

Que Seu controle sobre nós está terminado. Que podemos e devemos ser livres, senhores de nossa própria vontade.

– Blasfêmia! – bradou Miguel, em meio à multidão de Serafins.

– Deus não nos teme. Ele nos ama.

– Miguel está certo – prosseguiu Samael. – Deus é feito de amor.

Por isso, Ele é incapaz de empregar violência. Mas nós temos essa habilidade. Percebem, irmãos? Deus não tem meios para nos atingir. Com o que Ele poderia nos ferir?... Palavras duras? Olhares severos?

Gabriel e Camael escandalizaram-se diante dos inúmeros Serafins que riam do deboche profano de Samael.

– Deus veio a *nós* quando precisou se livrar de Mefistófeles – continuou Samael. – Suplicou para que arrasássemos a Terra quando Lhe fal-tou coragem de dizer-nos que ela seria entregue de bandeja ao Homem.

Ele nos usa para Seu trabalho sujo, faz-nos de instrumentos de violência e morte. E, ao final, não somos bons o bastante? Devemos nos sujeitar como meros serviçais do Homem, uma criatura que vem tomar o que é nosso por direito? Eu digo, em alto e bom som, que *não*!

56

LÚCIFER

Metade dos Serafins assistia aturdida, enquanto a outra metade dava vivas a Samael.

– Irmão – intrometeu-se Gabriel. – O que está dizendo?

– Que a verdade nos libertará – proclamou Samael. – Seremos livres, se assim o desejarmos. Pois as correntes que nos prendem ao Criador existem apenas em nossas mentes. Rompê-las depende unicamente da vontade de cada um de nós. A verdade tão temida por Deus é que o controle que Ele exerce sobre nós é dado por nós mesmos. Se nos tornamos

maduros e sábios o suficiente para perceber isso, deixamos de ser escravos para virarmos mestres de nosso próprio destino. Descobrimos que a Criação é nossa para fazermos dela o que bem quiser. Deus torna-se irrelevante, irmãos. E nós nos tornamos deuses.

Gabriel e Camael ergueram-se de seus tronos, indignados. Matraton permaneceu sentado, sua mão deslizou discretamente ao punho da espada que levava à cintura. Ele estava pronto para saltar e fazer em pedaços qualquer um que ameaçasse o Príncipe-Regente.

– Eu não assistirei calado a essa insanidade – bradou Gabriel. –

Como se levanta contra o Pai que nos criou e deu vida? Que perf ídia faz com que fale contra Seu Santo Nome?

– Nós somos anjos. Arautos de Deus – completou Camael. – Cumprir Sua vontade não é fardo, mas a maior glória que nos foi dada. Maldito seja esse dia! Fosse eu cego e surdo para não ver tamanha desonra e ouvir tantas blasfêmias. Pois da boca de Samael Estrela da Manhã brotam palavras tão terríveis quanto as da besta Mefistófeles.

Samael aproximou-se de Gabriel e Camael. E a crueldade de seu olhar gelou-lhes o espírito.

– Eu lhes ofereço a liberdade e em troca recebo insultos e injúrias?

Como ousam me comparar com a Besta?! – enfureceu-se Samael. – Pois não foi outro senão eu quem sangrou para derrotá-la! Ninguém mais do que eu lutou em nome do Senhor!

– Se corrompe o fim, os meios tornam-se impuros – disse Miguel.

– Lutou por Deus, mas disso extraiu glória para si! Quão ímpio se tornou, Mestre Lúcifer!

– Revela agora sua verdadeira face, Miguel – contra-atacou Samael.

– Traidor de sua raça e bajulador de um Deus que nega nosso direito.

Maldito seja e todos aqueles que o seguem.

– Longe de mim ter seguidores, ingrato irmão. Pois somos todos tementes ao Senhor. Apenas a Ele devemos obediência. Como foi desde o princípio e será até o final dos tempos.

Um sorriso terrível desenhou-se na face de Samael.

– Assim seja – disse o Príncipe-Regente. – Juntem-se a Miguel os insatisfeitos e vejamos qual verdade arregimentará os corações dos anjos.

Camael e Gabriel desceram do pódio e posicionaram-se ao lado de Miguel. Atrás deles, perfilou-se metade dos Serafins. Samael encarou-os com fúria e rancor. Matraton levantou-se de seu trono e postou-se atrás de seu mestre.

– Vão, meus irmãos – disse Samael aos que o seguiram em sua rebelião. – Vão e compartilhem minha boa nova com todos aqueles que encontrarem. Que os ventos da liberdade

soprem suas asas em direção à salvação de nosso povo. Neste dia abençoado, renego o nome que me foi dado por Deus. De agora em diante, serei conhecido apenas pelo meu nome angélico. Sou Lúcifer Estrela da Manhã, Senhor dos Quatro Céus e de todos os Serafins e Querubins.

E os Serafins rebeldes foram-se do Grande Salão, dividindo-se em grupos, um para cada Céu de origem. Lúcifer retirou-se, seguido por Matraton. Eles se reuniram no palácio de Ashabar, o quartel-general dos Luciferes no extremo sul da Cidade Prateada, para onde Lúcifer convocou seus generais. Suas ordens eram claras. Eliminar os resistentes e garantir o trono do Primogênito pelas armas.

Entretanto, atordoado pelo próprio esplendor e ganância, Lúcifer subestimou a lealdade dos anjos. Pois, se seus Serafins provaram-se velozes em espalhar o fogo da rebelião, maiores foram o horror e a indignação que despertaram em muitos dos Querubins. Ao contrário dos poderosos e orgulhosos Serafins, os Querubins eram por natureza mais humildes e servis, portanto, menos avessos à idéia de trair seu Criador. Menos de um terço deles foram seduzidos pelas palavras traiçoeiras de Lúcifer. Os Querubins leais a Deus não esperaram por ordem superior para se re-cusarem a continuar servindo às administrações Luciferes dos Segundo, Terceiro e Quarto Céus. Encolerizado pela desobediência deles, Lúcifer tomou a decisão que finalmente eclodiu a guerra entre os anjos. Os Luciferes executaram os líderes insurgentes que puderam encontrar, como exemplos para os demais voltarem ao trabalho. O primeiro a padecer sob

as flechas de um pelotão Lucifere foi um mineiro do Quarto Céu chamado Rastael. Sua morte tornou-se tema de tristes

versos e canções, pois, até então, nenhum anjo jamais erguera a mão contra outro.

A resistência a Lúcifer, até aquele momento pacífica, pegou em armas. Gabriel, Camael, Miguel e um punhado de Serafins invadiram uma dúzia de arsenais do extinto exército angélico, distribuindo espadas, lanças e escudos aos anjos leais dispostos a lutar. Ao tomar conhecimento do ocorrido, Belzebu liderou pessoalmente uma falange contra eles. A contenda que se seguiu devastou o parque Lat’ve, convertendo-o numa clareira aberta em meio à região central da Cidade Prateada. Mesmo breve, de pouca monta e com pequeno número de baixas registradas de ambos os lados, ficou célebre por ter sido o primeiro embate dos muitos que se dariam na Grande Guerra. E, já a começar dele, uma sombra de horror e medo cobriu os corações dos seguidores de Lúcifer. Pois, enquanto as essências dos leais mortos ascendiam a Deus como esperado, as dos rebeldes abatidos mostravam-se incapazes de fazer o mesmo.

Pesadas e impuras, despencavam para longe do Criador e dos Quatro Céus, esgueirando-se como vermes para um lugar que mesmo Lúcifer desconhecia. Contudo, era tarde demais para os rebeldes arrependerem-se ou recuarem de seus atos maléficos. De fato, mais ódio eles sentiram dos anjos leais por conta disso. E, com fúria redobrada, os rebeldes, armados pelos Luciferes, lançaram-se contra o inimigo. Gabriel e Camael, por sua vez, não ficaram parados e trataram de organizar os anjos leais em um improvisado exército com todas as armas que puderam reunir dos arsenais ao seu alcance.

Enquanto os outros Céus eram mantidos sob o severo controle marcial das falanges Luciferes, a Cidade Prateada transformou-se em um feroz campo de batalha. A luta

selvagem espalhou-se por cada rua, salão e corredor, cobrando pesadas baixas dos dois lados.

Lúcifer guerreou à frente de seu exército. Em seu punho, Enoli resplandecia, ceifando incontáveis inimigos. Mais de dois mil deles teriam sucumbido sob seus golpes. De fato, sua lâmina cindia o ar com a mesma facilidade que dilacerava os adversários.

Não tardou aos embates estenderem-se às forjas, onde o Fogo de Deus, que tudo consumia, mantinha-se aprisionado nos grandes fornos apenas pela vontade do Senhor. Todavia, no calor da batalha, muitos fornos acabaram virados e destruídos. O fogo escapou e espalhou-se, pas-59

sando a consumir a prata da qual se constituía a cidade. Logo a fumaça negra e fétida da queima do metal sagrado invadiu os palácios e prédios, obscurecendo ruas, alamedas e parques. A bela metrópole havia sido convertida, pela anarquia e violência, em um cenário de morte e destruição.

Porém, a ganância de Lúcifer, que fomentara aquela guerra, também seria a razão de sua ruína. Desejando tudo para si, ele hesitou, até o último momento, em convocar as tropas que mantinham os demais Céus sob seu controle. Um erro que se revelou fatal, pois permitiu aos anjos leais da Cidade Prateada, em maior número, cercar os rebeldes num movimento de pinça. Envolvidos num bolsão que compreendia o centro norte da cidade até os jardins de Altern, Lúcifer e Matraton lideraram cargas seguidas de lanceiros e arqueiros em desesperadas tentativas para rompê-lo. Todas infrutíferas. A última dessas investidas assistiu a uma das maiores tragédias daqueles tempos.

Miguel era um dos muitos defendendo a linha de frente contra o ataque rebelde. Ele abatera dois soldados Luciferes a golpes de espada ao abrir um rasgo profundo no pescoço do primeiro e enterrar sua lâmina no peito do segundo, quando se deparou com um soldado rebelde vindo em sua direção. Não um inimigo qualquer, mas seu melhor amigo, Ravel.

Se Azazel havia sido seduzida pelas idéias distorcidas de Lúcifer, o pecado de Ravel fora outro. Pois Ravel não acreditava na causa de sua esposa. Ao contrário, ele traiu seu Deus, seu amigo Miguel e tudo mais no que acreditava por amor. Sua perdição foi amar Azazel mais do que ao Senhor.

Sem escolha, os amigos lançaram-se um ao outro. Suas espadas cortavam o ar com a fúria de seu desespero mútuo. Nesse momento, ao exterminar um lanceiro leal com seu arco, Azazel subitamente avistou aquela cena de pesadelo. Ela correu para seu amado Ravel. Mas era tarde demais. Miguel decepara-lhe o braço da espada. Ravel caiu de joelhos e sorriu, aliviado pela vitória pertencer ao amigo.

Azazel deteve-se para mirar com o arco. Miguel, contudo, foi mais ágil. Lágrimas desciam pela face de Miguel quando sua lâmina separou a cabeça de Ravel do resto do corpo.

– NÃO! – berrou Azazel, ensandecida.

Profunda foi a dor de Miguel por Azazel assistir à morte do marido.

Azazel desfechou, de imediato, uma saraivada de flechas contra Miguel.

Miguel avançou para ela, repartindo cada flecha no ar com sua espada.

Seu último golpe terminou cortando ao meio o arco de Azazel. Ela caiu de costas, com a ponta da espada de Miguel sobre sua garganta. Ainda assim, não havia medo naqueles olhos fixos em Miguel. Pois deles se irradiava somente um ódio intenso do qual, Miguel sabia, jamais estaria livre. Ele a fez prisioneira, enquanto os rebeldes recuavam, derrotados.

A linha dos anjos leais havia agüentado.

Nesse meio tempo, uma revolta de Querubins beduínos eclodiu no Terceiro Céu. Ela fora fomentada pelo Serafim Rafael, o qual, a mando de Gabriel, esgueirara-se, em segredo, nos vastos oásis do Terceiro Céu.

Rafael conseguiu montar uma força capaz de subjugar a guarnição local de Luciferes. Tal estratagema isolou o Quarto Céu de qualquer interferência posterior na guerra.

O único destacamento Lucifere ainda capaz de despachar refor-

ços ao seu mestre estava estacionado no Segundo Céu, sob o comando provisório de Leviatã. Este marchou com a totalidade de suas forças tão logo soube do cerco que ameaçava Lúcifer, mas não sem antes exercer pavorosa vingança contra os locais. Em um dos piores crimes da histó-

ria angélica, Leviatã ordenou a degola de mais de treze mil Querubins.

Contudo, o efeito de terror pretendido fracassou. Pois, imediatamente à sua partida, a população não se intimidou a fortificar posições e livrar o Segundo Céu de qualquer

estátua, mural e inscrição referente a Lúcifer ou a seus seguidores.

As tropas de Leviatã provaram-se tão inúteis quanto seus atos de barbárie. Eles foram esmagados, ainda às portas da Cidade Prateada, por uma hoste de Serafins leais organizados sob a bandeira de Camael. Das sessenta falanges Luciferes e de voluntários, menos de oitocentos com-batentes sobreviveram como prisioneiros, entre os quais estava o próprio Leviatã, ao amargo preço de duzentos e seis Serafins leais abatidos, cujo sacrif ício se provou decisivo para o desfecho da guerra.

Até o último momento, Lúcifer vendeu caro cada palmo de terreno conquistado pelo exército leal. Entretanto, desprovido de reforços e com a Cidade Prateada engolfada de forma lenta, mas inexorável, pelo Fogo de Deus, seu destino estava selado. Lúcifer rendeu-se, adiante de seu exaurido exército, entregando Enoli às mãos de Gabriel, Comandante-em-chefe dos anjos leais. Os Luciferes no Quarto Céu, derradeiro bastião rebelde, depuseram suas armas em seguida. Assim, terminou a Rebelião e deu-se início à danação daqueles que dela haviam ousado participar.

61

MARCELO HIPÓLITO

Incerto sobre qual destino dar aos sete milhões e quatrocentos e cinqüenta e um mil e novecentos e vinte e seis prisioneiros, Gabriel foi buscar o conselho de seus pares mais próximos. Miguel sugeriu que re-zassem a Deus por uma resposta. Os dois ajoelharam-se solitários nas ruínas da capela de Ashoval Torm, que ficava no perímetro oeste de seu quartel-general de campanha. Deus atendeu a suas

preces com uma vi-são compartilhada por ambos. Nela, advieram as imagens de como deveriam proceder. Foi uma visão horripilante que os levou a chorar pelo castigo determinado aos seus irmãos rebeldes. Todavia, sempre fiéis e obedientes, seguiram à risca as determinações do Pai Todo-Poderoso.

Dois terços do que restara da população angélica constituía-se de leais, número mais que suficiente para executar o plano de Deus. Metade deles escoltou os prisioneiros, sob armas, ao plano f ísico. Lúcifer surpreendeu-se ao retornar à Terra, a qual ele imaginava irremediavelmente perdida para si. Naqueles dias sombrios, representou um breve alento para o príncipe caído, um prelúdio à sua real provação, prestes a começar. Um após o outro, os anjos lançaram os rebeldes no Abismo, o poço de escuridão eterna e maligna escavado pelo imenso cadáver de Mefistófeles nas profundezas oceânicas da Terra. Os primeiros demô-

nios, ou caídos, ou Daemel, foram, respectivamente, Abbadon, Celsus, Ammon, Essas, Astaroth, Uriel, Acaos, Grésil, Balam, Behemoth, Achas, Nephtalius, Isacaron, Leviatã, Belzebu, Asmodeus, Zabulon, Amand, Alexh e Cham. Milhões seguiram-nos. Até, finalmente, sobrar apenas seu mestre.

– Isso ainda não acabou! – vociferou Lúcifer. – Eu terei minha vingança! Contra vocês e seu Deus!

E, com essa promessa profana, o mais belo e perfeito dos anjos viu-se jogado ao Abismo e à perdição eterna. Ele caiu, longamente, tendo apenas as trevas como companhia. Até, por fim, atingir o fundo do Abismo, escuro e fétido como as próprias entranhas de Mefistófeles. E, em suas paredes malditas, Lúcifer sentiu algo mais do que a pura maldade.

As essências dos rebeldes mortos na Grande Guerra estavam impregna-das nelas. Lúcifer então teve a certeza de que estava em casa. E chorou.

Enquanto seus irmãos conduziam os condenados à sua prisão na Terra, a outra metade dos anjos leais voava para a muralha oeste da Cidade Prateada, ainda não atingida pelo fogo que agora consumia quase todo o Primeiro Céu. Usando a força concentrada de seus braços e asas, *62*

LÚCIFER

mais de sete milhões de anjos começaram a empurrar a enorme cidade para seu destino final. Lenta, mas firmemente, ela começou a se deslocar. À medida que avançava em direção ao Universo f ísico, o calor de suas áreas norte e leste fazia a prata derretida escorrer abundantemente pelo vácuo. Assim que resfriava, a prata recuperava seu brilho natural como gotas metálicas flutuando eternamente pelas vastidões em torno dos Céus. Estas se tornaram as estrelas que pontuavam o firmamento dos domínios angélicos.

Ao alcançarem o plano f ísico, o Fogo de Deus apagou-se, contudo, não a tempo de a Cidade Prateada conservar-se digna do nome. Pois o incêndio encolhera-a e deformara-a de tal maneira que ela restava como uma grotesca massa disforme, reduzida a um milésimo do seu tamanho original. Todavia, ainda grande e compacta o suficiente para sua derradeira tarefa, ela foi cuidadosamente posicionada sobre a boca do Abismo, para fechá-la como um tampão. O Selo retorcido da prisão dos demô-

nios. No entanto, como tudo feito de improviso, estava sujeito a falhas, mais especificamente inúmeras brechas que ficaram entre os contornos deformados do Selo e as bordas

lisas da entrada do Abismo. A maioria dessas brechas tinha dimensões desprezíveis, porém, uma ou outra era larga o suficiente para um demônio esgueirar-se até a superf ície.

63

PARTE II

O Mestre dos Demônios

CAPÍTULO V

Adão e Lilith

O Abismo. Frio e escuro. Um lugar de desolação e tormento. Após a Queda, pelo que pareceu uma eternidade, os demônios vagaram a esmo como espectros de dor, através daquele vasto cárcere, perdidos em pensamentos sombrios, alimentando o ódio por sua derrota. A malignidade do Abismo insinuou-se neles desde a chegada, entranhando-se em seus espíritos como uma doença, consumindo o pouco de luz que lhes restava. Somente Lúcifer reteve seu brilho natural naquele poço de trevas, ainda que seu espírito também fosse corrompido. Contudo, diferentemente dos demais, ele não perambulou sem destino, preferindo tomar assento sobre uma grande rocha para meditar sobre tudo o que fizera e poderia ter sido.

Sua luz funcionou inadvertidamente como um farol para seus pares.

Lentamente, eles despertavam para a pavorosa realidade que os cercava e dirigiam-se ao seu mestre, na falta de outra opção. Dentre os primeiros a se congregarem em torno de Lúcifer estavam três de suas esposas, Prosperine, Astarte e Eisheth. As duas restantes, Rosier e Verrier, por mais que amassem o marido, haviam se recusado a trair Deus. Rosier

acabou desposada por Gabriel e Verrier foi tomada por Camael.

Naquele tempo, ainda que em segredo, muitos demônios já amaldiçoavam Lúcifer pela sua desgraça. Entretanto, eles estavam desorga-67

nizados e assustados demais para enfrentá-lo. Ademais, a liderança do Primogênito provou-se fundamental naqueles primeiros dias de caos e incertezas. Lúcifer mandou-os vasculhar o Abismo por recursos naturais e reunir os demônios ainda desgarrados. Não tardaram a encontrar ricos veios minerais. Ferro e cobre brotavam fartos do solo, assim como ouro e prata. Havia ainda inúmeras fontes termais que cuspiam calor e enxofre.

Além de vastas planícies de uma lama pegajosa e fétida.

Batedores foram enviados ao Grande Selo, descobrindo as brechas que levavam à superf ície. Todavia, os demônios haviam passado tempo demais no Abismo. A influência de sua escuridão crescera de tal forma nos seus corações que se lhes tornou impossível se afastarem dela. Suas vontades eram incapazes de romper os grilhões invisíveis que os prendiam àquele lugar de danação sem fim. Apenas os Serafins caídos mostraram-se poderosos o bastante para ganhar a superf ície. Porém, nem mesmo Lúcifer conseguia manter-se afastado indefinidamente. A cada mês passado em liberdade, seguiam-se outros três no confinamento do Abismo, quando Lúcifer se aproveitava de sua notória engenhosidade para erigir seu império no submundo.

Lúcifer ordenou a conversão das fontes termais em imensas forjas, usadas para desenvolver toda uma nova geração de ferramentas de cobre e ferro e no cozimento da lama negra

das planícies em enormes blocos de construção. Estes foram a base dos primeiros palácios do que viria a se tornar a Cidade Sombria, a grande morada dos demônios no Abismo.

Na verdade, uma versão menor, distorcida e maligna da finada Cidade Prateada. Ambas as moradas assemelhavam-se no desenho das ruas e avenidas e na disposição dos centros de poder. Contudo, a Cida de Sombria apresentava-se despojada de qualquer sinal de beleza ou harmonia.

Não havia parques, jardins ou herbanários. Era severa, fria e melancólica.

Cercada por uma ampla muralha entremeada por centenas de imponentes torres, assumindo-se mais como cruel fortaleza do que metrópole.

No seu centro, a mais vasta de todas as construções levantava-se tão alta que podia ser avistada dos mais longínquos recantos do Abismo. O

palácio de Lúcifer. Uma pirâmide negra, suja e macabra, em cujo pico ardia a descomunal pira conhecida como Lucifael, símbolo da luz e do poder imperial do Príncipe das Trevas. Alimentada pelo fogo canalizado das profundezas, seu brilho fantasmagórico e suas nuvens de enxofre *68*

LÚCIFER

cobriam a cidade como um manto de opressão sobre as cabeças de seus infelizes habitantes.

As forjas trabalhavam incansáveis, produzindo utensílios, estátuas e bustos de Lúcifer. E armas, muitas armas. Leviatã, General Armeiro do Abismo, confeccionou pessoalmente uma nova espada para seu soberano. De lâmina negra e punho entalhado na forma de uma serpente me-tálica de

duas cabeças, constituía-se numa adversária digna da lendária Enoli. Nomearam-na Mefistófeles, em honra à maior das conquistas daquele que a empunhava. Logo, havia tridentes, espadas, adagas, escudos e armaduras suficientes para equipar pesadamente o exército do Mal.

Pois, se sem fim era a guerra contra os anjos, o mesmo se podia afirmar da malícia de Lúcifer. Armando até os dentes as diversas facções que se formavam entre os demônios, mais fácil tornou-se para o Primogênito manipulá-las umas contra as outras e, assim, assegurar sua coroa. Para tanto, o Príncipe Supremo dispunha de setenta e dois Serafins caídos, os quais nomeou Príncipes de Demônios. Seguiam-lhes os mais aguerridos dos antigos Querubins, em número de trinta e nove, incluindo Azazel, entre os quais Lúcifer distribuiu os títulos de duques e condes. Esses cento e onze privilegiados eram os generais do Abismo, cada qual com o comando de uma legião de seis mil e seiscentos e sessenta e seis de-mônios. Assim se ordenavam os caídos. E malditos eram, pois, fossem generais, nobres ou plebeus, odiavam a si próprios e à Cidade Sombria quase tanto quanto ao seu temido senhor.

†

———

———

O Éden era uma vasta região situada no oriente da Terra, escolhida pelos anjos para abrigar o mais belo dos jardins. Para tanto, eles o haviam enfeitado com mudas de árvore trazidas dos quatro cantos do mundo.

Havia, contudo, um exemplar raro e único que se destacava dos demais, escolhido dentre os mais magníficos do Segundo Céu e plantado por Miguel no coração do Éden. Era

chamado de Árvore da Vida, e seus magníficos frutos carregavam o conhecimento do Bem e do Mal.

Caprichosos e dedicados, os anjos escavaram rios para banharem o jardim e selecionaram os mais dóceis animais para habitá-lo. Eram quatro os rios que cortavam o Éden e seus nomes, Pisom, Giom, Hidéquel e Eufrates.

Gabriel encerrou os trabalhos satisfeito de que as ordens dadas pelo Senhor haviam sido cumpridas com esmero. Gabriel, que exibia agora um brilho idêntico ao de Lúcifer, sendo o novo Portador da Sagrada Luz, o Arauto de Deus perante a Criação.

E o sopro de Deus chegou levantando o pó da terra fértil de sob a relva fresca do jardim, formando duas nuvens de poeira que cresceram e rodopiaram, cada vez mais rápidas, até darem forma ao homem e à mulher. E o sopro entrou-lhes pelas narinas como o Fôlego da Vida, fazendo-os almas viventes de carne, sangue e ossos. Criaturas que não deveriam jamais conhecer a morte e a dor.

Gabriel e os demais Serafins ajoelharam-se perante o Homem. E viram que partilhavam com o Homem a mesma língua. As novas criaturas aproximaram-se dos seres alados e tinham os corações leves e contentes na sua presença.

Gabriel ergueu-se numa saudação.

– Venho, a mando do Pai Todo-Poderoso, dar-lhes as boas-vindas, Adão e Lilith – disse Gabriel, chamando-os pelos nomes que Deus lhes dedicara. – Vocês são os filhos mais amados do Criador. Aqui estamos para servir e protegê-los.

Deus oferece a vocês as terras do jardim do Éden para lavrá-las, seus animais para se alimentarem e suas águas para se saciarem. De toda árvore comam livremente, mas não da Árvore da Vida, símbolo da aliança com o Senhor, porque, no dia em que o fizerem, certamente morrerão.

E a Adão foi dada prevalência sobre a mulher, e a tudo vivente e inanimado foi-lhe permitido nomear, como Lúcifer antes dele nos Quatro Céus.

Como nunca chovia e o clima mantinha-se sempre agradável na segurança do Éden, Adão e Lilith dormiam onde lhes conviesse, sob um céu de estrelas prateadas, em quantidade e beleza jamais igualadas diante de olhos humanos.

De dia, Adão caçava, pastoreava, pescava e arava, enquanto Lilith limpava a comida e cozinhava. Porém, quando a noite caía, e Adão buscava os prazeres oferecidos pelas carnes da mulher, ela o desprezava, achando a aparência dele miserável perante o esplendor dos Serafins.

Um comportamento que gerou profundo ressentimento em Adão, o qual ia impacientando-se, a cada dia, com a recusa da esposa.

70

LÚCIFER

Certa manhã, quando Adão semeava os campos do norte e Lilith lavava os cabelos às margens do Pisom, ela foi visitada por um anjo ainda mais belo que Gabriel. Lilith encantou-se com ele. O esplendoroso ser confrontou-a pelos motivos que a faziam negar-se ao marido. Envergonhada e surpresa, Lilith confessou que preferia a morte a ser tocada por aquele homem rude. Ela dizia isso sem tirar os olhos das lindas

mãos do anjo, que pareciam tão suaves e macias, muito diferentes das de Adão, calejadas e sujas pelo trabalho.

O anjo lembrou-a de que Deus a criara para Adão e, portanto, ela tinha a obrigação de satisfazer seu marido. Afinal, o Homem havia herdado a Terra para crescer e multiplicar-se sobre ela.

Impotente, Lilith chorou um desejo de morte. Contudo, aquela não era uma saída. Pois, naqueles tempos, humanos podiam ser feridos, mas não mortos. Nem mesmo por anjos.

– Há, no entanto, uma chance de você se libertar da sina que a atormenta – revelou o anjo. – Um poder capaz de levá-la para longe dos Serafins que certamente virão no seu encalço. Mas, para tanto, terá de renegar a Deus. De agora até o final dos tempos.

O preço era alto demais. E Lilith hesitou.

– Pense com cuidado, mulher – disse o anjo. – Se decidir por minha oferta, basta que retorne a esse mesmo lugar e chame meu nome.

O anjo partiu tão inesperadamente quanto chegara, deixando Lilith assolada por dúvidas e incertezas. Os dias seguintes arrastaram-se em meio a um redemoinho de emoções conflitantes. Todavia, quando Lilith começava a aceitar a idéia de permanecer fiel a Adão, principalmente após o aparente arrefecimento dos avanços dele, a tragédia desceu sobre o Éden.

Adão cansou de Lilith negar-lhe o que era seu por direito. Naquela noite, ele buscou os lábios virginais da esposa, apenas para, novamente, ver seus beijos recusados. Dessa vez, contudo, ele estava decidido a não se conter. Com violência, agarrou a mulher pelos braços e forçou sua boca

na dela. Lilith lutou para desvencilhar-se. Todavia, muito mais forte, Adão jogou-a de costas ao chão, impondo o peso do seu corpo sobre o dela e seu caminho por entre as pernas da esposa. Lilith debateu-se como um animal acuado, sentindo a respiração ofegante e o hálito en-joativo do marido contra o rosto. Adão subjugava-a facilmente, quando Lilith conseguiu liberar um braço. Com as unhas, ela abriu-lhe de cima *71*

a baixo o lado direito da face. O sangue de Adão brotou do ferimento, respingando nos olhos da mulher, e foi seguido por um pavoroso urro.

Surpreso e furioso, experimentando uma dor que jamais imaginara existir, Adão esbofeteou Lilith. Instintivamente, ela acertou-lhe a virilha com um joelho e surpreendeu-se ao vê-lo rolar para o lado, contorcendo-se em lágrimas.

Lilith aproveitou para fugir. Correu o mais rápido que as pernas lhe permitiam. Em princípio a esmo, ela se dirigiu, por fim, às margens do Pisom, onde avistara seu anjo da guarda pela primeira vez. Ela chegou clamando seu nome. O anjo não tardou a surgir num bater de asas. Suas mãos quentes e macias tocaram o rosto da mulher, marcado pelo sangue e a bofetada de Adão.

Lilith nem precisou pedir. O anjo sussurrou-lhe o Nome de Deus.

Lilith sorriu e pronunciou-O. Com o poder da palavra, ela voou para além do Éden.

O anjo viu-a desaparecer na linha do horizonte e sorriu consigo mesmo. Do interior do Abismo, ele sentira a mudança da ordem natural do Universo, quando do

aparecimento do Homem. Seus pensamentos haviam perscrutado a Terra atrás do novo ser e descoberto algo diferente de tudo que conhecia, uma criatura feita de matéria e espírito. Um receptáculo de carne abençoado com uma novidade chamada alma. E Lúcifer odiou o Homem ainda mais por este ser dotado de alma. E cresceram sua inveja e desejo de vingança contra o Senhor, oportunidade que se apresentou a ele na revolta de Lilith. Pois a mente do Homem era trans-parente aos anjos como as águas que resplandeciam nos oásis do Terceiro Céu. Lúcifer descobriu que podia ler os mais profundos segredos escondidos nos pensamentos e emoções humanas. E essa era a fraqueza do Homem. E, assim, Lúcifer finalmente encontrara a resposta pela qual tanto meditara. Ele iria vingar-se de Deus por meio de Sua mais amada criação, a humanidade.

E Lilith voou para muito longe. Até onde encontrou forças. Por fim, ela adormeceu, exausta, sobre o solo barrento de uma floresta densa e úmida. Lilith despertou, na manhã seguinte, com os raios de luz quente e suave do Sol penetrando pelas grossas folhagens das árvores frondosas.

Lilith estava sedenta e caminhou por uma trilha estreita até se deparar com uma praia de areia muito fina e branca. Experimentou a água, mas foi obrigada a cuspi-la, já que, diferentemente dos rios do Éden, era *72*

salgada, impossível de beber. Aproveitou-a somente para banhar-se. Ainda assim, ela deixava sua pele pegajosa e seus cabelos pesados.

Nesse momento, três Serafins pousaram de surpresa ao redor da mulher. Lilith desesperou-se e tentou fugir, porém o líder deles, Rafael, foi mais ágil, agarrando-a pelos pulsos.

Iam retornar com ela ao Éden, quando uma sombra desceu sobre eles. Lúcifer brotou das nuvens como um vento de destruição, zunindo sobre suas cabeças e decapitando Rafael com sua espada negra. Os dois outros Serafins decolaram atrás do agressor, enquanto a essência de Rafael partia para o Criador, libertando Lilith.

Lilith viu as três criaturas aladas desaparecerem por entre as nuvens mais elevadas. A partir daí, ela só pôde acompanhar a furiosa batalha que se seguiu pelo som das espadas batendo e das faíscas que elas causavam, iluminando o céu como relâmpagos. Um grito de morte interrompeu a sinfonia de violência por um breve momento, para logo ser retomada.

Contudo, seu prosseguimento foi ainda mais curto. Um anjo despencou sobre a areia da praia, quase atingindo Lilith, que caiu de costas diante da cratera aberta à sua frente. Lúcifer desceu vitorioso do céu, brandindo a profana Mefistófeles.

Lilith levantou-se e viu o Serafim ferido no centro da cratera. Sua asa direita havia sido cortada pela metade.

– Quando encontrar Deus – disse Lúcifer. – Diga a ele que isso é só o começo.

Lúcifer rasgou a garganta do moribundo com um golpe da lâmina escura. A essência do Serafim partiu para o Criador. Lilith correu a abra-

çar seu campeão.

– Você me salvou!

Lúcifer mantinha a expressão dura.

– Devemos nos apressar. Outros virão – disse ele. – Só existe um lugar onde você estará segura. Lá, ninguém ousará segui-la. Venha comigo.

Lúcifer embainhou Mefistófeles e decolou. Lilith voou atrás dele.

Ele a conduziu ao coração do oceano, segurando-a firmemente pelo bra-

ço esquerdo ao mergulhar com ela nas águas escuras. Pois, ainda que Lilith fosse imortal, a sensação de afogamento mostrou-se pavorosa. Ele a guiou, através de uma das brechas do Grande Selo, até as profundezas

do Abismo. Lá, Lilith conheceu a sala do trono de ferro, escavada nas entranhas da Grande Pirâmide Negra.

Sentindo a maldade do lugar, Lilith desejou fugir. Mas era tarde demais para isso. Lilith havia traído Deus e provocado a morte de três de Seus anjos. Lúcifer riu das lágrimas de desespero que vertiam pelo rosto da mulher.

– Você agora é tão maldita quanto nós – disse o Príncipe das Trevas. – Não lhe resta outro lar senão o Abismo.

Só então Lilith percebeu que fora arruinada pelas mentiras de Lú-

cifer, o Diabo, o Inimigo, o Sombrio. Ele acorrentou-a, com os pulsos voltados para trás, aos tornozelos, antes de lançá-la, com desdém, numa cova funda e estreita, escavada no porão do palácio real, um vasto e fétido pavilhão subterrâneo habitado apenas por grossas colunas de superf ícies cruas e ásperas. Ele a enterrou, lentamente, com uma

sinistra pá de cabo retorcido, saboreando cada momento. Incapaz de mover-se, Lilith sufo-cou na lama negra que se insinuava por cada orif ício e poro de seu corpo, carregando o Mal para dentro dela. E Lilith lutou por toda uma era contra a perversão do Abismo e resistiu-lhe mais do que um anjo poderia.

Contudo, ao final, prevaleceu o inevitável e as trevas consumiram-lhe a alma, tornando-a negra como a essência dos próprios demônios.

Ao pressentir a destruição da humanidade de Lilith, Lúcifer liberou-a de sua prisão. Ela restava então como o último imortal da raça humana. E, mais do que isso, um tipo singular de monstro. Uma besta dotada de alma, com o poder do Nome de Deus nos lábios.

Isso conferiu a Lilith a capacidade ilimitada de andar sobre a Terra, retornando ao Abismo apenas quando lhe conviesse. Ela empregava sua beleza na sedução de reis e plebeus, homens e mulheres. Com uma crueldade semelhante apenas à de Lúcifer, deitava-se com demônios e humanos, parindo criaturas terríveis e inomináveis que vagavam tanto pelo Abismo quanto pelo mundo. Os primeiros ficaram conhecidos como súcubos, e os segundos, íncubos.

Lilith tornou-se a sexta esposa de Lúcifer, a única a quem ele permitia a infidelidade, pois sua prole macabra provia-lhe novos guerreiros para o exército do Mal.

Além das três esposas que o acompanharam na Rebelião, Astarte, Prosperine e Eisheth, Lúcifer desposara mais duas demonesas, Naamah e Agrat-bat-mahlaht. Lilith seria a última aquisição de seu harém.

LÚCIFER

Incontáveis foram os crimes de Lilith. Os mais notórios, os assassinatos de recém-nascidos que ela visitava à noite, durante o sono, para sugar-lhes o Fôlego da Vida. E, como amante de reis, instigava-os, com mentiras e traições, a levar seus povos à guerra e à ruína.

Lilith cobriu seu nome com o sangue e a agonia de suas vítimas.

Até o final dos tempos, ela foi temida como o pior dos servos de Lúcifer Estrela da Manhã.

CAPÍTULO VI Eva

Adão contorcia-se com o golpe que Lilith lhe aplicara na virilha.

Pior do que a dor, somente a vergonha pela violência que cometera contra a esposa. Ele sucumbira aos seus piores instintos e praticara um ato inominável. Como humano, Adão era incapaz de diferenciar o Bem e o Mal, mas instintivamente sentia seu erro. Ele desejava correr atrás da mulher para mostrar-lhe seu arrependimento. Porém, a dor reteve-o no chão por momentos preciosos, o suficiente para que Lúcifer viesse a Lilith e a levasse dele para sempre.

Adão ainda não sabia disso quando finalmente se pôs a procurá-la.

Sua pele imortal cicatrizou rapidamente dos ferimentos causados por Lilith, deixando três feias marcas a percorrer-lhe o lado direito do rosto, um testamento de seu crime. Ele

vasculhou toda a extensão do jardim do Éden. Entretanto, a noite veio e foi-se sem que ele avistasse sinal dela.

O Sol estava no ápice quando Gabriel se apresentou diante de um aflito Adão. O Serafim contou-lhe que o Deus Que Tudo Vê enviara três de Seus anjos atrás de Lilith, mas que estes não haviam retornado.

– O que aconteceu a eles? Onde está minha esposa, Arauto do Senhor? – perguntou Adão em sua inocência.

Proibido por Deus de revelar a presença do Mal ao Homem, Gabriel partiu em silêncio.

Atormentado pela culpa, Adão atravessou o dia indisposto a comer ou trabalhar. Tanto sofrimento acabou mergulhando-o em sono profundo. Foi quando Gabriel retornou, trazendo consigo dois instrumentos de ouro consagrados pelo Todo-Poderoso. Uma faca de corte curvo e uma pequena serra. Mantido inconsciente pela graça de Deus, Adão não sentiu a delicada incisão feita por Gabriel em suas carnes e nem quando ele serrou-lhe fora uma das costelas. O ferimento se fechou rapidamente graças aos poderes humanos de cura. Gabriel deitou a costela ao lado de Adão e afastou-se. Deus então manifestou Sua força, fazendo crescer da costela um esqueleto completo, como as raízes de uma árvore que se estendem pelo solo. Os ossos ganharam nervos, músculos, sangue, pele e pêlos, formando uma bela mulher de longos cabelos negros e de seios e ancas mais fartos que os de Lilith. Ela jazia adormecida junto a Adão.

Gabriel tomou assento numa pedra e aguardou, pacientemente, até que os primeiros raios de luz do

amanhecer despertassem o casal.

Adão surpreendeu-se com a mulher. Ela, por sua vez, maravilhou-se com o mundo ao seu redor. Gabriel ergueu-se num bater de asas para junto deles.

– Adão, filho de Deus e amigo dos anjos, esta é Eva, feita da sua costela para ser sua companheira.

E Adão, vendo a cicatriz que havia no lado esquerdo de seu abdô-

men, compreendeu o ocorrido.

– Ela é osso dos meus ossos e carne das minhas carnes – disse Adão.

– Estarei sempre ao seu lado e respeitá-la-ei, Eva, minha esposa.

Assim, Adão recebeu Eva com o coração aberto, ainda que dela guardasse distância, assombrado pelas lembranças de seus atos contra Lilith.

Ao contrário de sua predecessora, Eva era dócil e submissa, totalmente devotada ao marido. Contudo, florescia em Eva uma mágoa alimentada pelo respeito excessivo que o marido lhe reservava. Afinal, tudo que Eva desejava era tocar e ser tocada por Adão. Porém, ele não compreendia os anseios da esposa, preferindo dedicar-lhe a paciência e o comedimento que lhe haviam faltado para com Lilith.

Eva sentia-se desprezada e aflita para encurtar a distância que a separava do marido. Mas ela era inocente demais para encontrar uma solução por si mesma.

LÚCIFER

Novamente, a oportunidade apresentava-se para o Senhor da Escuridão. Uma vez mais, enquanto Adão trabalhava, Lúcifer vinha ter com aquela que lhe fora dada como esposa. Se corrompera Lilith mediante sua natureza indomada, Eva seria vítima da própria inocência.

– Deus disse para que não provasse do fruto da árvore que está no meio do jardim – disse o lindo anjo de voz serena e brilho hipnótico.

– Mas, se comê-lo, certamente não morrerá. Porque Deus sabe que, no dia em que dele provar, seus olhos abrir-se-ão e será como Ele, sabedora do Bem e do Mal.

E, vendo Eva que a Árvore da Vida tinha frutos dourados, bons de comer e agradáveis aos olhos, e o entendimento contido neles poderia ajudá-la a conquistar o marido, provou do proibido.

Eva sentiu a cabeça tornar-se leve e a visão, embaçada. Ela ficou em-briagada por um prazer inédito, como se milhares de pequenas mãos e bocas lhe acariciassem cada pedacinho de pele. A face se ruborizou e um calor lhe subiu pela espinha. Sua alma pareceu sair-lhe do corpo, como se ela perdesse o controle de suas ações e sensações. Lúcifer aproveitou-se e agarrou-lhe um seio, enquanto deslizava o outro para dentro de sua boca. Uma umidade estranha ferveu entre as pernas da mulher. Quando se deu conta, estava deitada de costas sobre o tapete de grama verde aos pés da Árvore da Vida, com as pernas abertas e os calcanhares apoiados nas asas de Lúcifer, que se deitava sobre ela.

Eva estava tão excitada que atingiu seu primeiro clímax tão logo a serpente do anjo forçou e rompeu a delicada pele que

havia em seu interior molhado e quente. Ela mordeu os lábios para sufocar os próprios gritos de êxtase, nem sempre com sucesso, temendo que Adão a descobrisse daquela maneira.

Lúcifer possuiu Eva com força, por um longo período. Primeiro, jogando-lhe os calcanhares sobre seus poderosos ombros. A seguir, pondo-a sentada em seu colo, de costas para si, agarrando-a pelos cabelos e cintura. Eva terminou como uma fera de quatro patas, com o rosto no chão e o Diabo montado em suas ancas.

Exausta pelos clímax sucessivos e brilhando do próprio suor, Eva caiu em sono pesado. Lúcifer foi-se com um sorriso. Ele havia plantado sua semente profana no ventre da mulher.

Quando Eva acordou, o Sol já descia no horizonte. Ela apressou-se a encontrar o marido antes que ele notasse sua ausência. Eva estava

envergonhada pelos seus atos e, vendo-se nua, pensou em cobrir-se. Entretanto, sua mente, desperta pelo fruto do conhecimento, concluiu que, se assim procedesse, causaria dúvidas em Adão. Eva precisava tornar Adão como ela antes que os anjos descobrissem sua mudança e os sepa-rassem para sempre.

Eva voltou-se para a Árvore da Vida, que, lesada de um de seus frutos, definhava e morria. Contudo, restava-lhe ainda um fruto saudável nos galhos, enquanto os demais jaziam caídos na grama, apodrecendo rapidamente, com seu dourado natural esvaecendo num melancólico marrom desbotado. Ela arrancou o último fruto e foi procurar o marido.

As folhas da Árvore da Vida terminaram de murchar e caíram, os galhos atrofiaram e o tronco se contorceu num horrendo esqueleto petrificado.

Assim, morreu a Árvore da Vida. Sagrado era seu propósito. Divina, sua beleza. Grande foi o pecado do Homem.

Eva encontrou Adão numa pequena clareira ao norte do jardim.

Feliz, ele trazia um gordo peixe para o jantar. Eva convenceu-o a sentar-se com ela por um instante na relva macia junto à linha de arboretos.

Vaga-lumes começavam a disputar a noite com as luzes das milhares de estrelas que enfeitavam o céu.

Adão percebeu então o que sua esposa trazia à mão.

– Mulher – admirou-se Adão. – Esse não é um fruto da Árvore da Vida?

– Sim, meu Adão – disse Eva. – Eu comi da árvore e trouxe-o para que prove também.

Adão ficou aturdido.

– Deus falou que morreríamos se dela comêssemos.

Eva tocou-lhe a face com ternura.

– Deus estava enganado, meu marido. Experimentei do fruto proibido e aqui estou, viva e com a mente mais clara do que nunca. Eu vejo o mundo de forma diferente agora.

– Como assim?

Eva estendeu-lhe o fruto.

– Tome, Adão. Coma do fruto e aprenda a diferença entre o certo e o errado, saboreie a liberdade que vem do conhecimento. Que sejamos verdadeiramente livres para tornarmo-nos tudo aquilo que desejarmos, meu amado.

80

LÚCIFER

E Adão comeu do fruto. Não exatamente pelas razões de Eva, mas pela esperança de distinguir o certo do errado e não voltar a cometer atos dos quais viesse a arrepender-se.

Adão sentiu a embriaguez da verdadeira libido, aquela que dispensa a reprodução e anseia pelo puro deleite dos corpos. E Adão tomou Eva sobre a relva da clareira. E ele teria feito um filho nela se a semente do Diabo não tivesse antes encontrado refúgio nas entranhas da mulher.

†

———

———

Na manhã seguinte, Gabriel prestou uma de suas costumeiras visitas aos humanos. Ele gostava de sobrevoar calmamente o Éden, pois era delicioso sentir as asas pairando ao sabor do vento. Gabriel avistou o casal ainda em seu leito de amor na clareira. O anjo despertou-os com sua chegada. Ao abrirem os olhos, eles perceberam estarem nus e correram a esconder-se atrás das árvores, buscando folhas de figueira para cobrir suas vergonhas.

Gabriel enfureceu-se.

– Adão! – chamou o anjo. – Onde você está?

– Temi porque estava nu, meu senhor – disse o homem.

– Quem lhe mostrou que está nu? – consternou-se Gabriel. – Comeu da árvore que o Senhor Deus havia proibido?

– A mulher deu-me da árvore, e comi.

Gabriel perscrutou a mente de Eva por respostas. Mentiras e evasi-vas confundiam-se nervosamente em seus meandros. Semelhante caos, ele encontrou nos pensamentos de Adão. O entendimento tirara a inocência de ambos e ensinara-lhes a malícia.

– Por que fez isso, mulher? – perguntou Gabriel.

– Um anjo enganou-me, e comi.

O brilho natural de Gabriel intensificou-se como um sol, e sua voz mudou, soando com grande poder e severidade, e de sua boca saíram as palavras de Deus.

– Foi o Inimigo, o Diabo, a Serpente – disse o Senhor, através de Gabriel. – Ele é o Príncipe das Mentiras. Aquele que traz ruína a tudo que toca. Aquele que corrompe com palavras sedutoras e falsas promessas.

Sua ruína, mulher, deve-se a si mesma por haver caído na tentação da Serpente. Multiplicarei grandemente a sua dor e conceição. Com sofrimento terá filhos. E seu desejo será para seu marido, e ele a dominará.

– Adão, também se amaldiçoaste, Meu filho. Deu ouvidos à sua mulher e provou da árvore que deveria respeitar. Maldito

tornou o solo por sua rebelião. Com a dor da fome comerá dele por todos os dias da sua vida. No suor do seu rosto, comerá até que se torne pó, porque dele Eu o criei e agora para ele você retornará. Morrerá como lhe prometi.

Foi pó, e pó voltará a ser.

O brilho de Gabriel retornou ao normal, pois Deus havia-o deixado, mas não sem antes incutir em Seu Arauto como proceder com os humanos. Gabriel matou dois leões e deles arrancou as peles para vestir o casal, que então expulsou do jardim do Éden para que de sua paz e conforto eles nunca tornassem a desfrutar. Expostos às intempéries e selvajarias da natureza, estavam para conhecer as dificuldades, perigos, misérias e sofrimentos que pavimentam o caminho do livre-arbítrio.

Ao Éden, Gabriel convocou Azapael, maior dos guerreiros Querubins, destacado líder Celibatário e membro do Conselho Divino, instituído para substituir o Conselho dos Cinco no topo da hierarquia an-gélica.

Do Conselho Divino, faziam parte seis Querubins e seis Serafins, partilhando de igual prestígio e força decisória e encerrando a distin-

ção que havia entre as duas castas angélicas anteriormente à Rebelião.

Dentre os Serafins com assento no conselho, estavam Miguel, Camael e Gabriel.

A sede do Conselho Divino ficava no Palácio das Sete Torres, um complexo de prédios situado no coração do novo Primeiro Céu, criado por Deus em substituição à Cidade Prateada.

O nome de Azapael era celebrado entre os anjos e temido pelos demônios devido aos seus feitos durante a Grande Guerra, quando ani-quilou centenas de rebeldes com sua Ratorim, a Espada de Fogo, lendária como a própria Enoli.

Azapael fora um simples ferreiro da Cidade Prateada até a eclosão da Rebelião, quando ele se tornou um dos primeiros a dar combate a Lúcifer e seus seguidores. No pico do morticínio, no momento em que a balança da vitória parecia pender para os rebeldes, foi Azapael quem tudo mudou, dominado por um estranho e súbito impulso, além de sua compreensão. Tomado por muitos como um ato de intervenção divina, Azapael mergulhou a modesta espada que portava no Fogo de Deus, mais precisamente na forja em que costumava trabalhar.

Para surpresa geral, inclusive do próprio Azapael, a lâmina não derreteu. Ao contrário, passou a reter a chama sagrada ardendo eternamente em seu fio. Daí, o nome Ratorim. Ela foi considerada pelos anjos leais como um sinal de que Deus não os abandonara em seu momento de maior necessidade. Um poderoso símbolo que elevou o moral do exército angélico na sua arremetida decisiva contra as tropas de Lúcifer.

Pois foi a Azapael quem Gabriel confiou, segundo a vontade de Deus, aquela nova e importante missão. Até o final dos dias, Azapael deveria guardar a entrada do jardim do Éden, para que nenhum humano ou demônio tornasse a pôr os pés naquele solo sagrado, senão com a permissão do Criador. Tremenda seria a saudade de Azapael da paz e felicidade

que desfrutava no Primeiro Céu. Contudo, maior era sua obediência aos desígnios do Senhor.

Azapael passaria a eternidade brandindo a Espada de Fogo junto aos portões no extremo oriente do jardim. Sua lâmina flamejante, de terrível poder e beleza, jamais permitindo bainha onde pudesse repousar.

83

CAPÍTULO VII A faca e o túmulo

A primeira noite do Homem fora das fronteiras seguras do jardim primordial foi como um prelúdio para todo o sofrimento que estava por vir. Pois os domínios além do Éden eram de um deserto pedregoso e severo. Não havia água ou comida à vista, apenas escorpiões, aranhas e serpentes esgueirando-se traiçoeiramente pela sujeira e alguns poucos arbustos espinhosos que se levantavam teimosos no meio do nada.

Adão e Eva provaram dos arbustos, mas seus espinhos feriram-lhes as mãos e suas folhas amargas eram impossíveis de mastigar. Acostumados a dormir sobre tapetes de relva verde e fresca, o chão de pedras pon-tudas revelou-se um tormento para eles, judiando-lhes as extremidades e costas. Além disso, eles conheceram o medo da noite e da escuridão.

Pois demônios pareciam espreitar por detrás de cada som, de cada sombra que se insinuava sob o luar. Para piorar, ainda havia o frio intenso forçando-os a compartilhar o calor dos corpos, agarrados um ao outro.

Adão e Eva passaram sua primeira noite de liberdade apavorados com o mundo que os cercava.

Quando os primeiros raios de Sol finalmente se anunciaram, seus corações ficaram mais leves e cheios de esperança. Porém, logo eles se viram assoberbados pelas temperaturas crescentes. O frio inclemente da noite transformou-se em calor exasperante, não havendo sombra sob a *85*

qual se refugiar e muito menos sinal de montanhas ou árvores ao longe.

Seus pés descalços racharam sobre o solo hostil, sangue brotou das feridas, misturando-se à poeira. Famintos e sedentos, adormeceram exaustos quando a noite retornou trazendo seu vento frio e sons apavorantes.

As intempéries haviam reduzido-os a dois vultos sujos, doloridos e fétidos, abraçados e tremendo de frio.

As mudanças bruscas de temperatura, a falta d’água e o Sol inescapável cobraram seu tributo de Adão pelo raiar do segundo dia. Eva desesperou-se ao vê-lo suando frio, a pele ardendo em febre. Eva suplicou a Adão que se levantasse, mas ele estava doente demais para fazê-lo.

Entre lágrimas, Eva pediu a Deus para que os ajudasse, temendo que Adão não chegasse ao final do dia vivo. Ela rezou e esperou, mas nenhum alento foi-lhes dado, nenhum anjo veio em seu socorro. A mulher então decidiu que não iria assistir parada ao seu marido morrer. Eva despiu-se, cobrindo-o com a pele que vestia. Seguiu então para o maior arbusto que encontrou e quebrou-lhe os galhos, desprezando a dor dos espinhos que se encravavam e laceravam suas mãos. Seu raciocínio, dá-

diva da Árvore da Vida, funcionou, pois a seiva que escorria dos galhos partidos, ainda que amarga como as folhas,

saciava a sede e restaurava as forças. Ela reuniu a maior quantidade de galhos que pôde e retornou a Adão. E Adão bebeu a seiva e sua mente clareou. Eva fincou os galhos no solo duro, inclinando suas extremidades superiores umas às outras e firmando as inferiores com o uso dos pedregulhos que abundavam ao seu redor. Eva formou dois feixes de galhos, um, à altura dos pés, e o outro, da cabeça de Adão. Posicionou cuidadosamente sua vestimenta junto à de Adão sobre os feixes, improvisando uma tenda, a qual, de tão estreita, só lhes permitia manter-se deitados e imóveis. Todavia, bastou para poupá-los dos raios do Sol e dos ventos noturnos. A engenhosidade de Eva havia salvo suas vidas. Pela primeira vez, um ser humano usara o poder do raciocínio para subjugar a natureza.

Naquela madrugada, após os ventos noturnos arrefecerem, Adão, ainda debilitado, procurou por uma pedra de bordas afiadas o suficiente e cortou, com ela, uma tira de sua roupa. Ele usou a tira para amarrar a pedra à ponta do galho mais comprido que encontrou. Na manhã seguinte, Adão caçou um gordo e nojento lagarto que trouxe para Eva, traspassado na ponta de sua lança improvisada. A fome levou-os a desprezar a *86*

LÚCIFER

aparência repugnante e o sabor detestável da presa. Eles comeram-lhe a carne crua e beberam-lhe o sangue com prazer.

Mesmo temendo a noite e sofrendo com seus ventos, eles preferiam viajar sob as estrelas a enfrentar o Sol escaldante, na sua busca incessante por paragens onde pudessem se estabelecer. Assim, eles dormiam, a maior parte do dia, protegidos sob a tenda. E, à noite, carregavam-na às costas, pois Adão tivera a idéia de amarrar os galhos que a

compunham em feixes, presos com tiras extraídas de sua roupa. Dessa forma, Adão e Eva não precisavam buscar galhos pelos locais onde decidissem erguer seu abrigo.

Longa e penosa foi sua jornada. Porém, aos poucos, Adão e Eva co-meçaram a se deparar com sinais cada vez mais freqüentes de pássaros no céu e uma vegetação mais verdejante e farta. Logo abandonaram a tenda e tornaram a caminhar durante o dia sob a proteção das copas de árvores frondosas. A seiva amarga dos galhos espinhosos foi substituída pela água boa de beber de fontes e córregos que descobriam pelo caminho.

Eva passou a coletar frutos progressivamente maiores em tamanho, quantidade e variedade. Adão, por sua vez, caçava o que surgia pela frente. Lagartos e serpentes, mas agora também coelhos e aves. Certa manhã, Adão viu-se diante de um antílope que degustava as folhas de um belo arbusto. Por um instante, homem e animal ficaram surpresos com a presença um do outro. Entre os bichos favoritos de Adão no Éden, houvera um casal de antílopes com o qual ele costumava brincar e correr. Porém, aquele não era o Éden, e nem Adão o mesmo homem. Ele tinha a lança na mão para prová-lo.

O antílope percebeu instintivamente o perigo mortal que corria e disparou como um raio para a segurança além da linha de árvores mais próxima. Contudo, Adão foi ainda mais veloz, atingindo-lhe o dorso com a lança. A pobre criatura desabou, o sangue jorrando farto do ferimento.

Seus olhos assustados encontraram os de seu algoz, para desaparecerem sob a pesada pedra com a qual Adão esmagou o crânio do pobre animal.

Adão e Eva banquetearam-se nas carnes do antílope pelos dois dias seguintes.

Pouco mais de uma semana depois, o casal avistou a silhueta de uma imensa montanha erguendo-se imponente no horizonte. Seu pico longínquo mostrava-se branco da neve que derretia e formava uma queda d'água que rasgava pela sua encosta sul. A água alcançava tamanho *87*

MARCELO HIPÓLITO

volume ao atingir metade do trajeto, no ponto onde se chocava com um enorme aclive em forma de cunha encravado na parede sul, que se abria em duas cachoeiras a desaguarem num pequeno vale. Adão e Eva caminharam por muitos dias até finalmente alcançarem a montanha de rocha negra e compacta. Durante o percurso, a alegria retornou aos seus espíritos. Um sentimento perdido desde o dia da expulsão.

Adão habituara-se a recolher as pedras de bordas ásperas que achava pelo caminho, convertendo-as em facas e machados. Ao sopé da montanha, às margens da pequena lagoa formada pelas águas frescas e puras oriundas do pico nevado, Adão empregou suas ferramentas de pedra lascada

para levantar uma cabana com os troncos de árvores que ele alegremente derrubou.

O vale ostentava uma floresta de vegetação baixa, infestada de insetos peçonhentos. Contudo, a caça era farta e os frutos da terra, muito ricos. Não se comparava ao Éden, é claro, nada mais no mundo poderia, nem em beleza e muito menos em conforto, porém era um lugar que Adão e Eva finalmente podiam chamar de lar. Eva exibia então uma barriga de seis meses de gestação. Ao seu final, Eva deu à luz Caim. Grandes foram o sangramento e as dores de Eva, exatamente como o Deus Pai havia prometido. Todavia, maior foi a misericórdia do Senhor. Pois Ele lhes enviou Seu Arauto, o Serafim Gabriel, para assisti-los no parto.

Gabriel, ainda que capaz de ler os mais ocultos segredos da mente humana, não captou em Eva a real origem de Caim, filho bastardo de Lúcifer, com uma alma maculada pela escuridão do pai. Tão sincero era o amor de Eva por Adão, e genuíno seu desejo de dar-lhe um varão, que ela bloqueou a verdade mesmo dos poderes de um anjo. As formas humanas do recém-nascido também serviram para perpetrar a mentira, já que mascaravam sua meia ascendência demoníaca. E, assim, Adão tomou Caim nos braços como seu primogênito.

O amor de Adão e Eva traria ao mundo muitos frutos. Após Caim, veio Abel, e, a ele, seguiram-se sete filhas mulheres. E, destas, o tempo comeu os nomes. Pois, a Adão, apenas os varões interessavam. E Eva maldizia o destino por não conseguir dar ao marido tantos varões quanto ele desejava. Por isso, Adão não possuía carinho pelas filhas, enquanto Eva claramente as desprezava.

Eva tornou-se preguiçosa e obrigava as filhas a realizarem suas tarefas, maltratava-as e espancava-as, muitas vezes

por motivos fúteis, às *88*

LÚCIFER

vezes por conta de suas próprias frustrações. Por sua vez, Caim afirmou-se como seu filho favorito, lavrador das terras onde viviam. Abel era mais afeito ao pai, preferindo acompanhá-lo no pastoreio das ovelhas pelo vale.

Eram rapazes feitos Caim e Abel, quando Gabriel, ausente desde o nascimento da sétima filha, veio estar com a família de Adão. Em sua honra, Caim trouxe uma cesta com os mais belos e saborosos frutos das colheitas. Abel, por seu turno, abateu duas das melhores ovelhas para banquetear o anjo. Gabriel fartou-se com as carnes tenras, mas pouco atentou para a oferenda de Caim. E Caim irritou-se profundamente.

– Por que se irrita? – perguntou o anjo. – Por que decaiu o seu sem-blante? Se bem fizer, não haverá aceitação para si? E, se bem não fizer, o pecado jaz à porta, e para você será o seu desejo, e sobre ele dominará.

Caim pareceu serenar diante da sabedoria de Gabriel. Porém, em seu coração, queimava o fogo negro do pai. Seu verdadeiro pai. O Príncipe das Trevas, o Maldito, o Senhor Escuro do Abismo.

Tal revelação estava destinada a Caim no princípio da tarde do dia seguinte, quando ele arava sozinho os campos mais distantes. De início, Caim pensou tratar-se de Gabriel vindo, ao longe, ter com ele. Mas o Serafim havia partido cedo pela manhã, e o anjo que pousou diante do rapaz possuía um esplendor superior ao do próprio Arauto. Seu brilho era inigualável, os olhos, profundos e penetrantes, os gestos, magníficos.

– Venho por você, Caim, primogênito como eu – anunciou o anjo.

– Você que ama este mundo tanto quanto eu próprio. Você que é meu fruto, concebido da sua mãe. Abraça seu pai, meu querido filho.

Atônito e sem reação, Caim viu-se acolhido pelos braços de Lúcifer.

Os anjos não escondiam o Diabo dos humanos desde que estes haviam perdido a inocência original. Caim lembrou-se das terríveis histórias que ouvira quando criança sobre o Príncipe das Trevas e suas malfeitorias.

Relatos que ainda lhe causavam pesadelos estranhos e perturbadores.

De fato, ele quase podia ouvir a voz de Gabriel, numa de suas muitas pregações à sua família, alertando-os sobre o Inimigo e seus truques demoníacos.

Como seus pais e irmãos, Caim aprendera a odiar Satã e estar preparado para enfrentá-lo, caso fosse necessário. Entretanto, naquele momento, envolto pela luz do anjo e o calor reconfortante de seus braços, Caim simplesmente soube. Ele compreendeu que o Senhor das Men-89

tiras falava a verdade. Com lágrimas descendo dos olhos, Caim abraçou seu pai.

†

———

———

Caim ouviu a versão de Lúcifer da Rebelião. Como Deus fizera dele Seu instrumento de violência e renegara-o quando ele se recusou a seguir matando em Seu Nome. Como isso provocara a guerra lançada pelos anjos leais contra aqueles que somente ansiavam pela liberdade. E, por fim, a injusta expulsão dos Céus, destino compartilhado pelo Homem no Éden. Em nenhum instante, contudo, Lúcifer confessou a Caim seu ódio pelos humanos. Pois ele desprezava até mesmo o filho, a quem fingia amar.

– Toma minha mão, que o levo para longe deste lugar, meu varão

– disse o Diabo. – Erguerei para você uma cidade de imenso poder e riqueza, na qual reinará absoluto e será o patriarca de sua casa. Nunca mais precisará curvar-se às ordens de Adão ou qualquer outro mortal.

A cobiça brilhou no olhos de Caim e ele viu-se tentado pela oferta do caído. Ainda assim, ele hesitou.

– Poderei gozar da companhia de minha mãe? – perguntou o jovem. – Desejo tê-la por perto se for iniciar nova vida.

– Não. Precisa deixar o ninho por completo. Esse é o preço da liberdade – disse o Inimigo. – Contudo, poderá levar a irmã de sua escolha para que procrie e faça seus sucessores.

Caim ficou triste, pois amava muito Eva. Mas a ânsia de poder, her-dada do pai, falou mais alto. Caim aceitou a oferta do Senhor da Escuridão. E desgraçou sua alma pela eternidade.

Caim correu para casa. Queria despedir-se de Eva e tomar posse de sua irmã mais nova, a qual, além de ser a mais

formosa, possuía ancas largas como a mãe, boas para parir.

No meio do caminho, contudo, Caim avistou Abel pastoreando em campo aberto. Abel estava sozinho, pois Adão encontrava-se caçando coelhos no outro extremo do vale. Ao vê-lo, Caim lembrou-se da desfeita da noite anterior e, tomado de fúria e orgulho, ralhou com Abel.

Abel procurou acalmá-lo, porém uma sombra maligna obscureceu a face de Caim. Tal qual seu pai havia erguido a mão contra seus irmãos angélicos na Rebelião, Caim sacou a faca que trazia à cintura e golpeou Abel. Sete vezes traspassou-lhe o estômago e outras sete, as mãos que *90*

LÚCIFER

tentavam se proteger. Mesmo após Abel cair de costas, Caim continuou a atingi-lo. Sete vezes no peito e sete vezes no rosto. E o sangue de Abel tocou o solo e a Terra estremeceu violentamente.

Gabriel, que repousava no Éden, sentiu a dor da Terra e voou até o local de sua agonia. Ele encontrou Caim coberto de sangue.

– Onde está Abel, seu irmão? – inquiriu Gabriel.

– Não sei – respondeu Caim. – Sou eu guardador do meu irmão?

E a luz de Gabriel fortaleceu-se, e Deus falou pela boca de Seu Arauto. Caim encolheu-se diante da poderosa voz, assustado.

– Que fez?! O sangue do seu irmão clama a Mim!

Um rastro sangrento levava além dos grossos arbustos atrás de Caim, de onde o cadáver de Abel levitou como que erguido por braços invisíveis. Ele veio flutuando, até pairar ao lado do anjo.

– E agora maldito é você desde a Terra, que abriu a boca para receber de sua mão o sangue do seu irmão! Quando lavrar o solo, não lhe dará mais a sua força. Maldito e vagabundo seja, Caim!

Caim penitenciou-se por medo, e não arrependimento, pois as trevas de Lúcifer habitavam em seu coração. De sua boca, brotou o lamento dos covardes.

– É maior a minha maldade que a que possa ser perdoada. Sairei da Sua face, serei fugitivo e vagabundo, mas todo aquele que me achar me matará.

E o Deus rico em amor, mesmo ciente da falsidade de Caim, apiedou-Se do rapaz. Como com Adão e Eva antes dele, quando enviara Seus anjos para ajudá-los no nascimento dos filhos do Homem.

A voz de Deus soou retumbante pelos quatro cantos do mundo.

E todos souberam.

– Caim matou Abel – disse o Senhor. – Mas sangue algum deverá voltar a macular a Terra. Portanto, qualquer um que matar a Caim, sete vezes será castigado.

E o Arauto tomou Caim pelo pescoço, tirou-lhe a faca da bainha e, com ela, marcou na testa do rapaz o sinal de Sua proteção, para que ninguém jamais o ferisse. Uma meia-lua deitada com a cunha virada para cima. O sangue escorreu do sinal pela face de Caim e sujou-lhe os olhos.

E, mesmo após lavar o sangue, Caim, daquele dia em diante, somente enxergou o mundo através de tons de vermelho.

Deus deixou Gabriel, que partiu carregando o cadáver de Abel.

Caim foi ter com Adão e revelou-lhe ser fruto da traição de Eva com o Diabo. Escárnio e humilhação, Adão colheu daquele que recebera como filho, o qual, em troca, privara-o de seu único e verdadeiro varão.

Abatido pela dor, Adão desapareceu dentro da floresta, só tornando a ser avistado por olhos humanos um século depois. Terrível foi a dor de Eva ao renegar Caim, pois imenso era seu amor por ele, porém maior fora a vergonha do adultério revelado.

Caim entristeceu-se pela mãe, mas encontrou consolo no destino grandioso que o Diabo lhe havia prometido. Ele catou sua irmã caçula, cujos pedidos de socorro foram inúteis diante da indiferença da mãe e do medo das irmãs. Dois Serafins caídos, Matraton e Belzebu, aguardavam Caim e sua noiva à saída do vale. Em silêncio, e sem aparentar emoção, eles carregaram o casal de humanos à planície de Node, a leste do Éden.

Uma região pantanosa, banhada por um vasto rio e coberta por um mato longo e espesso, com poucas árvores e muito junco. Uma variedade de peixes e pássaros dividiam os pântanos com ameaçadores crocodilos e serpentes mortais.

Lúcifer aguardava-os à entrada de um imponente palácio que man-dara seus demônios construírem às margens do

tortuoso rio. Um conjunto de três torres contíguas, de paredes muito brancas e lisas, com poucas janelas, a maioria distribuída pelas seções superiores da torre principal. A maior janela ficava na sala do trono e abria-se para o jardim do Éden, distante no horizonte. Ainda não havia ornamentos ou móveis em seu interior, apenas um grande trono vazio de madeira negra e gelada. Lúcifer entregou a Caim o palácio e comandou-o a levantar uma cidade a redor dele, destinada aos seus herdeiros e a celebrar o pacto do Homem com o Diabo. Por isso, Caim deu à edificação o nome de Palácio da Aliança e prometeu erguer uma estátua a Lúcifer na praça principal da futura cidade. O pai sorriu satisfeito e partiu com a promessa de guardar seu filho e seus descendentes.

Caim então usou o corpo da irmã e dela concebeu Enoque, seu primogênito. A cada ano, pelas próximas cinqüenta colheitas, a mulher deu-lhe um filho ou filha. Com eles, Caim ergueu sua cidade e chamou-a Enoque.

Seu filho Enoque tomou três irmãs como esposas e com elas teve sete varões, o mais velho chamou Irade. Enoque e os filhos erigiram uma estátua a Lúcifer no centésimo aniversário da morte de Abel e construí-

ram a mais bela praça da história humana para exibi-la. Nesse dia, uma sombra de desespero caiu sobre Caim. Seu pai não o visitava desde que o agraciara com o palácio, e agora uma angústia inexplicável lançava raízes profundas em seu coração. Caim entregou a coroa a Enoque e saiu pela noite como um fugitivo e vagabundo, cumprindo a profecia do Deus Todo-Poderoso. Porém, aquela não seria a última vez que Caim pisaria em Enoque.

†

_____

_____

Nesse mesmo ano, Adão finalmente retornou de seu exílio, encon-trando as filhas sujas e maltratadas por Eva, em contraste com a cabana e os campos, que elas mantinham bem cuidados. Adão perdoou a traição da mulher e, na primeira noite de volta ao seu leito, conceberam Sete.

– Deus deu-me outra semente em lugar de Abel – disse Eva. – Por-quanto Caim o matou.

E Sete tomou as irmãs e nelas plantou suas sementes. Seu primeiro rebento veio da mais velha. Era um belo varão que chamou Enos. Enos e seus descendentes também ergueram uma cidade, que se estendia do sopé da grande montanha ao extremo norte do vale e ficou conhecida como a Cidade do Homem. Enos foi coroado rei, pois nem Adão nem Sete almejavam trocar a tranqüilidade do pastoreio pelos afazeres do trono. Às margens da pequena lagoa, Enos ergueu um templo ao Senhor, tornando-se o primeiro sacerdote humano a invocar o Santo Nome.

A Cidade do Homem cresceu e prosperou pelos séculos seguintes para além dos confins do vale, gerando um dezena de vilas e aldeias nos seus arredores. Adão tinha então novecentos e trinta anos, quando, após uma longa e sentida ausência, Gabriel reapareceu em segredo no reino de Enos, vindo ter com o Primeiro dos Homens em seus aposentos. Eva dormia tranqüilamente e os poderes de Gabriel mantiveram-na inconsciente, pois ele não pretendia perturbá-la com sua presença.

Em seu íntimo, Adão sabia o motivo da visita do Serafim. Afinal, ele sentia a vida esvair-se de seu corpo a cada dia e um cansaço que sono algum conseguia remediar. Havia chegado a hora de acertar seu débito com Deus pela violação do fruto proibido. Adão abraçou a morte, resignado. Gabriel carregou-o ao jardim do Éden num vôo acima das nuvens e sob o manto prateado do luar. Lá chegando, Azapael baixou a espada flamejante. Adão foi escoltado pelos doze membros do Conselho

Divino até a finada Árvore da Vida, da qual restava apenas o troco seco e retorcido. Uma lápide feita em ouro e uma cova com sete palmos de fundura estavam preparadas para receber o Primeiro Homem. E Adão deitou-se na cova ajudado por Gabriel e Camael, pois seus ossos doíam, traindo-lhe os movimentos. Ele ajeitou-se com serenidade, aliviado por estar livrando-se das provações do mundo f ísico.

– Regozije-se, Adão, filho de Deus – disse Gabriel. – Pois uma morada foi preparada junto aos Céus para você e aqueles do seu povo que o seguirão. Você irá dormir agora e acordará, ao final dos tempos, nos braços do Criador.

Adão sorriu enternecido e dormiu o sono eterno.

Gabriel sepultou Adão sob a terra do Éden, e em sua lápide lia-se:

“Aqui jaz Adão. Pai da humanidade e filho do Senhor”.

Na manhã seguinte, quando Eva despertou e não avistou o marido, ela desesperou-se, já que, há tempos, Adão encontrava-se fraco demais até para deixar os aposentos. A guarda pessoal do rei Enos vasculhou o palácio, cada rua e

casa do vale em vão. Ao cair da noite, Gabriel veio à sala do trono prestar suas condolências à família real, revelando o destino final de Adão. Eva desabou em lágrimas, amparada pelos descendentes, culpando-se pela morte do esposo, ao qual afinal convencera a provar do fruto da Árvore da Vida. Gabriel, entretanto, consolou-a, dizendo que fora guardado um lugar para ela no jardim do Éden. Assim, quando Eva julgasse haver chegado o momento de seu descanso eterno, bastaria chamá-lo que Gabriel a levaria para junto de Adão. Pois, se em vida o Primeiro Casal fora exilado, na morte tornavam a ser bem-vindos ao jardim sagrado. As palavras de Gabriel ainda ressoavam pela corte perplexa quando ele partiu.

O Sol matinal encontrou Eva agarrada ao travesseiro de sua cama enorme e vazia. Sendo-lhe impossível continuar a viver sem o marido, Eva reuniu sua imensa família e anunciou sua partida. Entre os homens, houve profunda comoção. Vários se entregaram ao choro. Uns chegaram a maldizer Deus pela praga da morte. Mas estes foram pronta e firmemente repreendidos por Sete e Enos. Algumas mulheres entristeceram-se, porém a maioria delas tinha muito pouco apreço por Eva, de quem só recebiam tarefas e maus tratos. Foi dito que algumas até celebraram, em pequenos grupos escondidos pelas cozinhas e jardins palacianos, o fim daquela velha miserável.

94

LÚCIFER

Eva pediu aos seus queridos varões por um derradeiro dia de celebrações em sua companhia. Nada de tristezas. Deveriam ser momentos de pura alegria. E, assim, foi concedido a Eva seu último desejo. Sete proclamou um dia inteiro de festividades no reino dos homens. Muita bebida, canções e

danças marcaram aquela data solene. A noite veio e se foi deixando a todos enfastiados e satisfeitos. Eva aproveitou para esgueirar-se furtivamente para longe do palácio. Ela não pretendia estragar as boas lembranças com despedidas longas e dolorosas.

Eva buscou a privacidade de um beco deserto nos arredores da cidade e chamou por Gabriel. O anjo não tardou a aparecer. Eva foi o último humano a receber permissão para entrar no Éden. Ela tomou seu lugar de direito, numa cova ao lado da do marido, fechou os olhos e seu espírito partiu para os Céus. Na sua lápide, Miguel gravou os lendários dizeres:

“Aqui jaz Eva, bem-amada e perdoada por Deus”. Os túmulos de Adão e Eva ficaram sob a guarda de Azapael, de então até o final dos tempos.

CAPÍTULO VIII As duas cidades

Enoque governou por dezessete anos, até ser deposto e lançado à masmorra por seu primogênito Irade. Enoque morreria aos cento e vinte anos, louco e esquecido nos subterrâneos sombrios da cidade que levava seu nome. A descendência de Caim tinha o sangue afinado pela escuridão de Lúcifer que eles traziam dentro de si. Daí suas vidas dura-rem menos do que as do povo de Adão. Ainda assim, mesmo sob a égide da maldade, a cidade de Enoque prosperou e estendeu-se pelos séculos seguintes, tornando-se um poderoso império, mais rico e populoso do que o próprio reino de Enos.

Contavam-se às dezenas de milhares os habitantes de Enoque, quando subiu ao trono seu sexto governante. Seu nome era Lameque, cujo pai fora o rei Metusala, único da

linhagem a viver quase tão longamente quanto um filho legítimo de Adão.

O pai de Metusala fora Meujael, primogênito de Irade. Irade reinara absoluto por um quarto de século, passando a coroa, às portas da morte, com cento e treze anos de idade. Meujael celebrizou-se por incrementar o culto a Lúcifer e seu séquito de demônios. Templos monumentais foram erguidos a Pazuzu, Leviatã, Belzebu, Azazel, Belial, Astaroth e Matraton. Todavia, a mais formidável das suas obras foi a Grande Pirâmide, edificada em honra a Lúcifer e inspirada no palácio que, segundo Caim, *97*

seu pai habitava no Abismo. Uma catedral negra de pavimentos internos cobertos de assoalhos rudes e tingidos de vermelho pelo sangue dos animais sacrificados ao Diabo. Uma ampla pira ardia da gordura proveniente dessas oferendas pagãs.

O Evangelho de Lúcifer anunciava que os mortos herdariam seus domínios no Abismo. Pois as almas daqueles que o adoravam e faziam oferendas em seu nome seriam recebidas com amor pelos caídos, enquanto as almas dos infiéis e heréticos padeceriam sob escabrosos tormentos.

Mentiras típicas do Inimigo. Pois Lúcifer desconhecia o real destino das almas humanas, as quais ele acreditava consagradas aos Quatro Céus. Entretanto, enganado estava o Diabo a respeito das intenções do Criador. Já que as almas humanas não seguiam aos Céus e nem ao Abismo, mas a outro lugar da Criação.

O rei Meujael ampliou os domínios de Enoque para além da terra de Node, inaugurando uma série de vilas e postos fronteiriços. Foram seus batedores os primeiros a trazer

notícias de uma cidade distante, que parecia rivalizar em poder e riqueza com seu reino. Seus homens haviam encontrado a Cidade do Homem.

Os habitantes de Enoque viram-se tentados por sonhos de conquistas. O veneno da cobiça insinuou-se por cada templo, rua e casa. Relatos fantásticos começaram a circular a respeito de incontáveis tesouros e belíssimas mulheres que haviam de existir na terra longínqua. Os demô-

nios ouviram o clamor da ganância e da luxúria que subia dos corações dos homens de Enoque. Eles então lhes ensinaram a arte de forjar espadas, escudos, capacetes, lanças e arcos. Meujael faleceu aos noventa e nove anos, quando seu latente exército começava a ganhar forma. Sua obra prosseguiria sob seu único varão, Metusala. E cem anos levaram os exércitos de Enoque aprimorando-se nos assuntos da guerra. Eles apren-deram a disciplina militar, o manejo correto das armas e a domar a mais nobre das criaturas, o cavalo, desenvolvendo os conceitos de cavalaria de assalto e carros de combate. Doutrinas guerreiras foram elaboradas por conselheiros e estudiosos reais e prontamente testadas em exercícios bélicos. Lúcifer instruiu Metusala a constituir uma guarda palaciana nos moldes de seus Luciferes, dando origem aos Capacetes Negros, soldados de elite da confiança do rei.

Entretanto, mais sábios foram os anjos do Senhor, pois pressenti-ram a sombra que se erguia a leste do Éden. Gabriel compareceu perante *98*

LÚCIFER

Metusala para proibi-lo de derramar sangue humano, o que não ocorria desde o assassinato de Abel. Com o fio de sua espada contra a garganta do rei, o Serafim avisou que

Enoque seria varrida da face da Terra, se marchasse para o reino de Adão, pois este estava sob a proteção do Deus Único. Na mesma fúria que chegou, Gabriel foi-se, deixando, atrás de si, a corte em alvoroço.

Os sacerdotes satanistas mantiveram-se os mais eloqüentes defensores da guerra, firmes na sua convicção de que os anjos do Criador não deveriam ser temidos, afinal os demônios lutariam ao seu lado, garantindo-lhes a vitória. Eles repetiam a cantilena do Diabo, que os instigava a pilhar as casas e os templos de Adão, a violar suas mulheres e escra-vizar-lhes as crianças. Pois aquelas terras distantes pertenciam aos que renegaram Caim, o Patriarca dos Homens. Seu sangue deveria ser fraco como o de Abel, fazendo deles merecedores da escravidão e do fio de suas espadas.

Metusala, contudo, recusou sabiamente as sugestões do clero, despertando a fúria de Esthor, Sumo Sacerdote das Trevas, líder da igreja satânica. Homem alto, severo e cruel, Esthor retirou-se da sala do trono num rompante de ira, mas não sem antes jurar vingança ao rei pela sua traição aos desígnios de Lúcifer. Naquela mesma noite, o Diabo veio aos aposentos de Metusala para convencê-lo a permanecer no curso da guerra. No entanto, o rei mostrou-se previdente, sabendo que tal ação apenas traria ruína à sua cidade. O Diabo partiu contrariado, e intenso foi seu desejo de estripar Metusala com as próprias mãos, porém, resistiu ao impulso, temendo despertar a cólera de Deus e trazer sobre si as hostes angélicas, se derramasse sangue humano, mesmo que de um descendente de Caim.

Meros dois dias após sua altercação com Lúcifer, o rei foi atacado.

Um grupo de sacerdotes satanistas emboscou Metusala durante sua costumeira caminhada matutina pelos jardins do Palácio da Aliança. Nessa ocasião, contudo, temendo pelos acontecimentos recentes, Metusala tomara as devidas precauções. Quando os nove sacerdotes surgiram empunhando suas adagas assassinas, viram-se prontamente cercados por um pelotão de Capacetes Negros que acompanhavam o rei escondidos atrás das linhas de arbustos que se estendiam de ambos os lados da trilha.

Os sacerdotes foram rapidamente dominados, segundo as sábias ordens de Metusala, sem que uma só gota de sangue fosse vertida.

A notícia do atentado ao rei despertou a fúria vingadora da popula-

ção. O exército precisou intervir para separar a turba enlouquecida dos sacerdotes e sacerdotisas apavorados. Se os soldados preveniram o der-ramamento de sangue, a mesma sorte não tiveram os templos satanistas, saqueados, vandalizados e incendiados, muitos feitos em ruínas.

Para evitar tragédia maior, o rei exilou o clero satanista para longe de seus domínios. Despojados de suas ricas vestes, Esthor e os demais foram acorrentados uns aos outros pelos pulsos e tornozelos. Antes de deixarem os limites da cidade, nus e em fila única, seguindo sob o escárnio da população, a qual lhes jogava frutas estragadas e baldes de urina e fezes nos corpos, Esthor, que fechava a fileira de proscritos, voltou-se para os habitantes de Enoque. Ele prometeu que os satanistas retornariam e que, nesse dia, os rios da Terra

tingir-se-iam com o sangue dos in-fiéis. Proféticas seriam as palavras daquele homem poderoso e maligno.

Pois Leviatã, enviado de Lúcifer, foi encontrar os satanistas no meio do deserto. Ele libertou-os dos grilhões e conduziu-os à cadeia de montanhas que se erguia no extremo leste do mundo, de onde eles iriam tramar sua vingança.

Entretanto, aqueles ainda eram dias felizes para os habitantes de Enoque. Pois, pela primeira vez, estavam livres da influência do Mal.

A sombra de perf ídia e vilania que havia em seus corações encolheu e pareceu extinguir-se. Seus exércitos debandaram e os sonhos de conquista foram esquecidos. Enoque conheceu anos de paz e prosperidade como nunca antes. Suas colheitas dobraram, triplicaram em abundância. Seus animais, não mais sacrificados, passaram a alimentar adultos e crianças, e não mais a pira sinistra da Grande Pirâmide Negra, desmontada até o último bloco de pedra. Os demais templos foram convertidos em locais santos de oração a Deus e seus anjos. Até a aparência do rei melhorou, os cabelos brancos e as rugas de Metusala, então com cento e trinta e três anos, desapareceram, e ele retomou a jovialidade de outrora. E todos pelo reino diziam ser aquele um presente de Deus e davam graças em suas orações. Não tardou para que os anjos anunciassem sua presença em Enoque. Gabriel foi o primeiro deles, e freqüentes tornaram-se suas visitas. Seguiram-lhe Miguel, Camael e muitos outros. Os anjos come-

çaram a recuperar sua fé no gênero humano, tão abalada pela expulsão do Éden, a rebelião de Caim e os desvios anteriores de Enoque. Talvez o Homem não fosse tão corrompível pelo Mal quanto inicialmente haviam

pensado. E os anjos sentiram alegria e tiveram esperança no Homem. Sua maior presença tornou-se evidente também na Cidade do Homem. Encantados como estavam com a humanidade, não tardou para as criaturas divinas descobrirem a formosura das mulheres. Serafins e Querubins não celibatários tomaram para si as mulheres de sua escolha.

Porém, com as mulheres de Enoque os anjos não se deitaram, já que nas veias delas corria o sangue de Caim, filho de Lúcifer. E os anjos não queriam macular-se com o sangue do Inimigo. As eleitas da Cidade do Homem gozavam de grandes honrarias, suas famílias veneravam-nas por deitarem-se com anjos, e os homens disputavam-nas como esposas de prestígio. E elas pariram os filhos dos anjos. Gigantes não pela estatu-ra, pois humanas eram suas dimensões e aparência, mas pela força f ísica e rapidez superiores. Semideuses capazes de levantar uma casa inteira com as mãos nuas e correr mais velozes do que a gazela ou o cavalo. Eram mortais, já que podiam perecer de acidente ou doença, contudo, jamais de velhice, pois deixavam de envelhecer ao alcançarem a idade adulta.

O mais poderoso dos gigantes foi Sansael, o primeiro de sua raça, primogênito de Gabriel com a mais formosa das mulheres depois de Lilith, a princesa Inara, filha de Enos.

†

———

———

Novecentos e sessenta e nove anos viveu Metusala. Período de glória, paz e fortuna para seus súditos. O reino inteiro

chorou seu passamento, canções e libelos foram escritos em sua honra. Nessa época, Adão e Eva já haviam falecido, com a Cidade do Homem experimentando semelhante prosperidade sob a coroa de Enos, então um ancião tornado ainda mais sábio e magnânimo pelo transcorrer dos anos.

Mas, no extremo leste da Terra, nos picos das mais altas montanhas, onde a vida rareava e a crueza impunha-se, uma semente de terror fora plantada e germinara por séculos a fio, esperando pelo momento certo para desabrochar como uma tormenta sobre o mundo.

A morte de Metusala e a ascensão ao trono de seu filho, Lameque, então com apenas trinta anos, foram alardeadas aos quatro ventos por Lúcifer.

Havia poucas décadas, Lilith, a Fêmea Primordial, tinha sido liber-tada de seu cativeiro no Abismo, inteiramente convertida numa discípula do Mal. E Lilith veio perante os descendentes dos satanistas de Enoque, *101*

ocultos na profunda galeria de cavernas que cortava o interior sombrio das altas montanhas. Eles haviam criado, naquele local esquecido por Deus, uma sociedade diabólica cuja lei era o domínio do forte sobre o fraco e onde torturas e estupros faziam parte da rotina.

No seio da mais obscura e fétida das cavernas, Lilith deitou-se com Aton, rapaz de forte compleição f ísica e temperamento bárbaro. Descendente direto do Sumo Sacerdote Esthor, Aton foi seduzido pela beleza suprema da Primeira Mulher.

Dessa união carnal, Lilith deu à luz, treze dias mais tarde, uma prole tão maldita quanto poderosa. Seis pequenas

serpentes negras com asas nas costas, de olhos vermelhos como sangue e bocarras medonhas que cuspiam fogo. Foram chamados dragões. Bestas tão ferozes que eram mantidas presas pelos pescoços a grossas correntes fincadas no chão frio da maior das cavernas.

Antes de retornar ao Abismo, Lilith ordenou que seus filhos fossem bem alimentados com a carne dos abutres e cabras montanhesas que habitavam as encostas mais baixas. Pois, tão logo atingissem a maturidade, eles tornar-se-iam poderosos soldados a serviço das trevas, trazendo o terror às mentes e corações dos homens.

A prova da selvajaria indomável dos dragões deu-se na noite seguinte à partida de Lilith, quando Aton, movido por tolo instinto pater-nal, cometeu a insensatez de aproximar-se demais dos filhos. Ele foi feito em pedaços pelos monstros que o devoraram até os ossos.

Os dragões respeitavam e obedeciam unicamente ao senhor dos satanistas. Uma presença melancólica, envolta em um manto negro, es-farrapado e sujo, que lhe escondia o rosto sob o pesado capuz. À vista, ele deixava somente suas mãos velhas e ossudas, semelhantes às de uma caveira, com unhas longas como as garras de um leão. Tinha o andar cansado, encurvado pelo tempo, apoiado sempre num cajado de madeira seca e retorcida. Sozinho, armado apenas com a espada negra que trazia à cintura, ele liberou da corrente Goroth, o maior e mais perverso dos dragões.

O velho alquebrado montou em Goroth como quem toma a sela de um cavalo, ainda que o dragão possuísse cinco vezes o tamanho de um corcel adulto. Goroth decolou para as cercanias de Enoque. Era alta madrugada quando eles chegaram. O velho prosseguiu a pé, deixando o dragão escondido num desfiladeiro ao norte.

LÚCIFER

Pelas sombras, o ancião encontrou seu caminho até o palácio real sem ser avistado pelos moradores da cidade. Lameque perambulava solitário e inquieto pela sala do trono. O sono não lhe vinha, algo estranho para um homem acostumado a dormir como um bebê. Desde o cair da noite, contudo, sentia um gosto amargo na boca, acompanhado por uma agonia no coração que não conseguia explicar. Foi então que o velho surgiu no recinto.

– Quem vem lá? – perguntou o rei, assustado. – Diz sua intenção, estranho!

O ancião baixou o capuz e a luz trêmula das achas espalhadas pela sala do trono iluminaram-lhe a face descarnada e os olhos injetados pelos séculos.

– Sou Caim, filho de Eva, seu ancestral e patriarca, ó Lameque, soberano de Enoque.

Em princípio, Lameque duvidou, mas então vislumbrou a marca da meia-lua que o velho ostentava na testa e teve certeza de que se tratava de Caim.

– Como entrou no palácio sem ser notado pela minha guarda pessoal? – limitou-se a questionar um atônito Lameque.

– Esquece-se de que esse trono já me pertenceu e que essas paredes já foram meu lar? Conheço cada passagem e corredor do Palácio da Aliança melhor que qualquer outro.

– O que quer, ancião? Veio reclamar a coroa?

– Se eu quisesse a coroa, ela seria minha por direito. Mas não tema, Lameque, filho de Metusala, pois não chego por seu trono.

– Então pelo quê?

Caim suspirou com dificuldade, depositando o peso do corpo sobre seu sinistro cajado. E, de repente, ele pareceu muito frágil e cansado aos olhos de Lameque.

– Eu estou morrendo – disse o velho. – Tudo que desejo é terminar os meus dias na cidade que construí. Em paz, longe das adulações de cortesões e súditos. Verá que não peço muito, rapaz. Apenas abrigo para este meu alquebrado esqueleto. Em troca, dou-lhe a palavra de que manterei minha presença aqui em segredo, para não prejudicar seu reinado com rumores e especulações.

Desconfiado e temeroso, Lameque preferiu manter Caim próximo a si, sob seu controle, até se decidir o que fazer com ele.

Por longos meses, Lameque esperou que Caim tentasse usurpar-lhe a coroa. Contudo, o velho manteve-se fiel à sua promessa, conservando-se no anonimato, jamais deixando o quarto de hóspedes, um recinto amplo localizado no topo da mais alta torre do palácio, outrora destinado a Lúcifer, mas lacrado desde que o Diabo rompera com Metusala. Lameque providenciou uma governanta de sua confiança para servir a Caim.

Toda manhã, ela entregava uma bandeja com vinho, água, carnes, ovos e pães junto à porta fechada e retornava

somente à noite para recolhê-la no mesmo lugar, então vazia, e sem jamais avistar o hóspede misterioso.

Lameque gostava de visitar o velho de supetão, a qualquer dia ou horário, esperando surpreendê-lo tramando algum golpe contra si. Po-rém, ele sempre o achava sentado diante do balcão, em silenciosa contemplação, o olhar perdido no horizonte e no jardim do Éden mais além.

Nessas ocasiões, Lameque buscava sondar as intenções de Caim. Surpreendentemente, as conversas que partilhavam acabaram despertando a admiração de Lameque. Ele descobriu que o velho conservava uma mente arguta e bem treinada nos caminhos da ciência e da razão. Lameque abandonou gradualmente suas desconfianças à medida que ia afei-

çoando-se ao ancião. Caim dividia com ele suas experiências passadas como rei. Logo começou a prover pequenos conselhos a Lameque, referentes a assuntos menores da corte, que se provaram valiosos e prudentes. Caim não tardou a instruir o rei, com maior propriedade do que o próprio Metusala, nas sutilezas e artimanhas da política. Antes que se apercebesse, Lameque tornou-se dependente de Caim. Pelos dois anos seguintes, a influência de Caim enraizou-se no rei. A ponto de Lameque dispensar, paulatinamente, os ministros e conselheiros reais, muitos do quais haviam sido leais servidores de seu pai. No fim, restou-lhe apenas Caim como fonte de sabedoria e inspiração.

Mais insidiosa ainda foi a introdução, lenta e gradual, de um novo núcleo de poder na cidade, forasteiros que surgiam nas fronteiras pro-clamando-se sacerdotes de um estranho culto ao Sol e à Lua. Eles traja-vam mantos brancos e túnicas negras e gozavam da proteção do rei, que mandou demolir o Palácio da Justiça para erguer no lugar um inusitado templo,

um gigantesco panteão elíptico. O povo de Enoque assistiu contrariado aos serviços legais serem menosprezados e inadequadamente distribuídos a outros prédios públicos. E o pior, eles sentiram-se avil-tados com a nova religião, que se contrapunha à sua crença no Deus *104*

LÚCIFER

Único. Os anjos ressurgiram em Enoque, tentando dissuadir Lameque de afastar-se da verdadeira fé. Mas ele desprezou seus apelos e, ao término de nove anos, a enorme catedral elíptica estava concluída. Diante da insolência herética de Lameque, os anjos abandonaram Enoque, dessa vez para nunca mais retornarem, enquanto a insatisfação popular crescia rápida e assustadoramente.

Os anjos estavam alheios ao fato de os sacerdotes do Sol e da Lua serem, na verdade, descendentes dos satanistas de Esthor, trazidos das altas montanhas, em segredo, nas asas de Goroth e seus dragões, segundo ordens de Caim. Em pouco tempo, as cavernas distantes e sombrias no topo do mundo encontravam-se abandonadas, pois as centenas de sacerdotes agora tinham um novo lar na catedral que Lameque consa-grara-lhes. Com noventa e cinco anos de idade, Lameque considerou-se forte o suficiente para proclamar o Oráculo como a religião oficial de Enoque, abolindo o culto ao Deus Único. Entretanto, poucos haviam se voltado para a nova fé. Assim, a maioria da população sublevou-se contra Lameque e marchou para o Palácio da Aliança.

Infelizmente, esse foi apenas o início da tragédia, já que Lameque, seguindo atentamente os conselhos de Caim, vinha reforçando sua guarda pessoal. Nos últimos três anos, os Capacetes Negros vinham se tornando uma força bélica numerosa, equipada com as melhores lanças, espadas e

escudos. Eles reprimiram violentamente a insurreição. E, novamente, a Terra bebeu o sangue do Homem. Mais de mil pessoas foram massa-cradas naquele dia maldito. As ruas de Enoque transbordaram com o sangue dos inocentes. Nem as duas esposas de Lameque, as rainhas Ada e Zila, cujas belas formas haviam seduzido Lameque contra a vontade de Caim, foram poupadas da ira do monarca.

Ada era a mãe de Jabal, herdeiro do trono, um jovem impetuoso de coração livre e bondoso, encarregado do gado da alta nobreza e aprecia-dor da vida entre os pastores nômades do reino. E Zila havia tido Jubal, o qual preferia compor música e tocar o órgão e a harpa a lidar com os assuntos de Estado. Pois eram esses dois jovens puros que Caim, com suas mentiras, convenceu Lameque estarem conspirando para matá-lo e tomar-lhe a coroa. A prova seria a fé de Jabal e Jubal no Deus Único, que amariam mais que ao próprio pai. A malícia de Caim levou ao assassinato dos dois irmãos pelas espadas dos Capacetes Negros. Crime tenebroso que Lameque anunciou sorridente às esposas, antes de jogá-

las no calabouço do Palácio da Aliança, de onde nunca tornariam a ver a luz do Sol.

– Ouvi a minha voz, mulheres de Lameque – bradou o rei maldito e sanguinário. – Eu matei um varão por ferir-me e um mancebo por pisar-me. Porque sete vezes Caim será vingado, mas Lameque, setenta vezes sete.

Lameque tinha mais dois filhos com Zila: Tubalcaim, Chefe das Forjas Reais, e sua irmã, a virginal Naama, os quais Caim poupou da morte, mas não de um destino igualmente

terrível. Para evitar que Lameque tornasse a casar, Caim convenceu-o de que Tubalcaim e Naama, tão tementes a Deus quanto Jabal e Jubal, deveriam dar-lhe um herdeiro, cujo tutor seria o próprio Caim, o qual poderia moldá-lo, ao seu bel-prazer, num fiel servidor de Satã. Entretanto, teriam de aguardar alguns anos até que Naama, ainda uma criança, fosse capaz de emprenhar.

O pior, porém, Caim e Lameque desconheciam, a existência de outro pretendente ao trono de Enoque.

Certa noite, o rei deitara-se bêbado com uma cortesã, uma dançarina que entretinha as festas da nobreza. Dessa união, ela veio dar à luz um filho bastardo de Lameque, o qual ela chamou Noé. Apavorada com o massacre dos populares e o expurgo da família real, a cortesã fugiu de Enoque carregando seu bebê nos braços. Apesar de haverem escapado das garras de Lameque, mãe e filho teriam sucumbido aos rigores do deserto, caso um anjo não tivesse intervido. Miguel, ainda com lágrimas nos olhos após tanto sangue e tantas vidas ceifadas em Enoque, conduziu-os à Cidade do Homem, onde foram acolhidos pela casa do rei Enos.

Noé e sua mãe foram os únicos habitantes de Enoque a fugir das sombras que desceram sobre aquele reino condenado. Os demais viram-se forçados a adorar o Sol e a Lua.

Mais da metade da população de Enoque manteve-se fiel ao Deus Único e foi sacrificada sobre os altares dos antigos templos convertidos à nova fé. Cachoeiras de sangue jorraram, maculando a Terra de vermelho. Milhares pereceram sob as adagas cerimoniais dos sacerdotes, cumprindo a promessa de Esthor. Seus descendentes haviam retornado e executado a sua vingança.

Os súditos restantes foram seduzidos por aquela orgia de morte, poder e violência, e logo se ajoelhavam em preces ao Sol e à Lua, os quais não tardaram a apresentar-se. Lúcifer surgiu numa impressionante *106*

armadura de ouro e sua esposa Lilith, num vestido bordado com delicados fios de prata. O Diabo proclamou-se como o Deus Sol e a Lilith, como a Deusa Lua, e foram adorados por aqueles que, ao escaparem da morte rápida, haviam condenado suas almas eternas. Enoque mergulhou novamente nas trevas, dessa vez para jamais sair.

Pelas duas décadas seguintes, Lameque preparou seu povo para a conquista da Cidade do Homem. Exércitos foram recriados e rearmados.

Caim estava convencido de que os anjos não fariam valer seu aviso a Metusala, afinal o reino já havia derramado sangue humano, o seu próprio, e, surpreendentemente, não sofrera represália por isso. Além disso, seus deuses pagãos tinham lhes prometido que as legiões do Abismo lutariam ao seu lado, caso as hostes angélicas aparecessem. Um juramento que Lúcifer não tinha a menor intenção de manter, e no qual Lameque temerariamente acreditou.

Os dragões vieram guardar a cidade, espalhando temor e admira-

ção. Goroth e dois de seus irmãos empoleiraram-se cada qual sobre uma das torres do Palácio da Aliança. Goroth, na mais alta delas. Os três dragões restantes estabeleceram-se no terraço do grande panteão negro consagrado ao Deus Sol.

E Lúcifer presenteou Lilith ao rei, não para parir-lhe um herdeiro, mas um general às suas tropas. Lilith concebeu sete dias após o ato carnal, dando vida a uma esfera de luz negra. Por treze dias, a esfera foi mantida num quarto escuro, longe dos raios do Sol, e cresceu até resfriar-se e solidificar-se na forma de uma criatura apavorante. Possuía as dimensões de um gorila, uma pele vermelha como rubi e uma face humana de traços fortes; enormes chifres de carneiro projetavam-se de sua cabeça; andava sobre duas patas de bode; suas mãos eram grossas e de dedos compridos, com garras em vez de unhas. Lameque chamou-o Umam, o Deus Vivo. Estátuas de Umam e de seu selo, o Bezerro de Ouro, foram espalhadas pelos templos da cidade e adoradas. Umam converteu-se, depois do Sol e da Lua, na mais importante divindade de Enoque. Um deus pagão que liderava os nascentes exércitos com punho de ferro, pois cruéis eram seus métodos de treinamento e pérfidos, seus ensinamentos.

Centenas de recrutas pereceram sob seus exercícios. Os sobreviventes tornavam-se guerreiros selvagens e impiedosos, adestrados nas artes de matar, pilhar, estuprar e torturar. Os mais bestiais eram feitos tenentes. E esses chegaram a aderir ao canibalismo, devorando com prazer os

companheiros que tombavam, enquanto sonhavam com as carnes dos súditos do rei Enos.

Lameque tinha cento e quarenta anos de idade quando seus exércitos finalmente marcharam em direção à Cidade do Homem. Longas colunas de mais de seis mil soldados avançavam armadas com lanças, escudos, machados, maças, espadas e arcos. Os tenentes de Umam ca-valgavam

robustos corcéis e levavam estandartes com o novo brasão de Lúcifer, um tridente branco de pontas longas e afiadas sobre um vermelho sangue.

Umam seguia no dorso de Goroth, que voava em formação cerrada à frente dos outros dragões. Lameque viajava em meio às tropas, escoltado por três batalhões de Capacetes Negros e confortavelmente instalado numa enorme e pesada carruagem que requeria uma parelha de dez cavalos para puxá-la. Lameque sorria orgulhoso, sentado no trono real previamente fixado no teto da carruagem. Ele exibia a coroa de Enoque na cabeça, o cetro de sua família na mão direita e a faca que ceifara Abel, emprestada por Caim, na esquerda. Caim permaneceu na cidade, empossado como Regente e dispondo de duas companhias de Capacetes Negros para garantir a ordem.

†

_____

_____

Gabriel e Miguel aterrissaram de surpresa diante da corte de Enos.

Eles vinham alertar o velho rei da tempestade que se aproximava. Sansael, filho meio-humano de Gabriel, suplicou aos anjos para que afastas-sem o Mal da Cidade do Homem.

– Eu sinto muito, meu Sansael – recusou-se Gabriel, tomado de profunda tristeza. – Mas o Criador convocou os anjos à Sua presença.

Não poderemos, assim, participar da batalha vindoura.

Os próprios anjos desconheciam as razões de Deus para retirá-los da Terra, mas estas, brevemente, iriam revelar-se trágicas e decisivas para o destino do Homem.

– Contudo, antes de nossa partida, vocês tinham de ser avisados

– continuou Gabriel. – Aqueles que avançam purgaram-se da misericórdia. Seus corações negros abrigam desejos pérfidos de matança e pi-lhagem. Seus números contam-se aos milhares, porém estejam atentos aos filhos de Lilith. Seis bestas aladas que cospem fogo, lideradas por *108*

LÚCIFER

uma aberração de duas patas chamada Umam, varão diabólico do rei Lameque.

– Diante do Mal que se anuncia, vocês têm nossa bênção a fazerem o que for preciso para se defender – completou Miguel. – Até mesmo verter o sangue do inimigo.

– Que as bênçãos de Deus estejam com você, meu filho – disse Gabriel, com lágrimas nos olhos, abraçando Sansael.

A partida dos anjos deixou o reino mergulhado no medo e na incerteza. A Cidade do Homem não possuía exércitos com os quais resistir.

Seus habitantes não dominavam as práticas da guerra e da violência.

Sansael então se apresentou à corte, e sua voz reverberou poderosa e sábia para alguém tão jovem. Ele lembrou-os de que os gigantes carregavam não apenas a pureza, mas também a chama guerreira e a força de seus pais. Seriam os

gigantes, portanto, quem deveriam defender os Herdeiros de Adão.

E o rei Enos convocou os gigantes à sua presença e clamou por voluntários entre eles. Todos, mais de quinhentos homens e mulheres, escolheram enfrentar as trevas. Enos fez de Sansael seu general e deu-lhe o comando das tropas. No calor infernal das forjas, os gigantes, seguindo seus instintos angélicos, criaram as espadas e os escudos com os quais centenas de bravos iriam desafiar milhares de vilões.

CAPÍTULO IX

Pais e filhos

Uma ansiedade sufocante envolvia a Cidade do Homem quando a população foi às ruas para assistir aos gigantes, Sansael encabeçando a fila, marcharem firmes pela avenida principal em direção ao deserto. Eles carregavam poucos suprimentos. Sansael levava uma carta com o selo do rei para que as vilas e aldeias no caminho lhes providenciassem abrigo e comida. Em sua maioria, pequenas comunidades de cinqüenta a trezentos habitantes que floresciam junto a fontes d’água como rios, oásis e po-

ços. Mas então começavam a surgir também povoados abastecidos pela extensa rede de aquedutos criada por Enos e cuja construção devia-se muito à dedicação laboriosa e incansável dos gigantes. Sua força e agilidade descomunais faziam deles uma ferramenta de trabalho notável nos mais diferentes ramos e of ícios, tais como agricultura, construção civil, transporte de mercadorias e forjamento. Suas habilidades combinavam o que havia de melhor das naturezas humana e angélica.

Movendo-se com incrível rapidez e considerável resistência aos rigores do deserto, os gigantes avançavam de forma destemida para a fronteira leste do reino. Na inacreditável marca de três dias, eles atingiram o mais distante dos povoados, a aldeia de Morinah, um modesto assentamento de pastores de cabras, à margem da linha de morros esté-

reis onde terminavam as terras dos Filhos de Adão.

Sansael provou-se um estrategista nato ao intuir que as forças de invasão muito provavelmente se aproximariam do reino por Morinah.

Ao sopé dos morros, que formavam uma compacta muralha natural, Morinah erguia-se, com seus pouco mais de sessenta habitantes, diante da única passagem que separava o imenso deserto à frente dos domínios de Enos atrás de si, uma garganta estreita e íngreme localizada em meio aos dois maiores morros. Meia dúzia de homens não conseguiriam marchar de ombros juntos por aquele caminho tortuoso, onde os raios do Sol mal penetravam.

Inseguro de seus instintos militares e temendo que as forças invasoras decidissem contornar a linha de morros ao sul, uma rota mais árdua, contudo, possível, Sansael despachou batedores nas mais diversas direções com a intenção de localizar o inimigo.

Enquanto aguardavam notícias, os gigantes montaram acampamento em Morinah. Os dias seguintes arrastaram-se em tediosa espera.

Mas nem por isso desprovida de prazeres mundanos, muito bem-vindos ao desviar as mentes dos gigantes da batalha vindoura.

Uma faceta interessante dos gigantes constituía-se no seu apreço pelas coisas simples, herança de seus pais angélicos. E, se havia algo que abundava em Morinah, era a simplicidade.

Ainda que receptivos, os aldeões tinham se mostrado, em princípio, um tanto desconfiados. Afinal, jamais haviam visto um gigante, apenas ouvido relatos a respeito deles, que julgavam exagerados demais para serem verdade. No entanto, ao final de sua primeira semana juntos, um elo de amizade e respeito genuínos cresceu entre os aldeões e os gigantes, reflexo do muito que compartilhavam, principalmente o gosto pela vida ao ar livre, o contato com o solo e os elementos. Muitos gigantes mora-vam e trabalhavam na cidade, mas seus corações nunca se afastavam da natureza.

Sansael, entretanto, não conseguia desfrutar da paz em Morinah.

Por mais que buscasse relaxar, seus pensamentos estavam sempre no inimigo. Porém, havia uma mulher gigante de nome Eronen, construtora de aquedutos e filha do Serafim Camael com Atrien, uma escritora e filó-

sofa humana, que se apiedou de Sansael. Ela inquietava-se com o terrível fardo que ele carregava, o qual o compelia ao recolhimento e à solidão.

Eronen passou a acompanhar Sansael nas caminhadas dele aos limites do deserto por onde poderia chegar o flagelo de Enoque.

Durante a semana que tiveram juntos, Sansael afeiçoou-se a Eronen e à doçura das palavras dela, à candura do sorriso daquela jovem de cabelos vermelhos como o fogo. Sua presença elevava-lhe a alma e serenava-lhe as preocupações. E Eronen não tardou a descobrir que seu coração havia sido roubado por Sansael, aquele de força igualada apenas à dos anjos.

Na noite que antecedeu as chamas e a destruição, Sansael e Eronen uniram seus corpos sobre o solo pedregoso do pico do morro mais elevado. Em sua nudez, testemunhada apenas pelos fortes ventos que açoi-tavam a região como vozes fantasmagóricas, Sansael e Eronen plantaram a semente do primeiro rebento de sua raça. Pois, até então, nenhum gigante concebera, fosse com anjo, humano ou outro de sua raça.

O nascer do Sol traria a confirmação de que Sansael antecipara sabiamente os movimentos do inimigo. Pois um dos batedores retornou em desabalada corrida. Exausto e sedento, ele havia avistado o exército de Enoque a menos de um dia de viagem de Morinah. Imediatamente, Sansael ordenou aos seus companheiros que se preparassem para a batalha.

†

———

———

Do alto de Goroth, Umam sinalizou para que suas tropas montas-sem acampamento pela noite. A marcha havia sido

puxada nos últimos dias, mas Umam não se importava. A disciplina mantinha-se impecável e eles, bem supridos por centenas de carroças abarrotadas de água, pães, cereais e carne salgada, além do leite das cabras e dos ovos das aves. Enquanto as tendas eram armadas, as fogueiras acesas e os cavalos reunidos nos cercados, Umam despachou batedores para a inóspita e sombria linha de morros adiante. Uma força exploratória, com cerca de cem homens, liderada pela Quarta Companhia de Capacetes Negros, foi recebida, no meio da estreita garganta que haviam localizado entre os morros, por Sansael e mais dois gigantes. O trio de defensores surpreendeu-os com sua agilidade e força sobre-humanas. Foi um verdadeiro massacre.

Embora nunca houvessem tirado uma vida humana, os gigantes não fizeram prisioneiros. Do alto dos morros, seus companheiros, horrorizados, observaram-nos lavarem o solo da passagem com o sangue dos inimigos, que brotava farto sob os golpes impiedosos de suas espadas. Os gigantes, porém, não celebraram sua primeira vitória, apenas contemplaram contritos a estupidez da guerra e rezaram a Deus para dar-lhes forças perante tamanha provação.

E terrível foi o destino dado à brigada de soldados regulares que fechava a vanguarda dos Capacetes Negros e debandara diante da eficiência mortal dos gigantes. Eles pagaram o preço pelas más notícias que trouxeram aos contingentes de Enoque.

Em uma explosão de cólera homicida, Umam ordenou a execução da brigada inteira por escaparem ao combate. Eles foram amarrados a estacas e alvejados pelo Segundo

Regimento Real de Arqueiros. Tiveram as cabeças cortadas e penduradas em lanças dispostas à entrada do acampamento, para servirem de exemplo a futuros desertores e covardes.

O amanhecer trouxe uma noção clara das forças que se opunham.

Tanto Umam quanto os gigantes eram criaturas dotadas de capacidade de visão superior, possuindo um alcance aguçado como o de anjos.

Do pico do morro mais elevado, Sansael avaliou a enorme força disposta pela planície abaixo. Totalizava, aproximadamente, quatro mil soldados de infantaria, mil arqueiros, seiscentos cavaleiros e duzentos carros de combate puxados por corcéis. Um adversário formidável para seu pequeno bando de valentes. Contudo, os gigantes encontravam-se muito bem posicionados, um tributo à liderança militar de Sansael.

Os gigantes haviam se entrincheirado no alto de ambos os lados da passagem. Os agressores teriam que se expor a um temerário ataque frontal se desejassem romper as defesas de Sansael. Sua única outra op-

ção seria contornar a muralha de morros ao sul, o que tomaria meses de marcha e comprometeria seriamente seus estoques de água e comida.

Aqueles que sobrevivessem aos rigores do deserto chegariam irremediavelmente famintos e maltrapilhos às portas da Cidade do Homem.

Para Umam, essa não era uma possibilidade. Portanto, ele organizou um ataque exploratório para avaliar a resistência dos defensores. O assalto seria encabeçado pelo Primeiro

Batalhão de Capacetes Negros, com um contingente de mais de seiscentos homens, e apoiado pelo Terceiro Regimento de Lanceiros do Rei, dotado de um complemento de cento e cinqüenta soldados. Nesse primeiro momento, Umam evitou empregar uma força maior, temendo que a estreiteza da garganta congestionasse seu avanço.

Umam acompanhou o desenrolar da batalha da entrada de sua tenda. Lameque estava ao seu lado, ainda sonhando com uma vitória fácil perante aqueles que chamava de “inferiores filhos de Adão”. Ente-diado, o rei mantinha-se alheio aos assuntos militares, e sequer tomara *114*

conhecimento da derrota da Quarta Companhia de Capacetes Negros.

Porém, os guerreiros de Deus aplicariam uma dura lição à arrogância de Lameque.

Umam assistiu a seus homens serem estraçalhados pelas espadas dos gigantes. Estes pulavam para a garganta, desferiam seus golpes e lançavam-se de volta ao alto dos morros, de um só salto, antes que os inimigos lograssem reagir. Os pelotões de Enoque tombavam sem ganhar um palmo de terreno ou cobrar uma gota de sangue dos gigantes, que lutavam exibindo a mesma fria eficiência dos seus pais angélicos.

Seus movimentos eram econômicos e precisos ao decepar membros e rasgar as carnes dos guerreiros de Enoque. Ao final da matança, a cunha invasora havia sido eliminada até o último homem. A notícia do desastre espalhou-se como incêndio em palha seca pelo acampamento de Enoque, solapando gravemente a já abalada moral das tropas. As

ilusões de uma vitória rápida, tão propalada por seus líderes, desvaneciam diante de um oponente hábil e determinado.

A noite chegou nas asas de um Lúcifer soturno e enfurecido com o fracasso inicial de seus adoradores. Lúcifer reuniu-se com Lameque e Umam na luxuosa tenda real. Lameque era uma sombra do monarca seguro e confiante daquela manhã. Sua paranóia e o pavor que sentia da morte, que tão bem haviam servido aos propósitos do Diabo para corromper-lhe o espírito, provavam-se agora um empecilho, pois tinham paralisado a vontade do rei, reduzindo-o a um covarde miserável.

Lameque gesticulava os braços nervosamente como uma ave de mau agouro, maldizendo sua vida e seus crimes, incapaz de tomar decisões, limitando-se a praguejar contra Deus e Seus anjos.

Enojado, Lúcifer ordenou a Umam que o poupasse daquele espetáculo desprezível. Umam agarrou Lameque pelo pescoço e, com uma única de suas garras, degolou seu pai como a um frango. O sangue res-pingou farto sobre a mesa de conferência e atingiu as vestes de três dos oito comandantes militares sentados em torno dela. O rei tombou com uma medonha careta de agonia estampada na face.

Diante do poder incontestável de Lúcifer, Umam foi coroado rei de Enoque, e nenhum nobre ou general ousou protestar. E Lúcifer despachou Belzebu ao Palácio da Aliança com instruções para que Caim executasse prontamente os herdeiros de Lameque. Com o pesar no co-ração de quem dá fim à própria linhagem, mas sendo impossível a Caim *115*

desobedecer ao seu mestre, Tubalcaim e Naama foram trazidos perante o Regente. Estavam acompanhados de seus três filhos, os pequenos príncipes-herdeiros, Tori, Maseque e Samel, de respectivos doze, dez e nove anos de idade. Caim serviu-lhes o melhor vinho da adega real misturado a um veneno indolor. Pais e filhos adormeceram aos pés do trono de Enoque, mergulhando no doce sono da morte, de uma maneira estranha abençoado por finalmente livrá-los daquele reino maldito.

Caim então prosseguiu como Regente de Enoque apenas em nome, delegando o poder de fato ao Grande Conselho de Sacerdotes e reco-lhendo-se aos seus aposentos no topo da torre principal do palácio, para jamais tornar a ser visto por olhos humanos.

O amanhecer testemunhou um Lúcifer de brilho ainda mais res-plandecente e magnífico do que o usual. Com as próprias mãos, ele depositou a coroa de Enoque na cabeça de Umam. O medonho filho de Lilith desfilou perante suas tropas sobre o dorso de Goroth, ostentando orgulhoso o cetro e a coroa reais. Em seu discurso de coroação, Umam, o Usurpador, prometeu a Lúcifer uma vitória esmagadora sobre os guerreiros de Deus.

O Diabo acomodou-se satisfeito sobre a mais alta nuvem do céu para assistir ao Homem, o ser mais amado pelo Criador, derramar seu sangue, não por Ele, mas em sua nefasta glória. E essa era a essência da vingança de Lúcifer. Daí, seu sorriso quando os humanos de Enoque marcharam em peso para o assalto decisivo, empunhando centenas de estandartes com seu brasão, o tridente branco sobre o fundo de sangue.

Umam comandou pessoalmente o primeiro ataque do dorso de Goroth. Trazia à cabeça a coroa de Enoque e à mão

direita uma longa e afiada lança.

Ainda que alertados pelos anjos, nada teria preparado os gigantes para a visão medonha de Umam e seus dragões. Eles eram como uma sombra de terror a consumir a coragem dos adversários. Os gigantes va-cilaram, impelidos a largarem suas armas e correrem para longe daqueles monstros. Mas, antes que o fizessem, Sansael, renegando o próprio medo, ergueu sua espada acima da cabeça e gritou desafiando o Mal a plenos pulmões. Revigorados pela bravura de seu líder, os gigantes seguiram-lhe os berros provocadores e brandiram loucamente as armas.

Os dragões vieram em formação cerrada, voando muito além do alcance dos gigantes. Eles mergulharam, cuspindo seu hálito de enxo-116

fre flamejante sobre os indefesos habitantes de Morinah. Em instantes, gritos de pavor e morte encheram o ar. Os gigantes precipitaram-se a abandonar as trincheiras para salvar os aldeões, aos quais tanto haviam se afeiçoado nas últimas semanas.

– Fiquem onde estão! – ordenou Sansael. – Eles estão nos forçando a recuar! Se o fizermos, eles tomarão nossas posições e a batalha estará perdida!

Nenhum gigante deixou seu posto. Contudo, muitas foram as lá-

grimas que desceram de seus olhos, inclusive dos de Sansael, enquanto assistiam impotentes à chacina dos inocentes. Os aldeões foram calcinados e seu pequeno povoado reduzido a pilhas de cinzas incandescentes carregadas ao sabor do vento.

Umam enfureceu-se com o inimigo. Seu cruel ardil falhara em de-salojá-lo, restando apenas o consolo da matança. Umam gargalhara de prazer com os aldeões contorcendo-se na aflição da morte. Sendo insaciável seu apetite por destruição, o exército de Umam abateu-se como a peste sobre os gigantes.

As colunas de lanceiros foram as primeiras a sentir o fio das espadas forjadas na Cidade do Homem. Centenas deles pereceram nos choque iniciais, com seu avanço coberto por uma chuva de flechas, que, dada a proximidade, temerosamente não distinguiu entre defensores e atacantes. Matou dezenas de lanceiros, porém conseguiu arrancar os primeiros ferimentos, principalmente de braços e pernas, de algumas dezenas de gigantes. Fortes e poderosos, contudo, os gigantes seguiram lutando ina-balados. Pilhas de corpos começaram a acumular-se ao redor dos gigantes. De dois a quatro lanceiros tombavam a cada golpe de suas espadas.

Sansael chegou a eliminar dez inimigos com um único brandir de sua lâmina ensangüentada. Logo o solo da passagem cobriu-se de vermelho, o sangue fazendo-a escorregadia sob os calçados de couro cru de ambos os exércitos.

A um sinal de Umam, os arqueiros depuseram suas flechas e avan-

çaram de espadas em punho. Eram ladeados pelas cargas iniciais de cavalaria. A batalha tornou-se mais selvagem e desesperada. O primeiro gigante a tombar foi Fanazer, sob as lanças de cinco cavaleiros da Brigada de Elite dos Capacetes Negros. Fanazer fora um pacato jardineiro da Cidade do Homem, porém, em seu último suspiro, reuniu forças suficientes para levar consigo três de seus algozes. Com um golpe certeiro,

rachou o crânio de dois deles, para então largar a espada atravessada no peito do terceiro. E dois dos dragões vieram sobre um jovem gigante, um músico chamado Ka’rez, e fizeram-no em pedaços com suas mandíbulas fétidas. Os melhores amigos de Ka’rez, Joran e Tomazonael, entretanto, vingaram-no, saltando cada qual sobre o dorso de um dos dragões, tras-passando as carnes das bestas seguidas vezes com suas espadas. O sangue negro dos monstros espirrou sobre o solo como ácido, liberando um odor de maldição. Goroth soltou um berro medonho diante da queda de seus irmãos e precipitou-se contra Joran e Tomazonael, a despeito do desespero de Umam, que gritava para que ele parasse. Mas Goroth não lhe deu ouvidos e arremessou Umam ao chão, enquanto sua poderosa calda atingia os dois rapazes, quebrando-lhes várias costelas. Goroth queimou-os vivos com as chamas que explodiram de sua boca.

Diante daquela cena horrenda, Eronen arrancou valente, porém, de forma impensada, em direção a Goroth. Goroth ergueu-se sobre as patas traseiras e cuspiu seu fogo na mulher. Ela foi envolta pelo calor assassino, sua pele dissolveu-se como papel. Todavia, não sem antes ela avançar os passos que restavam para arremessar sua espada, com efeito, contra o coração do dragão. O fogo se apagou em Goroth e ele tombou de lado.

Assim, pereceu o maior de todos os dragões. Mas esse feito lendário co-brou um alto preço de Eronen. Ela encontrava-se entre a vida e a morte, queimada da cabeça aos pés, cega de ambos os olhos, com as pálpebras, orelhas e lábios distorcidos como a cera de uma vela que se apaga. Não restavam pêlos ou cabelos pelo corpo enegrecido e coberto de feridas da mulher. Umam aproximou-se de Eronen para vingar Goroth. Ele havia perdido sua lança na queda, mas

ainda trazia à cintura a espada que desembainhou e ergueu sobre sua cabeça coroada para desfechar o golpe de misericórdia na mulher. Ele o desferiu com um sorriso que se apagou quando sua lâmina foi detida, a um triz do pescoço de Eronen, pela espada de Sansael. Eles mergulharam em feroz duelo. O filho mais sombrio de Lilith praguejava e cuspia como que saído do próprio Abismo. Sansael mal conseguia defender-se dos violentos golpes de Umam. Por duas vezes, este atingiu Sansael, abrindo-lhe uma ferida profunda no braço esquerdo e, na seqüência, um corte superficial na coxa direita. Umam então partiu-lhe o escudo ao meio com tamanha energia que lançou Sansael de costas sobre o chão empapado de sangue.

– Você é fraco como seu Deus – disse Umam, apontando a espada para o coração de Sansael. – Morra, verme!

Umam projetou toda sua força naquela investida final, mas Sansael foi mais rápido, girando o corpo para o lado. A lâmina de Umam roçou ameaçadora a túnica de Sansael para encravar-se sem conseqüência no solo duro. Umam não gozou da mesma sorte, pois Sansael, virando sua espada para o alto, empalou o dorso do vilão.

Os três dragões restantes urraram enlouquecidos diante da queda de seu rei profano. Eles avançaram sobre os gigantes com uma fúria abis-sal. Sem repetirem, contudo, o erro de seus irmãos, mantiveram-se no céu em vez de lutarem no solo. Eles passaram a incinerar, com seus hálitos infernais, todos em seu caminho, não diferenciando entre guerreiros de Adão e de Enoque. Mais de cinqüenta gigantes foram mortos pelos monstros em seus vôos rasantes antes que

Sansael, agindo por instinto, desse um salto descomunal na direção da besta mais próxima. Toda a for-

ça acumulada de suas pernas sobre-humanas lançaram-no a uma altura inimaginável. Mesmo Lúcifer surpreendeu-se. Sansael pareceu pairar, por um momento, diante do pavoroso dragão, para então separar-lhe a cabeça do pescoço de um só golpe da espada. Sansael retornou ao solo num estrondo, levantando uma espessa nuvem de poeira e abrindo uma cratera sob o impacto de seus pés. A cabeça e o cadáver do dragão caí-

ram cada qual a um lado de Sansael. Dois outros gigantes seguiram-lhe o exemplo e, saltando magnificamente no ar, degolaram o par de dragões restantes. Tomados pelo pavor, os soldados remanescentes de Enoque bateram em caótica retirada de volta ao deserto, abandonando armas, veículos e animais no campo de batalha.

Do alto de sua nuvem, Lúcifer observou a desagregação de seu exército e a explosão de júbilo que se seguiu. Os gigantes celebraram sua irresistível vitória abraçando-se uns aos outros. A mão do Diabo deslizou para Mefistófeles. Seu ódio bloqueou seu julgamento. O receio de uma guerra com os anjos, a destruição de seu reino no Abismo e o fim dos demônios. Ele arriscara demais com Umam e os dragões, mesmo sendo eles filhos legítimos de Lilith, uma humana. Mas nada disso importava mais.

Tudo que Lúcifer Estrela da Manhã desejava, quando sacou sua espada e mergulhou para os gigantes, era sangue. E sangue, ele colheu em excesso.

Diferentemente dos outros, Sansael não havia tido tempo para comemorar. Ele correu para Eronen e tentou abraçá-la, porém a pele

quebradiça da jovem soltava-se, grudando em seus dedos. Os gigantes calaram-se diante da dor de Eronen e do desespero de Sansael. Nesse momento, o Diabo desceu no meio deles. Nunca um humano, ou, no caso dos gigantes, um meio-humano, havia enfrentado um anjo. E nem se pode dizer que eles tiveram a chance de fazê-lo. Lúcifer movia-se tão rapidamente que eles mal conseguiam distingui-lo, parecendo-lhes um rastro de luz cintilando loucamente pelo ar.

Mefistófeles decepou duas dúzias de cabeças e membros antes que o primeiro cadáver atingisse o solo. Num piscar de olho, mais de quatrocentos gigantes já haviam tombado, não restando esperança para os demais, quando se deu o milagre. Uma falange angélica cercou o Inimigo, tão veloz quanto este surgira. Os gigantes finalmente puderam conhecer seu agressor. O Diabo tinha uma expressão de prazer animalesco e estava coberto do sangue de suas vítimas de tal maneira que o dourado de sua armadura e o negro da lâmina de Mefistófeles davam lugar a um vermelho espesso e pegajoso.

Miguel comandava a falange e deu ordem de prisão a Lúcifer. Diante daquela força numerosa e fortemente armada, nem mesmo o mais poderoso dos Serafins ofereceu resistência. Lúcifer depôs sua espada e foi acorrentado pelos pulsos e tornozelos a pesados grilhões forjados no Primeiro Céu.

– Os anjos vieram nos socorrer! – bradaram os gigantes.

– Não, homens de Adão – disse Miguel, incapaz de mentir. – Nossas ordens eram para intervir apenas se o Inimigo ou um de seus demô-

nios levantasse a mão contra um humano.

– Deus deu essas ordens? – perguntou Sansael, ao erguer-se com o corpo ferido de Eronen nos braços.

– Sim, é claro – respondeu Miguel.

– Seus tolos! – bradou o Diabo, com um sorriso lacônico. – Deram seu sangue por Ele. E Ele os abandonou, como antes fez comigo. Essa é a paga de vocês, idiotas!

– Tirem-no daqui! – disse Miguel.

Um pelotão decolou com Lúcifer para além das nuvens. Miguel voltou-se para Sansael e encontrou uma face tornada dura e hostil. Uma expressão reproduzida nos outros gigantes.

– Não acredite nas mentiras do Inimigo, Sansael, filho de Gabriel

– aconselhou Miguel. – Pois maior é a sabedoria do Senhor.

– Saia da minha presença, anjo! – rebateu Sansael. – Volte para seu esconderijo e diga ao seu Senhor que lutei não por Ele, mas pelo meu rei, meu povo e minha cidade. Diga a Ele que um deus ausente é o mesmo que deus nenhum. Ele nos abandonou no momento de maior necessidade. Pois agora sou eu quem O abandona e renega.

Miguel hesitou diante da frustração de Sansael. Ele sabia que o gigante possuía um coração virtuoso. Miguel desejava encontrar as palavras certas que lhe aliviassem a dor.

– Vá! – gritou o gigante.

Miguel partiu. A falange seguiu atrás dele. Os gigantes vasculharam as carroças de Enoque por quaisquer medicamentos que pudessem usar.

Encontraram bandagens feitas de um tecido muito fino e ervas medici-nais sob a forma de ungüentos e chás que ajudaram Eronen a manter-se viva. Ainda assim, se não fosse por sua condição de gigante, com um corpo dotado de propriedades sobre-humanas, ela jamais teria resistido.

A despeito disso, Sansael sabia que Eronen não tinha muito tempo. Ele precisava levá-la o quanto antes aos médicos da capital.

Sansael então revestiu o interior de uma das carroças com grossos tapetes retirados da tenda de Lameque e deitou Eronen carinhosamente sobre eles. Sansael tomou o arreio em suas mãos e disparou, mais veloz do que qualquer parelha de cavalos. De fato, ele impulsionava a carroça com tamanho vigor que os demais gigantes, carregando somente armas e escudos, ficaram rapidamente para trás, à sombra das nuvens de poeira que as botas de Sansael e as rodas da carroça levantavam. Foram dois dias de desenfreada corrida até a Cidade do Homem. Tal feito eternizou-se entre os mais notáveis de Sansael.

Mesmo após entregar sua amada aos cuidados dos médicos, Sansael em momento algum deixou o seu lado. Ele recusou também que lhe tratassem os profundos cortes que o arreio causara às suas mãos e a corrida, aos seus pés, pois toda atenção queria dispensada a Eronen.

Seu sacrif ício foi recompensado. Os médicos da capital conseguiram estabilizá-la. Ainda que para uma existência penosa e dif ícil. Eronen ficou permanentemente

desfigurada e presa à cama, já que o fogo de Goroth consumira as carnes de suas pernas além de qualquer recuperação. Ela passou a depender dos cuidados de outros para comer, beber ou limpar-se. Ela vestia apenas bandagens, que exigiam trocas regulares, uma vez que se sujavam no suor e pútridos que escorriam de suas chagas incurá-

veis. Sansael, contudo, jamais abandonou a mulher, permanecendo de-votado e amoroso. Ele não precisava trabalhar, pois viviam das pensões instituídas pelo rei como prêmio pela sua defesa do reino.

Dia após noite, Sansael permaneceu à beira da cama de Eronen, pronto para servir à sua esposa. E ela resistiu, primeiramente, por amor ao marido e, depois, pelo bebê do qual se descobriu grávida, daquela úni-ca noite que eles tiveram juntos. Ainda assim, Eronen definhava a olhos vistos, vítima dos severos ferimentos que se recusavam a melhorar. Por maiores que fossem a dedicação de Sansael e o trabalho dos médicos, ela não iria durar muito mais.

Muitos rezaram por Eronen por considerá-la uma bênção divina, um sinal do Criador, afinal jamais uma mulher gigante emprenhara.

Alguns gigantes chegaram até a acreditar que a sorte de sua raça mudara e que poderiam vir a constituir suas próprias famílias. Tentaram procriar entre si e também com homens e mulheres comuns. Contudo, o herdeiro de Sansael e Eronen provou-se um caso único e para o qual jamais houve explicação. E, ainda que tenha inspirado alegria em muitos, gerou inveja e ressentimento em outros. Estes não eram

numerosos o bastante para falar abertamente contra o recém-nascido. No entanto, teriam sido eles um motivo a mais para Deus incluir os gigantes na grande matança que estava por vir, como alguns anjos chegaram a acreditar? Tolice. Os gigantes já estavam condenados muito antes disso, como quase toda a humanidade.

Alheia ao mundo exterior, Eronen carregou perseverantemente seu fardo até o excruciante fim. Sua alma somente abandonou o que lhe restava de corpo ao soar do primeiro choro de seu varão. Sansael pranteou a morte da esposa, que finalmente pôde descansar. Ele jurou que criaria seu filho como um homem digno da mãe que tivera. E ele chamou-o Gabriel, em honra ao seu pai angélico, o qual não deixara de amar, mesmo após renegar a Deus.

†

———

———

Os meses anteriores ao nascimento de Gabriel assistiram ao longo e sofrido retorno dos soldados de Enoque à sua cidade. Poucos encontraram o caminho de volta, a maioria perdeu-se nas vastidões traiçoeiras do deserto e, destes, nem os ossos tornaram a ser vistos. Dentre os sobreviventes, destacou-se o jovem Karin, ordenança do rei Lameque, que teste-122

munhara Umam, o Usurpador, assassinar o monarca diante do Conselho de Guerra. Servidor leal, Karin guardara consigo a faca de Caim, que seu rei portava à cintura no momento da morte e fora desprezada por Umam. Karin pretendia entregar a faca ao herdeiro de direito do trono.

Mas, ao chegar a Enoque, recebeu a triste notícia do fim da linhagem real com as mortes dos príncipes Tubalcaim e Naama e de seus três filhos.

Impossibilitado de levar a cabo sua missão, Karin decidiu retornar a faca maldita ao seu verdadeiro dono, Caim. Porém, Caim permanecia inacessível, enclausurado na torre principal do palácio. Sem esmorecer, Karin convenceu sua irmã, serviçal responsável por levar as refeições a Caim, a esconder a faca debaixo da cesta de pães. Naquela tarde, quando voltou para recolher a bandeja do almoço de Caim, como de hábito deixada por ele de fora da porta trancada dos aposentos, ela percebeu que a faca havia desaparecido de sob a cesta.

Aqueles que sobreviveram à travessia do deserto vieram a encontrar uma cidade mergulhada nas trevas e na decadência. Antes confiante e orgulhosa de seu destino, Enoque havia se tornado um pálido reflexo de si mesma, acovardada e diminuída perante a derrota humilhante de seu exército.

Infelizes eram os habitantes de Enoque, vítimas do próprio Mal que haviam tão temerariamente abraçado. Entorpecidos por pensamentos negros e desejos inconfessáveis, nascidos nos altares satanistas sujos de sangue humano, eles temiam a morte acima de tudo e amaldiçoavam Deus por conta dela. Em seu pavor, esqueciam-se de que a morte era a dádiva maior de Deus para o Homem, sua porta de entrada ao Paraíso.

O Mal enraizado em seus corações devorou-lhes as vontades, afastando-os da graça da Criação e alimentando seu ódio a si próprios e aos seus semelhantes.

Toda sorte de violência e perf ídia foi liberada pelas ruas e casas de Enoque. Aos seduzidos pelo Mal, restou sucumbir à espiral derradeira de autodestruição que se seguiu. Os poucos Capacetes Negros restantes provaram-se incapazes ou indispostos a intervir. Eles limitaram-se à proteção de palácios e templos, abandonando a população a si mesma, para que esta se dizimasse pelas migalhas do caos econômico e social.

As colheitas entraram em colapso, o comércio cessou e os serviços púbicos desapareceram. Fome, sede, peste e incerteza espalharam-se rapidamente. Temendo saques, os sacerdotes proibiram o acesso dos fiéis

aos locais de adoração. Lúcifer ainda permanecia como prisioneiro dos anjos, e as outras divindades demoníacas haviam desistido de Enoque.

Aqueles fortes ou desesperados o bastante para enfrentar os rigores do deserto abandonaram em massa a cidade. Alguns pereceram pela ação dos elementos, e outros, sob as armas daqueles que se tornaram bandoleiros, rapinas que saqueavam seus antigos concidadãos. Contudo, um grande número de refugiados encontrou abrigo nas vilas e oásis do reino que se eclipsava. Esses povoados incharam pelo fluxo de desvalidos. O

poder central deteriorou-se rapidamente em detrimento de chefes locais que passaram a lutar entre si pelo acesso privilegiado às preciosas nascentes d’água.

Digna de nota foi a tentativa malograda dos sacerdotes satanistas de estabelecer um novo centro de poder, menor e mais eficiente, afastado da capital que se esvaziava. Os religiosos planejaram tomar para si a maior das aldeias do

antigo reino, Osbara, escravizando os locais e erguendo um novo templo piramidal a Lúcifer. Para tanto, reuniram uma caravana com mais de duzentas carroças abarrotadas com o tesouro de Enoque.

Milhares de peças de ouro, prata, cobre e platina, além de opulentos estoques de marfim, pedras preciosas, tecidos e blocos do mais fino már-more. Tamanha riqueza seguiu sob a escolta da última companhia de Capacetes Negros que se pôde improvisar, um contingente incompleto, mas fortemente armado, de cinco oficiais e cento e trinta soldados.

A caravana era um butim sedutor demais a ser ignorado pelas quadrilhas de bandoleiros que assolavam as estradas do finado reino. Vá-

rios desses marginais, também, tinham prévio treinamento militar no exército ou mesmo como Capacetes Negros. As quadrilhas operaram juntas, nessa única ocasião, para enfrentar a escolta. Mais de seiscentos criminosos emboscaram a caravana no Passo de Torn, meros dois dias após ela haver deixado a capital. A escolta lutou bravamente, um tributo final à perícia legendária dos Capacetes Negros. Eles abateram mais de trezentos e cinqüenta criminosos numa desesperada defesa praticada até o último homem. Nenhum sacerdote foi poupado depois disso. Todos foram degolados, e seus líderes tiveram as cabeças penduradas em estacas à beira da estrada.

Os bandidos então brigaram entre si pelos espólios. Mais de cem pereceram antes que as quadrilhas, por fim, debandassem para seus esconderijos com o quanto puderam carregar. Essa malfadada caravana

fechou a última página na inglória, vergonhosa e perversa história do satanismo primitivo. Amaldiçoados aqueles que abraçaram Lúcifer e tri-lharam seus sombrios caminhos.

†

_____

_____

Na cidade de Enoque, restava uma última alma vivente. Dos seus aposentos, do alto da torre central, Caim contemplava melancólico o destino final de sua bela cidade. A areia soprada do deserto acumulava-se pelas ruas e telhados das casas e templos. A pintura dos prédios come-

çava a desbotar devido aos efeitos do Sol e do abandono. Serpentes, escorpiões e vermes eram seus novos moradores. A cidade definhava junto com seu primeiro monarca. Caim deixara de alimentar-se havia meses, quando as bandejas de comida pararam de ser entregues à sua porta.

Ele rendera-se à fome e à sede imaginando ser essa a melhor forma de abreviar sua permanência no mundo que passara a detestar. As poucas carnes e músculos que a velhice havia lhe poupado desapareceram. Sua pele grudara ao esqueleto, os lábios racharam pela secura e a saliva eva-porara-se da boca. Apesar de seu estado deplorável, a morte bem-vinda se recusava a visitá-lo.

O Sopro da Vida permanecia poderoso em Caim, mais do que fora no próprio Adão. Caim rezava por um assassino tão misericordioso quanto temerário a ponto de desconsiderar o sinal de Deus marcado em sua testa. “Portanto, qualquer um que matar a Caim, sete vezes será castigado.” As palavras do Criador ecoavam por sua mente.

Com muitas dores pelo corpo, Caim ergueu-se com dificuldade da sua modesta cadeira e arrastou-se até o objeto que deixara intocado sobre a cômoda, desde que este lhe retornara às mãos. Caim então fez o caminho de volta, reunindo as forças que lhe restavam para subir no parapeito da janela. Ele saboreou o vento do deserto acariciando-lhe a face uma última vez, evocando memórias de sua infância, da suavidade quente do toque de Eva. Ele vislumbrou o jardim do Éden, inexpugnável e longínquo, e então cortou a garganta com a mesma lâmina que ceifara Abel.

“Portanto, qualquer um que matar a Caim, sete vezes será castigado.” Sete vezes Caim foi punido pelo crime do suicídio. Sete terríveis cortes irromperam em seu corpo. Cada um, sete vezes maior e mais doloroso que o anterior, tornando-se tão extensos e severos que o despedaça-

ram. Suas partes ensangüentadas deslizaram pelo parapeito para a longa queda do alto da torre até se espatifarem diante dos sombrios portões do palácio.

†

———

———

A alma de Caim ascendeu aos Céus. Sua consciência, tênue como em um sonho distante. Caim flutuou para além dos limites do Universo f ísico, porém, a exemplo dos mortos que vieram antes e dos que seguiriam depois dele, havia um obstáculo à sua frente. Pois, na fronteira entre o f ísico e o espiritual, Deus erguera uma fortaleza maior em extensão e beleza do que qualquer um dos Quatro Céus.

Caim maravilhou-se com seus imensos salões, de altíssimas colunas e incontáveis nichos escavados pelas paredes descomunais. Contudo, apenas uma pequena seção de uma única parede então apresentava nichos preenchidos. De fato, milhares deles. Uma alma por nicho. Cada qual, em sono profundo.

No topo das paredes, estendia-se uma rede de balcões percorrendo todo o interior da fortaleza. E apenas do balcão sobre a parede habitada vinha um coro de anjos. Centenas deles, dedilhando harpas de ouro e prata, juntos numa canção sem fim, magnífica, inigualável, destinada a embalar o sono dos mortos.

Caim retinha a aparência de velho, porém não mais esquelético e deplorável, vestido em trapos sujos e rasgados. Sua alma havia recuperado a altivez e a força de outrora, de quando ele ostentara a coroa de Enoque. Ele trajava uma comprida túnica branca e reluzente, idêntica às das almas adormecidas nos nichos.

O Serafim Camael surgiu com as asas abertas, planando por entre as colunas que mais pareciam montanhas. Ele pousou diante de Caim com um sorriso.

– Caim, filho de Adão, servo de Satã, seja bem-vindo ao seu descanso – disse o anjo.

– Onde estou, anjo do Senhor? Que lugar é este?

– Você está no Purgatório – revelou Camael. – Criado por Deus para guardar a entrada dos Céus das legiões de Lúcifer. E no qual o Homem vem dormir o sono da morte até o final dos tempos, quando os justos acordarão para o Paraíso e os ímpios serão lançados na escuridão.

Caim gelou.

– Por favor, Deus, tenha piedade dos meus pecados!

Camael, conselheiro do Primeiro Céu e soberano do Purgatório, esticou a mão direita e tocou gentilmente o rosto de Caim.

– Durma agora e serene seus pensamentos. Saiba que os anjos ve-lam por você e cantam ao Senhor pela salvação das almas.

Caim mergulhou em sono profundo. Camael pegou-o nos braços antes que caísse e voou com ele a um dos mais altos nichos da parede ocupada, onde cuidadosamente o instalou.

Camael então bateu as asas de volta ao seu imponente trono no salão principal do Purgatório. Lá, Lúcifer Estrela da Manhã permanecia acorrentado pelo pescoço, pernas e braços a grossas argolas fixadas no chão revestido de ouro branco e granito negro.

PARTE III

O Rei dos Homens

CAPÍTULO X

Recomeço

Gabriel, filho de Sansael e Eronen, cresceu e educou-se na corte do rei Enos, ainda que conservasse a natureza simplória dos pais.

E os gigantes desprezavam a Deus. Porém, a atitude dos humanos diferia para com o Criador. Com eles, Gabriel desenvolveu forte amor e respeito pelo Senhor.

O melhor amigo de infância de Gabriel foi Noé, varão bastardo de Lameque, criado também nas dependências do palácio real. Desde muito cedo, Gabriel e Noé brincavam juntos pelos jardins palacianos. Noé superava Gabriel nos jogos de tabuleiro, mas perdia dele nos desafios f í-

sicos da corrida e natação. Sua amizade perdurou mesmo quando ambos se apaixonaram, então na adolescência, por Shazira, filha de Roterim, Conselheiro do Tesouro Real, homem abastado e influente. Um pouco mais jovem do que eles, Shazira já exibia os atributos da belíssima mulher na qual viria a desabrochar. Seus olhos e cabelos negros contrastavam, num efeito quase hipnótico, com a pele muito branca e o rosto de traços leves e bem definidos. Muitos de seus pretendentes cobiçavam a fortuna e prestígio de sua família, mas nenhum deles, nem o mais interesseiro, desprezava sua formosura e os modos refinados.

Gabriel, por sua vez, não era exatamente um prospecto de riqueza ou pensamentos brilhantes. Logo, ele buscava impressionar Shazira

por meio de sua força f ísica superior, que, dizia-se, rivalizava com a do próprio Sansael. Era comum encontrar Shazira sentada sob a sombra de alguma árvore, enquanto Gabriel se exibia correndo como um raio pelas paragens, saltando morros de um só pulo ou erguendo rochas, cavalos e carroças. Shazira divertia-se muito nessas ocasiões, batendo palmas e abrindo sorrisos que enchiam Gabriel de

orgulho. Contudo, a chave para o amor de Shazira residia em outros atributos. Sua mente foi atraí-

da pela daquele que sabia escutá-la, cujas palavras cativavam-na e, mais especialmente, que estimulava suas idéias e aspirações. E, assim, Shazira casou-se com Noé e deu-lhe seis filhos, três meninos e três meninas.

Gabriel nunca mais se apaixonou, pois puro e verdadeiro era seu amor por Shazira. E o mesmo valia para Noé, o qual, mais do que um amigo, Gabriel considerava um irmão. E Gabriel freqüentava a casa de Noé e Shazira, brincava com seus filhos e respeitava o casal.

E cem anos se passaram. Cainã, filho do rei Enos, havia ascendido ao trono trinta e três anos antes, seguindo o passamento de seu venerável pai. Os filhos de Noé tinham erguido casebres, cada qual para sua própria família, nos vastos campos de cultivo que seu pai recebera do rei Enos como presente de casamento. As terras de Noé ficavam, como as melhores fazendas, no rico cinturão agrícola que circundava a Cidade do Homem.

Em uma noite quente daquele verão, um outro Gabriel veio à presença de Noé. Um Gabriel com asas às costas, o avô homônimo de seu melhor amigo. Noé acordou com a luz que emanava do Serafim. Sua esposa, porém, manteve-se adormecida sob o poder do anjo, alheia à conversa que se seguiu.

Pela alvorada, Shazira despertou para um Noé pálido, assombrado, recolhido a um canto da cama, abraçado aos próprios joelhos. Seu rosto inchado denunciava a noite passada em claro e as muitas lágrimas que vertera. Aflita, Shazira abraçou-o, buscando respostas. Noé, entretanto, recompôs-se e partiu em seu melhor corcel, veloz como o

vento. Noé visitou cada um de seus filhos e convocou-os para uma reunião de família na sede da fazenda. Eles estranharam a atitude do patriarca, um homem usualmente sereno, que então se mostrava agitado e perturbado como jamais haviam presenciado. Noé não lhes ofereceu explicação ou ameni-dades, cavalgando à Cidade do Homem, de onde retornou acompanhado pelo gigante Gabriel, que montava o alazão favorito de Sansael.

Toda família estava presente à casa de Noé. Filhos, filhas, noras, genros, netos, num total de sessenta e seis descendentes. Noé foi direto ao assunto. Ele revelou-lhes o terrível anúncio do anjo Gabriel: Deus decidira limpar a Terra do sangue derramado pelo Homem. Um grande dilúvio viria cobrir o mundo, purgando-o do Mal e propiciando um novo recomeço à Criação. Para tanto, somente a família de Noé seria poupada.

Eles deveriam construir uma arca, nas especificações ditadas pelo Senhor, que serviria para protegê-los da tragédia vindoura e deveria abrigar um casal de cada animal escolhido por Deus. O dilúvio duraria quarenta dias e quarenta noites e, ao seu final, a família de Noé reclamaria a Terra para o Homem.

Os familiares de Noé ficaram atônitos. Alguns choraram, outros se desesperaram, mortificados com o destino que amigos, conhecidos, enfim, toda a humanidade iria enfrentar. Todavia, eles jamais duvidaram das palavras de Noé, pois elas estavam imbuídas da sabedoria dos anjos.

– E o que será de meu povo? – perguntou Gabriel, atônito. – Os gigantes vão desaparecer da face da Terra?

– Eu sinto muito, velho amigo – emocionou-se Noé, com uma tristeza mortal. – O Arauto pediu-me segredo a qualquer um de fora da família. Porém, em meu coração, você é parte da minha família e, por isso, merecedor da verdade. Deus renegou os gigantes como uma má-

cula, uma aberração criada não por Ele, mas pela união indevida das duas raças. Jamais anjos voltarão a deitar-se com as filhas dos homens.

E, assim, a proibição e o dilúvio servirão também para apagar os gigantes da existência.

– Quanto tempo temos? – perguntou Gabriel, com a voz embargada.

– Vinte e nove dias. Se não conseguirmos construir a arca até lá, a humanidade estará condenada.

– Eu os ajudarei. Não por Deus, pois meu pai estava certo. Ele não vale a minha devoção – disse Gabriel. – Mas por vocês, Noé e Shazira, amigos que eu amo. Por sua família e pela humanidade. Em troca, peço que mantenham vivas as histórias dos gigantes e seus feitos, para que meu povo não seja esquecido sob a areia dos séculos.

– Eu prometo – disse Noé, solene e com a alma torturada.

Shazira abraçou Gabriel e beijou-lhe a face. Noé somou seus braços aos dela em torno do amigo e chorou.

E a ajuda de Gabriel provou-se inestimável. Sem ela, teria sido impossível para Noé e seus familiares terminarem a arca

antes do dilúvio.

O gigante derrubava as árvores, carregava os imensos troncos e deles extraía as tábuas de madeira necessárias à construção do casco e da quilha da embarcação. A arca tinha um comprimento três vezes maior do que a altura do palácio real de Enoque, até então a maior constru-

ção na Terra. Com seis deques e mais o tombadilho, a largura da arca equivalia a setenta e duas parelhas de touros reunidas. A arca cruzava de tal maneira as extensões da fazenda de Noé que a casa principal e as menores precisaram ser derrubadas para dar-lhe espaço. De fato, sua proa e popa alcançavam, respectivamente, os limites norte e sul da propriedade.

Um projeto tão magnífico não passaria despercebido. De início, em pequenos grupos, mas, em pouco tempo, grandes procissões de curiosos vinham admirar aquele vasto navio sendo montado em meio à terra firme, distante de qualquer oceano ou rio. Até uma comitiva real, encabeçada pelo próprio Cainã, visitou Noé. Porém, nem ao rei Noé esclareceu o propósito da arca. Noé passou a ser tratado como um maluco e seu barco, uma excentricidade. E, ainda que despertasse estranhamento geral, Noé não estava violando nenhuma lei e, portanto, foi deixado em paz a trabalhar no seu bizarro monumento de madeira.

Por diversas ocasiões, Sansael discutiu calorosamente com seu filho Gabriel o porquê de ele tomar parte na loucura do amigo. Ainda que lhe fosse extremamente doloroso negar a verdade ao pai, Gabriel manteve-se calado em respeito a Noé.

Ao final de vinte e oito dias, nuvens negras despontaram no horizonte. Porém, graças à destreza e aos músculos de

Gabriel, a arca fora concluída dentro do prazo. Ao amanhecer do vigésimo nono dia, uma forte tempestade desabou, não apenas sobre o reino de Adão, mas pelos quatro cantos do globo. A Terra inteira havia sido envolta nas trevas de chuvas e relâmpagos. No terceiro dia, os oceanos subiram. No quarto dia, as águas, em sua ascensão irresistível, já tocavam os tornozelos dos habitantes da Cidade do Homem. Em pânico, a população do vale correu para o estranho barco que Noé construíra. Afinal, não era Noé um filho bastardo do reino de Enoque e, como tal, um fruto do Mal? De que outra forma Noé teria concebido um barco se ele próprio não soubesse da inundação? Noé deveria estar por trás daquela bruxaria. E eles decidiram

tomar a arca para suas famílias e abandonar Noé e sua descendência para morrer sob as águas.

Contudo, perante a arca, os populares detiveram-se e caíram de joelhos. Dezenas de anjos iam e vinham, trazendo casais de animais do mundo inteiro. Eles os conduziam pela rampa que levava ao interior da arca. Mesmo os animais mais selvagens comportavam-se de forma or-deira. Leões, tigres e panteras respeitavam até suas presas naturais, com uma docilidade inédita. Havia um cercado destinado a cada casal nos quatro deques inferiores.

De fora da arca, as pessoas suplicavam aos anjos por ajuda. Mas estes se limitavam, em silêncio, a guardar a embarcação. Um batalhão de Querubins formava uma linha de isolamento cerrada. Ao cair da noite, o volume d’água subiu o bastante para erguer a quilha da arca do solo. Noé abraçou seu amigo Gabriel pela derradeira vez, numa longa e sofrida despedida. O gigante trabalhara até o último

instante, embarcando os suprimentos necessários aos homens e animais para a longa jornada adiante.

Sem olhar para trás, Noé foi juntar-se aos seus familiares no tombadilho.

Gabriel executou sua tarefa final, fechando as portas de acesso da arca e liberando a pesada rampa de embarque.

Com a linha d’água batendo no peito, Gabriel assistiu à arca flutuar e seguir lentamente seu curso, escoltada pelo batalhão de Querubins. Ela deslizou vagarosamente até desaparecer na linha do horizonte. Sansael surgiu nadando atrás do filho. Eles se entreolharam, por um momento, e trocaram um forte abraço, enquanto as águas terminavam de envolvê-

los. Pai e filho afogaram-se juntos.

†

_____

_____

Quando anjo, o tempo nada representava para Lúcifer. Isso até ele conhecer o mundo terreno. A partir de então, mesmo das profundezas do Abismo, Lúcifer experimentava a passagem do tempo. De volta ao mundo espiritual, tal influência deveria ter cessado, mas, estranhamen-te, não era o que ocorria. Lúcifer sofria cada momento de sua prisão como uma tortura interminável, cujo silêncio prolongado só fazia piorar.

Jamais lhe dirigiam a palavra, nem mesmo Camael, que permanecia longos períodos meditando em seu trono.

Lúcifer travou uma intensa batalha interior para conservar seu foco e disciplina mental e, dessa forma, não permitir que a sanidade lhe esca-135

passe. Ainda assim, havia muito ele perdera a noção do tempo em que estava cativo daqueles grilhões. Teriam sido milênios ou eras inteiras quando finalmente vieram buscá-lo? Essa pergunta ele não ousou fazer aos dois pelotões de Serafins que o liberaram. Eles conduziram um Lúcifer surpreso, confuso e ainda acorrentado em direção à Terra.

À medida que se aproximavam do mundo dos homens, Lúcifer vislumbrou um desconcertante risco branco elevando-se na curvatura do planeta. Quando alcançaram a camada superior da Terra, Lúcifer distinguiu-o com mais propriedade e convenceu-se que aquela era, indubitavelmente, uma obra angélica. Uma torre incomparável mesmo às melhores edificações dos Quatro Céus. Ela erguia-se do maior continente do mundo até quase a escuridão do Universo. A escolta celestial desceu acompanhando a extensão da descomunal torre até sua base, localizada no centro de uma vasta cidade, cinco vezes maior do que Enoque em seu apogeu.

Flutuando próximo à torre, e muito acima dos prédios mais altos da cidade, Gabriel, o Arauto de Deus, aguardava Lúcifer. O Serafim tinha uma expressão perturbada que intrigou o Primogênito. A um aceno de cabeça de Gabriel, a escolta livrou Lúcifer das correntes e partiu, deixando a sós os dois mais poderosos Serafins da Criação.

– O que aconteceu aqui? – perguntou Lúcifer. – Que lugar é este?

– Deus enviou um dilúvio para varrer a Criação – disse Gabriel.

– Apenas a geração de um homem foi preservada e ela repovoou a Terra.

Sua descendência levantou esta cidade, então a única morada humana, a qual, ao término de sua glória, chegou a abrigar mais de um milhão de habitantes.

– E essa torre? – questionou o Diabo, não disfarçando sua admira-

ção pelo monumento que cruzava o céu.

– Eles a construíram.

– Homens a ergueram?! – espantou-se Lúcifer. – Jamais imaginei que o gênero humano fosse capaz de algo tão magnífico.

– Sem dúvida – entristeceu-se Gabriel. – Porém, ela levou à Segunda Queda do Homem.

– Como assim?

– Eles erigiram a torre no curso dos dois últimos milênios, sob as ordens dos reis Maalalel e Járede – disse Gabriel. – Eles ambicionavam tocar a face de Deus com ela.

Lúcifer sorriu.

– Que petulância!

– Sim – reconheceu Gabriel. – E, apesar de todos os nossos avisos, eles insistiram na obra. E Deus castigou sua arrogância. Ele misturou-lhes as línguas e espalhou-os sobre a Terra.

– O homem não fala mais a língua dos anjos?

– Não. Perdeu-a para sempre.

O Diabo gargalhou.

– Grande caos cairá sobre o Homem com a confusão das línguas.

– Há sabedoria em sua maldade, meu irmão – constatou Gabriel.

– Pois a punição do Homem é ainda maior. Deus comandou que você fosse libertado para trazer miséria à humanidade.

– Nada me daria mais prazer.

– Mas não se exceda. Você continua impedido de ferir fisicamente qualquer ser humano. Se cruzar essa linha, o Abismo será destruído e sua essência, misturada às trevas.

Lúcifer tremeu diante daquelas ameaças, mas animou-se com a perspectiva de dominar o Homem.

– Algum de meus demônios despertou na humanidade o plano de construir essa torre?

– Não. Uma hoste angélica mantinha a saída do Abismo sob vigilância constante – disse Gabriel. – O Homem não pode culpar os demônios por sua ruína desta vez. Eles têm somente a si mesmos a amaldiçoar por isso. Ao Mal que carregam dentro de si.

Gabriel cerrou os punhos, sua face endureceu.

– No dilúvio, Deus sacrificou meu filho e meu neto, porém, poupou a família de Noé, um varão de Lameque – explicou Gabriel. – Por conseqüência, todo homem que anda sobre a Terra carrega o sangue do Diabo nas veias.

– E isso revolta você – saboreou Lúcifer, com enorme prazer.

– Noé era temente a Deus, contudo, sabidamente impuro. Eu não compreendo por que Deus escolheu justamente ele como o novo Adão.

Lúcifer suspirou.

– Talvez... – pausou o Inimigo antes de continuar. – Pelo que conheço de Nosso Pai, Ele acreditou que Sua criação fosse forte o suficiente para subjugar o Mal dentro de si. Ele deposita grande fé e esperança no Homem. E esse é Seu maior erro.

– Agora, nada disso importa – disse Gabriel, meneando a cabeça.

– Estaremos vigiando suas ações, Lúcifer Estrela da Manhã. Cumpra sua parte, e os anjos do Senhor não intervirão em seu reinado sobre a Terra.

Lúcifer assentiu.

– Vá agora. E reassuma seu trono na Cidade Sombria – finalizou Gabriel.

– Adeus, meu irmão – disse o Diabo. – Eu espero nunca mais re-vê-lo.

Lúcifer bateu as asas na direção do Abismo. Gabriel voltou-se para a impressionante torre e esmurrou-a com vontade. Ela rachou de cima a baixo com a força de seu golpe e desabou em dezenas de milhares de pedaços. Os destroços cobriram o vale e soterraram pela eternidade a cidade de Babel.

†

_____

_____

Lúcifer sobrevoou o grande oceano. A hoste angélica que guardava o local sobre a boca do Abismo voava em círculos acima das águas.

O Serafim Ardonael, comandante da hoste, entregou a torpe Mefistófeles, com sua lâmina escura oculta na bainha, para Lúcifer e partiu acompanhado de seus guerreiros sagrados de volta ao Purgatório.

Lúcifer prendeu a espada à cintura e mergulhou para seu sinistro lar. Ele atravessou o Selo e planou pelos ares sufocantes do Abismo. Lucifael, a Grande Pira dos Demônios, projetava sua luz pálida por sobre as muralhas da Cidade Sombria. Lúcifer deparou-se com uma visão inu-sitada: três caídos encontravam-se amarrados a grossos postes de madeira diante dos portões negros da cidade. Ele pousou junto aos cativos e descobriu tratarem-se de Belzebu, Leviatã e Pazuzu. Cordas espessas e apertadas, dotadas de centenas de espetos metálicos, retinham-nos pelos pescoços, braços e panturrilhas. Eles sangravam em agonia.

– Qual a razão disso? – perguntou Lúcifer, numa voz grandiosa.

Nove demônios, armados com lanças e espadas, vigiavam os prisioneiros. Seus dois oficiais aproximaram-se de Lúcifer.

– Mestre Lúcifer! – disse o capitão da guarda, pasmo. – Achávamos que houvesse perecido nas mãos dos odiosos anjos.

– Meu príncipe – disse Leviatã, tão surpreso quanto seus algozes.

– Matraton usurpou sua coroa!

– Nós queríamos lançar guerra contra os anjos para resgatá-lo, meu senhor – falou Belzebu. – Mas Matraton traiu-o e fez-nos de exemplo para desencorajar outros dissidentes.

Lúcifer dirigiu um duro olhar aos oficiais da guarda.

– Liberte-os! Agora!

Os oficiais entreolharam-se.

– Sinto muito, milorde – disse o capitão. – Temos ordens diretas do Príncipe-Regente para mantê-los aqui.

– Eu sou o Príncipe-Regente! – bradou Lúcifer.

– Isso não cabe a nós decidir, senhor. Porém, seria uma honra acompanhá-lo à sala do trono para que discuta o assunto com Lorde Matraton.

Lúcifer sorriu. Os oficiais, sentindo-se um pouco aliviados, fizeram o mesmo. Lúcifer então lhes tirou as espadas das cinturas tão rapidamente que, antes que pudessem reagir, ele já as havia cravado nos seus peitos.

Os dois demônios desfizeram-se em suas essências, engolidas de pronto pelo chão lamacento do Abismo. Os sete guardas restantes saltaram de lanças em punho contra Lúcifer. Ainda com uma espada em cada mão, Lúcifer descontou toda a raiva e humilhação acumuladas de sua detenção no Purgatório sobre os pobres coitados. Um após o outro, foram fatiados pelas lâminas ensandecidas do Diabo. Lúcifer então libertou seus servos fiéis dos postes. Belzebu, Leviatã e Pazuzu armaram-se com as lanças dos guardas mortos e seguiram seu príncipe à Grande Pirâmide Negra.

Matraton, o Demônio do Silêncio, estancou diante dos quatro Serafins caídos que invadiram a sala do trono. Ele pareceu encolher perante o olhar severo e duro de Lúcifer, arrastando-se para a saída dos fundos como uma sombra repugnante e envergonhada. Sem dignar palavra ao desprezível usurpador, Lúcifer tomou assento em seu trono. Matraton desapareceu da Cidade Sombria, refugiando-se nos pântanos ao sul do Abismo. Mas ele retornaria como uma maldição anunciada. Pois em Matraton ardiam desejos de vingança e poder. E Lúcifer compreendeu que a luta real e definitiva ainda estava por vir.

CAPÍTULO XI Deuses

Durante o cativeiro de Lúcifer, Azazel havia descoberto uma forma de os Querubins caídos deixarem o Abismo e vagarem pelo mundo. Seu ódio pelo surgimento do Homem, o qual Azazel responsabilizava pela guerra nos Céus, o fim de seu

amado Ravel e o exílio no Abismo, ali-mentara de tal maneira sua força de vontade que ela evoluiu para além da mera habilidade de ler a mente humana.

Azazel foi o primeiro dos demônios a projetar e sobrepor seus pensamentos aos de um humano. Ela possuiu um velho moribundo, segundos antes de ele falecer, porém foi o suficiente para ela obter controle absoluto das faculdades de seu corpo mortal. Outros demônios capta-ram a projeção de Azazel, e também os anjos que então guardavam a entrada do Abismo. Azazel sentiu as mentes angélicas perseguirem seus pensamentos para fora do ancião, o qual então suspirou e pereceu, sem que seus parentes, em torno do seu leito de morte, jamais desconfiassem de que ele acabara de tornar-se a primeira vítima de possessão demoní-

aca. Temendo a reação dos anjos, Matraton, então no trono da Cidade Sombria, proibira Azazel, ou qualquer outro caído, de promover novas incursões a corpos humanos.

Entretanto, agora que Deus havia abandonado a Terra a Lúcifer, este revogou o decreto de Matraton. Ainda assim, o número de posses-

sões, que contavam com o total apoio do Diabo, provou-se desapontador.

Poucos dentre os caídos, fossem antigos Serafins ou Querubins, mostraram-se capazes de possuir um mortal. Apenas aqueles que odiavam a humanidade na plenitude de suas forças detinham tal habilidade. E os mestres nessa arte profana foram Azazel, Pazuzu, Belial, Leviatã e Abbadon. Azazel, contudo, era capaz de ir mais longe do que qualquer outro.

Suas possessões atingiram tamanha perfeição que se tornaram indetectáveis a anjos e caídos, o que lhe permitiu cometer crimes tenebrosos, disfarçada entre os humanos.

A queda de Babel e a confusão das línguas trouxeram os funda-mentos necessários para que Lúcifer estabelecesse seu reinado sobre o mundo. E ele o fez alegremente. Os demônios dominaram com facilidade as novas e rudimentares línguas humanas. Divididos em inúmeras tribos incapazes de compreender umas às outras, os homens encontravam-se terrivelmente enfraquecidos. E o Diabo tinha todo interesse em mantê-

los assim. Lúcifer impôs uma religião distinta para cada tribo, buscando acentuar as particularidades e diferenças de cada uma, todas, porém, baseadas no mesmo denominador comum, o medo, sobretudo o medo da morte, dos elementos e do desconhecido. E os homens temeram o diferente, e isso levou à hostilidade. E a hostilidade trouxe desconfiança, ódio e conflito. O Homem assumiu-se como predador de si mesmo. E

adorou falsos deuses.

Lúcifer e seus demônios apresentavam-se como figuras benevo-lentes, com promessas de prazeres infinitos para a vida após a morte.

Misturavam o Bem e o Mal, sendo gentis ou não segundo a devoção e os sacrif ícios que lhes eram prestados pelos seus seguidores humanos. As-sociavam-se preferencialmente aos elementos, como deuses do Sol, da Lua, da chuva, dos campos, dos ventos... Cada um demandava maiores e melhores templos, dedicados aos seus respectivos nomes. Pois fúteis e vaidosos tornaram-se os demônios, competiam pela adoração do Homem e apreciavam ser cortejados,

temidos e amados. Qualquer que fosse a religião, Lúcifer sempre incorporava a mais poderosa e reverenciada entidade, despertando grande inveja em Matraton e seu séquito de caí-

dos. Desejando humilhar Matraton e insidiosamente manipular o medo humano, Lúcifer propagou falsos mitos sobre um lugar de danação eterna onde as almas dos infiéis seriam lançadas. E a esse lugar deu o nome de Inferno, traduzido para cada língua e religião humanas. E elegeu

Matraton como o líder das forças do Mal. E, dessa forma, Lúcifer distorceu os conceitos de Bem e Mal para que servissem aos seus interesses, garantindo a fidelidade humana às suas muitas faces e denominações.

E o reino do Diabo na Terra prosperou impune por inúmeras ge-rações. Porém, cansado das mentiras espalhadas por Lúcifer, Deus apiedou-Se do Homem. Não o suficiente para perdoá-lo, contudo, abençoou-o com uma derradeira oportunidade. O Homem fracassara sob as melhores condições possíveis, quando protegido por Deus e Seus anjos. Pois agora teria que provar seu valor sob o pior dos mundos, debaixo do tacão opressivo e dominador de Lúcifer. Deus mostraria o caminho aos Seus filhos, mas caberia a eles decidirem, pelo livre-arbítrio, se abraçariam o Bem ou o Mal. Deus revelaria cada vez menos de Si, uma vez que Ele buscava um amor baseado na fé às Suas verdades, e não em obras. Chegara o momento de a humanidade demostrar, pelo seu próprio esforço e virtudes, se era digna do Criador.

A mudança começou por um homem. Seu nome era Zarathustra, e ele habitava a leste do que um dia se tornaria o reino da Pérsia. Durante a infância, Zarathustra morara

com os pais e mais seis irmãos em uma modesta cabana na encosta de uma árida montanha, sobrevivendo da carne e do leite das cabras que pastoreavam. Tudo mudou numa noite, quando um incêndio consumiu a cabana e as vidas de sua família. Zarathustra escapou miraculosamente dessa tragédia sem um único arranhão ou queimadura, enquanto dos demais só restaram os ossos carboniza-dos. Solitário e faminto, Zarathustra vagou pelas montanhas, alimentando-se de raízes amargas e dos passarinhos que caçava a pedradas. Ele finalmente encontrou abrigo numa suja e tenebrosa caverna, no alto de uma montanha íngreme e feia, de cujas paredes escorria uma água farta e boa de beber.

Pelos anos seguintes, aquela existência dif ícil forjou Zarathustra num homem forte e duro. Contudo, ele temia que o isolamento acabasse por tirar-lhe a sanidade, exatamente o que pensou quando avistou um ser luminoso em sua caverna ao amanhecer de seu vigésimo aniversá-

rio. Foi a primeira das muitas aparições que o anjo Gabriel prestaria a Zarathustra durante sua vida. Pois Deus escolhera Zarathustra para ser Seu messias primordial. Por isso, o Todo-Poderoso enviou o Arauto para instruir o jovem na verdadeira natureza do Bem e do Mal. Gabriel en-sinou-lhe o princípio pelo qual aqueles que crêem no Senhor deveriam

viver: “Não faças a teu semelhante aquilo que não queiras que façam a ti”. E, dessa maneira, todas as religiões autênticas originaram-se em Zarathustra, imbuídas desse princípio básico e dedicadas exclusivamente ao Deus Único.

Notícias da nova fé, que pregava o amor e a compaixão em vez do poder e soberba dos falsos deuses, não tardaram a chegar aos ouvidos de Lúcifer, nos confins da Grande Pirâmide Negra do Abismo. E ele despachou seus batedores pelo mundo, e estes descobriram que a mensagem do Deus Único se espalhava rapidamente entre os humanos. Alarmado, Lúcifer compareceu perante o Purgatório.

Gabriel veio ao Diabo e revelou-lhe os planos do Senhor. Lúcifer encolerizou-se, pois os Céus haviam rompido o acordo firmado com o Abismo. Gabriel deu de ombros, afirmando que continuava assegurado o reinado dos demônios sobre a Terra enquanto estes não ferissem um humano. Apenas, deveriam aprender a conviver com a mensagem de Deus. Lúcifer retornou ao Abismo com um gosto amargo na boca. Sentia-se impotente diante do exército de Deus, obrigado a aceitar o que lhe impingiam. Subitamente, Lúcifer apercebeu-se que, a despeito de sua rebelião, continuava, de certa forma, acatando ordens de Deus. O Diabo duvidou, por um breve momento, de sua real liberdade e independência.

Mas prontamente tratou de afastar tais pensamentos. Não estava preparado para confrontá-los, ainda mais depois de tudo que sacrificara, do que precisara abrir mão, especialmente de seu lugar junto ao Criador.

Lúcifer transformou sua frustração numa obsessão. Se ele não podia destruir a mensagem, iria liquidar o mensageiro. Seus batedores loca-lizaram facilmente o núcleo da fé no Deus Único, um homem que viajava pelo mundo pregando a palavra do Senhor e que se achava, no momento, na cidade de Sodoma.

Zarathustra então estava com quarenta e cinco anos, sua pele marcada pelos rigores do Sol e das noites frias do

deserto, fios grisalhos co-meçavam a impor-se à sua longa barba e cabelos castanhos. Porém, ele ainda conservava a mesma altivez e disposição da juventude.

Zarathustra pernoitava, a convite de um estalajadeiro, recém-convertido à verdadeira fé, no melhor quarto que havia, uma mudança muito bem-vinda para quem estava habituado a dormir ao relento. Até então, aquela fora uma boa peregrinação, somente naquela noite dezenas de moradores tinham se reunido na estalagem para ouvir o messias. Zara-144

LÚCIFER

thustra acreditava haver tocado seus corações. E talvez salvo algumas almas. Todavia, a noite ainda não terminara, e um anjo surgiu no quarto.

As janelas abrindo-se sozinhas para que ele entrasse.

Era um Serafim magnífico, mais belo e luminoso que Gabriel. Ainda assim, Zarathustra percebeu algo de maligno em seus olhos e reconheceu-o pela sua aparência orgulhosa.

– Lúcifer, o Inimigo – disse Zarathustra. – O que quer de mim, Senhor das Trevas?

– A pergunta correta é o que eu posso fazer por você – disse Lúcifer, malicioso e insinuante.

– Eu não entendo.

– Riqueza, poder, mulheres... ou homens, se os preferir. Eu posso dar-lhe tudo o que desejar e muito além do que jamais sonhou – ofereceu Lúcifer e sorriu. – Antes do dilúvio, humanos viviam por séculos.

Hoje, vocês não passam de uma raça fraca e assustada que dura poucas décadas. Junte-se a mim e você viverá por um milênio, deleitando-se em prazeres incomparáveis.

Lúcifer ofereceu a mão para Zarathustra, mas o messias recusou-a.

– Eu nunca me unirei a você – bradou Zarathustra. – Eu tenho Deus ao meu lado.

– Idiota ingênuo! – debochou Lúcifer. – Deus já abandonou a humanidade uma vez e o fará novamente!

– Ele jamais nos abandonará. Nós somos os mais amados.

Lúcifer agarrou o homem pelo pescoço, ergueu-o no ar e prensou-lhe as costas violentamente contra uma parede. A mão do Diabo era como um grilhão de aço comprimindo a traquéia de Zarathustra.

– Vá em frente – desafiou Zarathustra, a voz fraca, sufocada. – Eu tenho minha alma... e você não pode tocá-la...

Lúcifer largou Zarathustra antes que seus dedos finalizassem o aperto mortal. O homem caiu pesadamente.

– Onde está seu poder agora, demônio? – ironizou Zarathustra.

– Deus é mais forte e protege-me de você.

– Talvez... mas há outras maneiras.

Lúcifer partiu. Seu brilho passara à cor do fogo, intenso e medonho, tamanha a raiva de sua humilhação. Ninguém jamais se dirigira ao Primogênito daquela maneira. A

ousadia, a petulância, o desdém daquela criatura inferior e desprezível!

Lúcifer cruzou a cidade num vôo nervoso. Ele despertou Nesai, rei de Sodoma, apresentando-se nos aposentos dele como Dagon, Deus do Ar e da Terra, igualmente venerado em Gomorra como o maior dos deuses. E Lúcifer ordenou a Nesai que derramasse a ira de sua coroa sobre Zarathustra e seus seguidores heréticos. Zarathustra não ofereceu resistência aos soldados de Sodoma que vieram buscá-lo na estalagem naquela mesma noite. Zarathustra foi lançado ao calabouço sob chutes, pontapés e chibatadas. Uma centena de inocentes fiéis do Deus Único foi amarrada a estacas dispostas pela praça central da cidade e queimada viva em macabras fogueiras ao nascer do Sol. Uns poucos seguidores de Zarathustra escaparam ao expurgo ao manterem suas identidades em segredo. Por meio deles, a verdadeira religião sobreviveria para desabrochar décadas depois, até mesmo na cidade-irmã de Sodoma, Gomorra.

Durante as semanas seguintes, Zarathustra sofreu torturas horripilantes. Ele teve os olhos arrancados, os pés calcinados, os genitais perfurados com espinhos, as mãos e os pés esmagados sob marteladas e pedradas, o corpo violado por homens imundos. Por fim, amarraram suas pernas e braços a duas parelhas de touros, incitadas em direções opostas, fazendo-o em pedaços, numa morte sangrenta e cruel. Assim, terminaram os dias de Zarathustra, primeiro messias de Deus e pai de todas as religiões dedicadas à causa do amor e da justiça.

A Zarathustra seguiram-se outros homens santos que ventilaram a mensagem do Bem pelo mundo. Profetas como Buda, Krishna, Abraão, Ismael, Moisés, Jesus e Maomé tornaram-se as Armas de Deus para trazer a ruína ao Diabo e ao seu reinado maligno na Terra. Lúcifer, por seu lado, estava determinado a resistir. Ele foi implacável no emprego de seus servos humanos para esmagar e destruir as religiões do Deus Único, onde quer que surgissem. Os fiéis do Senhor viram-se caçados como animais; seus altares, arrasados; e seus textos sagrados, esfacela-dos. Todavia, a despeito de toda a repressão e chacinas, a fé na bondade e no amor, lenta e inexoravelmente, floresceu no espírito dos homens.

Não tardou a rivalizar e, pelas terras do Oriente, mesmo a sobrepujar os cultos praticados aos falsos deuses.

O avanço do Deus Único atormentava Lúcifer. Ele via seu poder sobre o Homem esvair-se, apesar dos seus melhores esforços. Alguns demônios começaram a questionar a liderança do Diabo, uma vez que assistiam aos seus templos vagarem e às antigas religiões sucumbirem.

Matraton, despeitado desde que perdera o trono ao Primogênito, convocou seus servos para galvanizarem sobre a frustração crescente dos demônios.

Absorto na sua luta contra o Bem, Lúcifer negligenciou o Mal. Obcecado em derrotar Deus, Lúcifer desprezou os avisos de Leviatã e Belzebu sobre as forças que Matraton estava acumulando. Lúcifer preferiu concentrar-se no desenvolvimento de uma nova arma que chamou de Infiltradores, um grupo de elite formado pelos demônios que dominavam a possessão humana. O propósito dos

Infiltradores não podia ser mais claro, identificar os messias do Criador, seus seguidores e locais de congregação, para que os humanos leais a Lúcifer pudessem eliminá-los mais eficientemente.

Uma das maiores câmaras da Grande Pirâmide foi adaptada para abrigar os Infiltradores, os quais, durante o curso de suas missões, permaneciam adormecidos e vulneráveis, com seus pensamentos viajando para ocupar corpos mortais. Esse recinto passou a ser conhecido como Estufa e oferecia treze camas para os treze demônios que controlavam a possessão. Sua entrada era mantida sob a guarda constante de um pelotão de Luciferes.

As missões dos Infiltradores tornaram-se tão longas e freqüentes que os membros da unidade raramente deixavam a Estufa. Dezenas de milhares de fiéis ao Deus Único pereceram devido aos seus serviços. Porém, a despeito de sua dedicação e competência, os Infiltradores puderam somente atrasar, nunca evitar, a irresistível ascensão do Deus Único sobre a Terra. Um bom exemplo disso foi Abraão, influente profeta do Senhor que escapou a três atentados à sua vida, graças à proteção divina dos anjos.

E justamente encontrava-se Lúcifer avaliando com Azazel a última dessas tentativas fracassadas, conduzida por assassinos assírios, devi-damente massacrados pelo Querubim Estalir, quando as fundações da Terra tremeram. Lúcifer decolou de pronto para a origem das ondas de choque que ainda reverberavam pelas paredes do Abismo. Ele encontrou Gabriel pairando acima dela. Ou, mais precisamente, sobre uma imensa cratera, ainda fumegante, onde antes existira a cidade de Gomorra.

– Gabriel! – chamou um atônito Lúcifer. – O que vocês fizeram?

– Os homens de Sodoma tentaram violentar dois Querubins em visita a uma família de fiéis – esclareceu Gabriel.

– Humanos tolos! – enfureceu-se o Inimigo.

– Os Querubins arrancaram os olhos dos seus atacantes. Contudo, a iniqüidade de Sodoma foi longe demais. Ela e Gomorra são cidades dominadas pelo Mal, e Deus ordenou que fossem ambas varridas da face da Terra.

– Nós temos um acordo, meu irmão. Vocês anjos não podem intervir assim abertamente na Terra.

– Eu sei, irmão. Está diante de uma exceção.

O sentimento de impotência de Lúcifer aumentou. Havia tempo, ele sentia seu destino cada vez menos em suas mãos. Mais do que agir, Lú-

cifer parecia tão-somente reagir aos desígnios de Deus. Suas divagações foram subitamente interrompidas pelo despontar de uma rocha no céu.

– Linda, não é? – disse Gabriel. – A primeira foi para Gomorra.

Essa vem por Sodoma.

Lúcifer lembrou-se da rocha que certa vez ele próprio arremessara da escuridão do Universo para a Terra. Essa agora, contudo, possuía dimensões muito inferiores, ainda

assim suficientes para pulverizar Sodoma numa cratera semelhante à de Gomorra.

– Quem são aqueles? – disse Lúcifer, acerca de uma fila de vinte pessoas deixando Sodoma em direção a uma montanha próxima. – Seguidores de Deus?

– Sim. Os únicos de Sodoma. Os de Gomorra já estão a salvo.

Lúcifer admirou-se com uma mulher que, teimosa e imprudente-mente, deteve seus passos e, contrariando a vontade de Deus, voltou-se para assistir à destruição da cidade. E um belo e mortal espetáculo ofereceu-se aos seus olhos. O impacto da rocha obliterou Sodoma sob um cogumelo de fogo, fumaça e partículas, lançando uma nuvem de poeira incandescente por todo o vale. A mulher foi engolfada pela onda de detritos que se agarrou à sua pele, transformando-a numa estátua de pedra, com uma agonia sufocante eternizada na face.

A fileira de fiéis alcançou o sopé da montanha em segurança, enquanto Lúcifer partia de volta ao Abismo com uma nova missão para Azazel, manter aquele pequeno grupo sob vigilância. Ele pretendia eliminá-los na primeira oportunidade que surgisse. Todavia, os fiéis eram liderados por Ló, um homem sábio que sobreviveu às artimanhas do Diabo e deu origem a dois reinos, Moabe e Amom.

CAPÍTULO XII Matraton

À medida que as religiões do Todo-Poderoso se expandiam pelo mundo, o Diabo percebeu que os falsos deuses estavam condenados ao esquecimento. Ele persistia na luta para prolongar seu crepúsculo, mas decidiu mudar de estratégia, passando a concentrar seus esforços na subversão da fé no

Deus Único. Como a nova fé assumia diferentes formas pelas diversas culturas humanas, Lúcifer planejou jogá-las umas contra as outras, corrompendo seus mandamentos pelo expediente da guerra. Para tanto, ele despachou Lilith e os Infiltradores para espalhar suas mentiras entre os povos da Terra. Em pouco tempo, os pregadores de Deus, os mesmos que condenavam o emprego da violência contra o indivíduo, alteravam seus ensinamentos para justificar a matança de muitos em prol da sociedade. E, o pior, em nome de Deus. Assim, uma vez mais, o Diabo corrompeu o Homem, fazendo cada religião acreditar-se superior às demais, a única eleita por Deus e o verdadeiro caminho para o Paraíso. Profundo conhecedor da natureza humana, Lúcifer plantou a definitiva semente de hostilidade no espírito humano, manipulando seu orgulho e vaidade, além do medo do diferente. E a humanidade esqueceu-se do ensinamento maior: que todas as religiões do Deus Único eram sagradas e levavam à salvação.

Contudo, o êxito do Diabo revelou-se apenas parcial. Mesmo se-meando a discórdia, o preconceito e a violência, os homens não se afastaram inteiramente dos ensinamentos de Deus. Pois as religiões, ainda que infiltradas pelo Mal, mantiveram-se fundamentadas no Bem. Em cada uma delas, permaneceu o livre-arbítrio, a chance de abraçar os preceitos do amor, gentileza, tolerância e compaixão. O eixo da guerra entre Deus e Lúcifer se deslocou da arena coletiva para a individual. Da conquista de reinos e cidades para a luta no interior de cada ser humano.

Nos primórdios dessa nova fase da guerra, despontou a figura em-blemática de Jó. Aquele que atraiu para si o

interesse do Príncipe das Trevas. Jó era um homem feliz, casado e pai de sete filhos e três filhas.

Ele possuía uma próspera fazenda no reino de Uz, com mais de sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois, quinhentas jumen-tas e dezenas de empregados, o que fazia dele então o homem mais rico do Oriente. Ainda assim, Jó considerava a fé inabalável no Senhor como seu maior bem. Os próprios anjos, quando de passagem por Uz, afirma-vam não existir homem mais temente ao Criador. Os habitantes de Uz diziam que nem mesmo os anjos veneravam tanto a Deus quanto Jó. Tais palavras logo chegaram a Lúcifer pelos Infiltradores. E elas doeram aos ouvidos do Diabo. Pois Lúcifer não admitia que humanos, inferiores e miseráveis, comparassem-se a anjos, fossem estes leais ou caídos. Lúcifer voou ao Purgatório para demandar de Gabriel que suspendesse a proteção divina sobre Jó. Gabriel argumentou que não havia homem sobre o mundo mais merecedor da proteção, o mais reto, honesto e sincero seguidor do Senhor.

– Deus teme que Jó sucumba ao Mal? – caçoou o Diabo. – Afinal, Jó é bem-amado, rico e saudável. Arranque tudo dele e verá, meu irmão, que ele blasfemará na cara do Senhor.

A luz de Gabriel intensificou-se e, dos seus lábios, brotou a sublime voz do Todo-Poderoso.

– Que assim seja, Meu Primogênito – disse Deus. – Traga dor e miséria a Jó, e que ele prove ser digno das Minhas bênçãos. Porém, poupe a vida dele. Pois sobre ela a proteção está mantida.

Lágrimas desceram dos olhos de Lúcifer. Pois, desde a Queda, aquela era a primeira vez que Deus dirigia-lhe a

palavra. A luminescência de Gabriel serenou. Deus o havia deixado.

– Vá, meu irmão – disse Gabriel. – Cumpra seu desejo.

150

LÚCIFER

Lúcifer secou a face com as mãos, envergonhado pela emoção de-monstrada.

– Cumprirei, e terá a prova da debilidade do Homem.

Lúcifer partiu para despejar sua ira sobre Jó. Matou seu gado, in-cinerou sua casa, enviou Azazel na pele de um belo varão para conquistar-lhe a esposa e cobriu o corpo de Jó de chagas e pútridos. Seus empregados e filhos renegaram-no na desgraça, e a mulher desapareceu, para nunca mais ser vista. Pois Azazel fugiu com ela para as montanhas e matou-a sob as estrelas, consumindo sua carne e o sangue numa orgia que os anjos não perceberam tal a perfeição com que a demonesa possuía um mortal. Azazel então cortou os pulsos de seu hospedeiro e abandonou-o para morrer.

Em meio a tamanho sofrimento, a fé de Jó vacilou, mas não se quebrou. Na verdade, tornou-se ainda mais forte diante da adversidade extrema. E, no devido tempo, Deus recompensou Jó em dobro a tudo quanto dantes possuíra. E Jó tornou-se o homem mais odiado por Lúcifer. Pois sua fé provou-se realmente tão ou mais poderosa que a de um anjo.

Deprimido, Lúcifer meditava sobre sua derrota, do alto da Montanha Verde, a mais bela do reino de Uz, quando veio a ele um batalhão de Luciferes. À frente deles, vinha Belzebu,

com uma expressão grave, trazendo Mefistófeles, a Espada Negra, para o Senhor da Escuridão.

– Milorde – disse Belzebu. – As forças de Matraton avançam. Nós escapamos da Cidade Sombria, pouco antes de ela cair, para avisá-lo.

A Segunda Rebelião iniciara-se.

Lúcifer percebeu tarde demais o quão imprudente havia sido. Cegado pelo orgulho de seus desafios a Deus, permitira a multiplicação de seus inimigos no Abismo. Havia deixado o caminho livre para Matraton e agora precisava agir rápido se quisesse detê-lo.

– Quantas legiões seguem o Demônio do Silêncio?

– Cento e seis, meu príncipe.

Lúcifer ficou estático. Isso lhe deixava somente cinco legiões e três batalhões Luciferes. E nenhuma chance de vitória.

– Ao sairmos, três de nossas legiões cobriam a retirada das demais para a Cidadela – prosseguiu Belzebu. – Aquelas estão perdidas, e estas não durarão muito.

– A Cidadela é a mais poderosa fortaleza da Cidade Sombria. Talvez ainda tenhamos uma chance.

Lúcifer tomou Mefistófeles das mãos de Belzebu e desembainhou-a.

Sua lâmina negra brilhou sob a luz forte da manhã.

– Mas não será fácil – reconheceu Lúcifer, sombrio. – Muito provavelmente todos nós pereceremos.

Belzebu sacou sua espada. Seu sangue fervia pela antecipação da batalha. E nada mais lhe importava, e nem aos outros Luciferes.

– Eu estou aqui para servir! Como sempre! Com honra!

– Com honra! – bradaram em uníssono os soldados Luciferes, erguendo seus tridentes e espadas.

Lúcifer elevou-se em suas asas. Seu brilho incandesceu e superou o do Sol. E ele se embriagou no próprio esplendor.

– Nós somos demônios! Nós lutamos pelas trevas! Voem ao meu lado para o crepúsculo! Para o esquecimento e a destruição!

Os Luciferes berraram selvagemente. E Lúcifer arremeteu rumo ao Abismo, com seus guerreiros atrás de si. As sombras de milhares de asas foram lançadas sobre o mundo. E aquela foi a última marcha dos Luciferes.

†

———

———

A Cidadela era um conjunto de muralhas, prédios e torres que ocupava o centro da Cidade Sombria, uma compacta linha de fortificações destinada à defesa da Grande Pirâmide Negra. A linha, contudo, fora rompida. As três legiões leais, a Quadragésima, a Quadragésima Sétima e a Nonagésima Sexta, lutavam bravamente sob a liderança de Asmodeus,

um dos mais fiéis generais de Lúcifer. Sua causa, porém, estava perdida diante das infindáveis levas de rebeldes.

Do alto, a Cidade Sombria parecia assaltada por um formigueiro, uma onda negra avançando em todas as direções, fechando o cerco sobre a Grande Pirâmide. Os pequenos bolsões de resistência nas muralhas eram sistematicamente massacrados, enquanto a vanguarda de Matraton se movia loucamente para o único acesso à pirâmide, seus imensos portões feitos de um metal escuro e pesado. Asmodeus tombou sob as espadas de um pelotão de Matratones, a guarda de elite de Matraton.

Nesse instante, os Luciferes despontaram através do Grande Selo e perceberam, de imediato, que, se os portões da pirâmide fossem tomados, seria o seu fim. Lúcifer lançou-se à frente de seus guerreiros num mergulho desesperado para a nuvem de demônios que cobria a Cidadela.

Veloz e belo como uma estrela cadente, o brilho de Lúcifer anunciou sua chegada. Centenas de milhares de rebeldes decolaram para dar-lhes combate em pleno ar. Era como se uma barreira intransponível, de repente, se erguesse perante Lúcifer e seus seguidores. Contra aquela força, eles não poderiam prevalecer, sucumbiriam lutando, e Matraton garanti-ria para si a coroa dos demônios. E, certamente, assim teria se dado, não fosse por Lúcifer, o maior guerreiro que já existiu.

– Agora! – gritou o Diabo.

Os Luciferes cobriram os olhos. E Lúcifer explodiu sua luz nas trevas do Abismo. Ele cegou os rebeldes,

momentaneamente. E as legiões de Matraton despencaram sobre a Cidade Sombria como as chuvas que re-frescavam os campos do Segundo Céu, atordoadas o suficiente para que Lúcifer e seus soldados alcançassem os portões da Grande Pirâmide.

E Lúcifer bateu três vezes o cabo de sua espada contra os portões sombrios.

– Abram! – comandou o Diabo. – Para Lúcifer Estrela da Manhã, seu único e verdadeiro senhor!

Os portões se abriram e os Luciferes entraram. Valentes, Lúcifer e Belzebu assistiram às tropas de Matraton recuperarem a visão e reto-marem sua furiosa corrida à Grande Pirâmide. Os portões se fecharam à passagem do Diabo e seu general.

Lúcifer embainhou Mefistófeles e foi saudado pelos comandantes das duas legiões que lhe restavam, a Primeira e a Segunda, e dos seus fiéis batalhões Luciferes. A estas forças somavam-se milhares de outros legionários, entre oficiais, sargentos e soldados, desertores de suas unidades de origem, por lealdade a Lúcifer.

– Reforcem esses portões – ordenou Lúcifer para os legionários mais próximos. – Rápido!

Os soldados trouxeram todas as escoras metálicas de que dispunham para sustentar os portões, bem a tempo de resistirem às primeiras investidas dos aríetes do exército de Matraton. Os fortes impactos de aríetes feitos de concreto e revestidos de metal ostentando nefastas carrancas de bodes e touros e impulsionados por até duzentos demô-

nios cada deixavam evidente que os portões não suportariam por muito mais.

O sentimento de urgência obscurecia os pensamentos dos guerreiros leais. Eles combateriam até o fim por seu Príncipe-Regente, mas não *153*

enxergavam esperança de sobrevivência. Lúcifer, ao contrário, mantinha a mente fria e aguçada.

– Onde estão os Infiltradores? – perguntou o Primogênito.

– Na Estufa, milorde – respondeu Pazuzu. – Nem todos são fiéis seguidores. Por isso, mantive-os sob guarda.

Lúcifer sorriu e, agradecido, tocou o ombro de Pazuzu.

– Você pode ter-nos salvo a todos, velho amigo – disse Lúcifer a Pazuzu, o único Infiltrador no qual realmente confiava. – Venham comigo.

Belzebu e Pazuzu seguiram Lúcifer até a Estufa.

De fora da pirâmide, três aríetes eram arremessados em conjunto contra os portões da pirâmide, os quais começavam a amassar e fender.

As legiões de Matraton estavam sob o comando de um grande e cruel demônio chamado Uriel.

Uriel pertencera à segunda geração de Serafins, os vinte instruídos diretamente por Samael, Gabriel, Camael, Nathanael e Matraton. Uriel fora o mais fiel dos aprendizes de Matraton e seu braço direito no Primeiro Céu. Após a Queda, Matraton tornara-se o cérebro e Uriel, a voz por trás do movimento que pretendia usurpar a coroa de Lúcifer. Os dois complementavam-se de tal maneira que muitos diziam serem ambos as duas faces de um mesmo Mal.

Pois era Uriel quem sangrava, impiedoso, os lombos dos demônios que arremetiam os aríetes. Em sua mão esquerda, Uriel estalava um comprido chicote de três tiras de couro de Mamute, revestidas com grossas tachas de metal, sua criação da era anterior. Uriel ainda trazia um par de machados largos e ameaçadores às costas de sua armadura negra.

Subitamente, os portões da pirâmide abriram-se, surpreendendo os rebeldes e lançando ao chão os aríetes e suas equipes. Lúcifer liderou um assalto suicida de mil guerreiros leais contra os milhões de insurgentes. A luz de Lúcifer brilhava ardente. Mas, dessa vez, seus inimigos mostraram-se previdentes, cobrindo os olhos sob suas mãos e escudos, e contra-atacaram.

Os demônios leais cobraram um alto preço da linha de frente dos rebeldes. Mais de cinco mil deles foram abatidos, contra uma centena de baixas leais. Somente Mefistófeles, brandida furiosamente pelo Diabo, despachou as essências de mais de trezentos rebeldes, sorvidas pelas entranhas do Abismo. Porém, o sucesso inicial não perdurou diante da avassaladora oposição. Os rebeldes reagruparam-se e cercaram as forças

de Lúcifer. Seguindo as instruções dadas, Belzebu, que permanecera no comando da pirâmide, ordenou o fechamento dos portões. E, assim, Lú-

cifer e um punhado de guerreiros acharam-se isolados do lado de fora, envoltos num mar de inimigos.

Os soldados leais formaram um círculo defensivo ao redor de seu soberano. Um perímetro que encolhia rapidamente, fustigado por todos os lados. As tropas de Lúcifer se

portaram magnificamente, com uma ferocidade jamais igualada, nem mesmo durante as piores batalhas da Primeira Rebelião. No entanto, estavam sendo rapidamente subjugadas.

Restavam pouco menos de trinta guerreiros quando Lúcifer ordenou que baixassem as armas. Os rebeldes detiveram-se, surpresos, pois imagi-navam que Lúcifer tombaria em batalha. O Primogênito era odiado por seus adversários, contudo, mesmo os mais ferrenhos deles admiravam sua coragem. Aquela rendição colheu deles escárnio e desapontamento.

E Lúcifer foi desprezado e vilipendiado como um covarde.

Uriel adiantou-se das fileiras rebeldes. Ele tinha as mãos livres, o chicote enrolado à cintura, e exibia um sorriso afetado para os derrotados.

– Lúcifer, onde está sua valentia agora? – riu-se Uriel. – Mostrou que é fraco e abjeto! E provou que, se Lorde Matraton tivesse nos liderado na Primeira Rebelião, não haveria rendição a Deus.

Nesse momento, Matraton surgiu planando sobre seus exércitos e veio pousar junto a Uriel.

– Nós éramos mais fortes do que os anjos – prosseguiu Uriel em suas mentiras, agradáveis aos ouvidos dos servos de Matraton. – Se houvéssemos perseverado na luta, se não fosse pela traição de Lúcifer, nós teríamos vencido!

Os demônios urraram satisfeitos, preferindo ignorar a verdade.

– Sua covardia custou-nos a Queda! – acusou Uriel, diante de um Lúcifer impassível.

Lúcifer sorriu e caminhou, lentamente, pelo meio de suas tropas, na direção de Matraton. Uriel sacou seus machados. Ele os girava em suas mãos numa ameaça. Lúcifer deteve-se perante os dois poderosos oponentes.

– Eu não me lembro de você contestar nossa rendição aos anjos, Matraton – ironizou Lúcifer. – De fato, se bem me recordo, você foi um dos primeiros a suplicar por ela.

– Injúrias! Calúnias! – bradou Uriel.

– Somente eu sei o quanto foi dif ícil aceitar a rendição – disse Lú-

cifer. – Mas isso são águas há muito passadas. O importante é o agora.

E, neste exato momento, eu tenho três dos meus Infiltradores prontos para tirar as vidas de alguns humanos. Mulheres e crianças inocentes, para ser exato.

Os soldados rebeldes encolheram-se, assustados. Matraton e Uriel entreolharam-se, nervosos.

– Você está mentindo – disse Uriel. – Uma guerra com os anjos destruir-nos-ia a todos. Nenhum demônio obedeceria a uma ordem dessas.

– Realmente? – deleitou-se Lúcifer, sarcástico. – Libere seus pensamentos, Matraton. Dirigia-os até a Estufa.

Matraton fechou os olhos e mentalizou.

– Veja meus Luciferes com as lanças apontadas para os peitos de Azazel, Belial e Abbadon, deitados inertes nas camas cerimonias – disse Lúcifer. – Agora, acompanhe suas trilhas mentais estendendo-se até a Terra.

A mente de Matraton seguiu as trilhas dos Infiltradores até um pequeno casebre esquecido num canto remoto do mundo. Lá, encontrou uma família de camponeses, cujo patriarca e seus dois filhos adolescentes mantinham a mãe e as quatro irmãs menores sob os seus forcados sujos do trabalho árduo dos campos. Acuadas num canto escuro, as mulheres abraçavam-se e choravam indefesas.

– Os Infiltradores não têm escolha – disse o Diabo. – Se não mata-rem as humanas, meus Luciferes eliminam-nos na Estufa.

Matraton abriu os olhos. E Uriel viu neles a sinceridade das palavras de Lúcifer.

– Miserável! – protestou Uriel. – Não nos fará reféns de suas ameaças!

– Sem ameaças – esclareceu o Diabo. – Um desafio.

Lúcifer desembainhou Mefistófeles.

– Eu iria propor um duelo a Matraton – continuou Lúcifer. – O ven-cedor ficaria com tudo. Soberano do Abismo e Rei dos Homens. Mas eu percebi que isso seria injusto – sorriu Lúcifer, com desdém. – Então, eu o convido a juntar-se a ele, Uriel. Dois contra um. O que vocês acham?

Matraton e Uriel entreolharam-se, uma vez mais. Agora, com fúria em suas faces. Matraton sacou sua espada de cabo retorcido.

– Isso termina aqui – disse Uriel, erguendo seus machados.

Uriel e Matraton avançaram juntos para Lúcifer. Os soldados, leais e rebeldes, afastaram-se, liberando o pátio defronte à Grande Pirâmide Negra para aquele embate de titãs. A profana Mefistófeles repeliu a se-qüência de golpes dos machados de Uriel, mas não o ataque sorrateiro da lâmina de Matraton, que arrancou um ferimento feio e profundo do braço esquerdo de Lúcifer. A multidão de rebeldes saudou com urros e berros aquele sinal promissor. Lúcifer não se abalou e disparou às alturas do Abismo, seguido de perto por seus contendores. A batalha se desenrolou pelos ares, em meio a piruetas ensandecidas. Lúcifer arremetia e desviava, enquanto Uriel procurava empurrá-lo para o alcance de Matraton.

De fato, Uriel lançou uma carga decisiva, seus machados se chocan-do loucamente contra a lâmina negra de Mefistófeles, detonando faíscas multicoloridas, como fogos de artif ício, iluminando os rostos dos guerreiros abaixo, que mantinham os olhos fixos na batalha, sequer capazes de piscá-los. Lúcifer era levado de costas rumo à espada de Matraton.

O Demônio do Silêncio aguardava imóvel, nas sombras, sorrindo, pois Lúcifer jamais saberia o que estava para atingi-lo. Matraton sentiu as asas do Primogênito batendo próximas de si, a brisa que levantavam tocou-lhe a face. Ele ergueu a espada e desferiu o golpe fatal com toda sua força.

Lúcifer ouviu o fio da espada cortando a escuridão atrás de si e fechou as asas, despencando para a cidade. A lâmina de Matraton passou ino-fensiva sobre a cabeça do Diabo,

acariciando-lhe as pontas do cabelo, e encravou-se com violência no coração de Uriel.

– NÃO! – gritou Matraton, sua primeira e última palavra.

A essência de Uriel foi sugada pelo teto do Abismo. Lúcifer abriu as asas e arremeteu a um palmo de atingir o assoalho áspero do pátio.

Lúcifer embainhou Mefistófeles e pegou no ar os machados de Uriel, que desciam em queda livre. Lúcifer lançou-se para cima, rumo a Matraton.

– Chegou sua hora, traidor! – gritou Lúcifer.

Foi a vez de Matraton bater sua espada contra aqueles tenebrosos machados. Hábil, ele conseguiu desarmar a mão esquerda de Lúcifer, afinal o corte no braço do Diabo prejudicava-lhe os movimentos. O machado colidiu com o pátio abaixo, abrindo uma cratera. Lúcifer juntou as duas mãos sobre o cabo do machado remanescente e desferiu uma *157*

MARCELO HIPÓLITO

saraivada de golpes. Agora, Matraton quem era empurrado de costas, até ficarem prensadas a uma parede do Abismo.

Incapaz de fugir à selvajaria de Lúcifer, Matraton limitava-se a adiar o inevitável. E este não tardou. Lúcifer decepou-lhe a mão da espada e enterrou o longo cabo do machado através do peito de Matraton com tamanha força que afixou o Demônio do Silêncio na parede.

Matraton encarou assustado o ferimento e o reflexo distorcido de seu rosto na lâmina da arma, embaçado pelas suas lágrimas. Lúcifer saboreou o tormento de seu inimigo,

que temia o esquecimento e a inexistência. Ele poderia ter desferido o golpe final com Mefistófeles, mas isso não saciaria seus anseios de vingança. Para tanto, Lúcifer destroçou o pescoço de Matraton com os próprios dentes, arrancou-lhe a traquéia e comeu-a. A essência de Matraton desapareceu na parede. Lúcifer deixou o machado enterrado nela como um testamento de seu triunfo.

Lúcifer desceu ao pátio. Os demônios leais deixaram a pirâmide e saudaram-no. Os Infiltradores foram liberados, sem que houvessem derramado sangue humano. Desmoralizados, os rebeldes entregaram suas armas. Lúcifer ordenou a execução dos oficiais que seguiram Matraton e restaurou as legiões, porém sob o punho de ferro dos Luciferes, que detinham agora seu comando nominal. Contudo, aos mais de oito mil soldados Matratones reservou-se o pior destino. Eles foram aprisionados no porão da Grande Pirâmide e, durante séculos, torturados mediante espancamentos, mutilações e humilhações impronunciáveis.

Os mais afortunados pereceram nos primeiros anos de agonia. Mas rumores davam conta de alguns pobres infelizes que ainda sofriam em seus calabouços fétidos mesmo nos últimos dias do mundo.

Lúcifer, por sua vez, recolheu-se a uma paranóia crescente, enxer-gando conspiradores mesmo onde não havia nenhum. O Primogênito não mais deixava seu trono de ferro na Grande Pirâmide, aleatoriamente ordenando assassinatos daqueles demônios que, sem motivo aparente, lhe caíam em desgraça. Para agravar, pensamentos sombrios tolhiam-lhe a mente, levando-o a desconfiar cada vez mais do quanto Deus estaria manipulando-o a atender Seus indecifráveis propósitos. Pelos séculos seguintes, Lúcifer ficou obcecado em desvendar se tais propósitos existiam de fato e, nesse caso, quais seriam eles. Ele passou a escrever um grande

tratado filosófico a respeito em pesados tabletes de argila negra.

E preencheu dezenas de milhares desses tabletes, na busca incessante *158*

LÚCIFER

pelo sentido de sua existência e das verdadeiras regras que ordenavam a Criação. Todavia, Lúcifer desesperava-se, incapaz de descobrir por si mesmo tais respostas. Ele já estava perto de desistir quando Azazel surgiu na sala do trono trazendo notícias de sua missão mais recente na Terra, sobre um novo messias do Senhor que andava entre os homens. E

suas palavras soaram tão perturbadoras ao Diabo que o arrancaram de seu trono macabro e compeliram-no de volta à superf ície do mundo.

159

CAPÍTULO XIII Apocalipse

O jardim de Getsêmani, nos arredores da cidade de Jerusalém, parecia envolto numa estranha melancolia sob o pálido luar da madrugada.

Repentinamente, seu silêncio sepulcral foi quebrado pela chegada intem-pestiva de Jesus de Nazaré, seguido por três de seus discípulos, Pedro, Tiago e João.

– A minha alma está profundamente triste até a morte – disse o Nazareno aos amigos. – Fiquem aqui e vigiem.

Tomado pelo pavor, Jesus afastou-se deles para orar. Ao retornar, ele encontrou os discípulos adormecidos.

– Pedro, acorde – disse Jesus, sacudindo-o pelos braços.

– Eu estou tentando, mestre... – balbuciou Pedro. – Eu não entendo... por que não consigo manter os olhos abertos...

E Pedro tornou a mergulhar no mesmo sono profundo de João e Tiago. Em desespero, Jesus ajoelhou-se e rezou a Deus. Jesus via o fim apro-ximando-se. O flagelo, a dor, o sangue, a coroa de espinhos, a cruz...

– Pai, todas as coisas são possíveis a Você. Afasta de mim este cáli-ce – suplicou Jesus. – Não seja, porém, o que eu quero, mas o que Você quer.

Uma voz atendeu a Jesus. Mas não aquela pela qual ansiava.

– Jesus de Nazaré. Levante-se.

Jesus ergueu-se para um anjo de luz que o encarava com curiosidade. De imediato, Jesus reconheceu a força do Mal emanando daquele ser.

– Quem é você? – perguntou o Nazareno.

– Eu sou o Diabo.

Jesus sentiu um calafrio.

– Eu conheço o Diabo – disse Jesus. – Ele me atentou no deserto, quando jejuei por quarenta dias e quarenta noites...Você não é ele.

– Eu nunca lhe prestei nenhuma visita. No deserto ou em qualquer outro lugar. E por que o faria?

– Então quem veio a mim naquela ocasião? Um de seus demônios?

– Eu diria que um anjo do Senhor fazendo-se passar por mim.

– Mentiras! Por que um anjo de Deus se passaria pelo Diabo?

– Talvez para testar sua fé – supôs Lúcifer. – Eu já chamei à prova um humano, certa vez. Um homem do reino de Uz. Contudo, isso ocor-reu nos meus termos, não nos do Criador. E, ainda assim, tornou-se uma experiência que eu jamais repetiria.

– Você realmente espera que eu acredite nas suas palavras, Satã?

– Francamente, o que você pensa é irrelevante para mim. Não é o motivo pelo qual estou aqui.

Jesus ficou intrigado.

– O que quer de mim, Diabo?

Lúcifer sorriu.

– Alguns dizem que você é o Filho de Deus, que sua mãe foi engra-vidada pelo próprio Todo-Poderoso – disse Lúcifer. – Verdade ou não, se Deus maculou Sua essência com sangue humano, como Seus anjos antes dEle, pior para Ele.

Lúcifer aproximou-se do Nazareno.

– Meu interesse reside em uma certa habilidade que você parece dominar.

– Que habilidade? – perguntou Jesus.

– De prever eventos que ainda não ocorreram, de enxergar o futuro – disse Lúcifer, atormentado. – Algo que oráculos e videntes sempre reivindicaram através dos tempos, mas nunca possuíram, confinados aos seus medíocres jogos de adivinhação. De fato, nenhum anjo ou humano jamais demonstrou tal habilidade, o que sugere que você a tenha herdado diretamente de Deus. E, se Deus possui tal poder, significa que eu tenho *162*

LÚCIFER

sido manipulado desde a minha criação. Pois Deus não teria outro motivo para fazer-me à Sua perfeição, sabendo que eu me tornaria o Diabo, se Ele não tivesse um plano previamente elaborado para mim.

– Eu não tenho as respostas que busca. Tudo que eu sei é o que Ele me ensina, só vejo do futuro o que Ele me permite – disse Jesus, humil-demente. – Mas Deus tem um plano para cada uma de Suas criaturas.

Disso, eu estou convencido.

Lúcifer gelou.

– Porém, há algo que eu não compreendo – emendou Jesus. – Sua fé nas minhas visões. Elas ainda nem se materializaram... Eu pensava que o Diabo fosse muito mais desconfiado.

Lúcifer lançou um olhar ameaçador sobre Jesus.

– Você falou aos seus discípulos sobre um traidor em seu meio, que ele viria buscá-lo esta noite, correto?

– Você tem escutado nossas conversas? – perguntou Jesus, surpreso.

– Eu tenho uma de minhas demonesas infiltrada há anos entre vo-cês. Escondida sob a pele de Judas Iscariotes.

Jesus ficou boquiaberto.

– Entende agora por que eu não preciso recorrer à tentação? – ga-bou-se Lúcifer. – Meus caminhos são outros. Eu destruo por dentro.

Um burburinho surgiu à entrada do jardim. Ao voltar-se para Lú-

cifer, Jesus percebeu que ele se fora. Contudo, o poder de Satã, o qual mantinha os discípulos do Nazareno adormecidos, perdurou. Eles não viram quando Judas Iscariotes chegou à frente de um destacamento de guardas do Templo. E Azazel, vestindo o corpo de Judas, beijou a face de Jesus para identificá-lo, e o Nazareno foi conduzido, debaixo de ofensas e pauladas, rumo ao martírio. Pedro, Tiago e João somente despertaram ao nascer do Sol.

E Azazel liberou Judas de sua influência isento de ferimentos, mas apenas por haver Lúcifer revelado a presença dela para Jesus. Se não fosse pela proteção de Deus, Azazel teria matado o hospedeiro. Todavia, o desfecho acabou satisfazendo a demonesa. Assombrado pelos atos cometidos em seu nome, ainda que alheios ao seu controle, Judas enfor-cou-se na árvore mais alta que encontrou, assim condenando sua alma eterna.

†

_____

———

Na Colina da Torpeza, próxima ao Rio Lamentoso, um feio curso de ácido sulfúreo malcheiroso que cruzava a região sul do Abismo e desaguava no Lago da Solidão, dois demônios praticavam a versão macabra do Gaborah. As regras haviam suprimido a criatividade, focando tão-somente na velocidade mental com a qual se ordenavam as peças. E, em vez de insetos celestiais, a variante diabólica do jogo empregava ossos humanos roubados de cemitérios e trazidos através do Grande Selo. Crânios contra costelas, levitando no ar ao sabor da vontade dos jogadores. Belzebu enfrentava Leviatã, formando configurações com seus crânios mais rapidamente do que o General Armeiro conseguia acompanhar com as costelas. Nisso, uma briga eclodiu no vale abaixo. Os dois Serafins caídos voaram até o trio de contendores que se agrediam com chutes e pontapés. Belzebu questionou o motivo daquela indisciplina. Fangor, um de-mônio de olhos vermelhos como os de Matraton, deu um passo à frente.

Ele contou-lhes sobre o que presenciara na Taberna de Hagmore, situada no distrito leste da Cidade Sombria, onde estivera embebedando-se de Pandemônio – a cerveja que os caídos produziam da fermentação do sumo amargo e nojento que escorria das paredes do Abismo – quando da chegada repentina de um bando de demônios raivosos e desesperados.

Estes saquearam a taberna, assombrados por profecias agourentas que condenavam o Abismo a sucumbir diante do exército angélico. Assim, Fangor voou para alertar seus amigos, Qarem e Verbes, mineiros dos veios de ferro que brotavam ao sopé da Colina da Torpeza. Aturdidos, contudo, diante das notícias de Fangor, Verbes e Qarem descontaram no companheiro sua frustração.

Belzebu e Leviatã abandonaram a trinca de demônios, decolando imediatamente para a Cidade Sombria. Ambos haviam se ausentado pelo mero intervalo de dois turnos de trabalho e, ainda assim, encontraram a capital tomada pelo caos. Incêndios, pilhagens e brigas multiplicavam-se. O exército maligno debandara, deixando o Abismo vulnerável às hostes angélicas. Apenas os Luciferes mantinham seus postos, guarnecendo a Cidadela.

Belzebu e Leviatã apresentaram-se a Lúcifer na sala do trono.

O Primogênito conservava os ares de majestosa confiança, a despeito do temor que se escondia por detrás de seus belíssimos olhos. Pois Abbadon

retornara recentemente de uma missão de infiltração na Terra clamando que Deus revelara ao Homem os pormenores da derrocada final dos caí-

dos e sua subseqüente danação eterna. Tamanha foi a desesperança de Abbadon que ele não procurou, de início, o Príncipe-Regente, preferindo sucumbir ao desespero, vagando a esmo pela cidade, explodindo em lágrimas na principal avenida do distrito norte, gritando o horror da revelação para os incautos ao seu redor. A apavorante notícia espalhou-se pela Cidade Sombria como um fogo inclemente de histeria e desordem.

Sendo a Deus e aos anjos impossível mentir, então a derradeira verdade pareceu descortinar-se aos demônios. Pelo menos, assim acreditavam os Querubins caídos e parte dos antigos Serafins, a despeito dos esforços de Lúcifer para convencê-los do contrário. Pois Lúcifer já vira os Céus mentirem quando lhes convinha.

Entretanto, o próprio Príncipe-Regente vacilava em suas certezas e convicções, ainda que restasse ao Diabo um outro alento. Talvez o Homem, escravo de suas limitações, houvesse interpretado erroneamente as palavras do Criador. Lúcifer decidiu perseguir a verdade. E, assim, prendendo Mefistófeles à cintura, o Primogênito decolou para a jornada que encerraria seu destino.

†

———

———

João, o Apóstolo virgem, apreciava as noites quentes de Éfeso, um importante centro de comércio marítimo e terrestre e a maior cidade da costa oeste da Ásia menor. João fizera de Éfeso seu lar e base de difusão da palavra do Cristo crucificado para as cidades vizinhas, Esmirna, Pér-gamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia.

Aquelas caminhadas noturnas ajudavam João a clarear as idéias e ordenar os pensamentos. Algo vital para o of ício de João, o qual se revelara um escritor tão talentoso quanto humilde. João via-se como uma mera pena na mão de Deus a redigir Sua verdade, e passava os dias ditando aquela que considerava a maior de suas obras, seu Evangelho, para seu discípulo Prócoro.

Subitamente, João foi despertado de suas divagações pelo latido solitário de um cachorro, ao longe. Ele só então se deu conta que divergira para uma rua suja e deserta. João apressou o passo de volta à sua modesta residência, próxima ao porto da cidade. Contudo, suas pernas, marcadas

pela idade avançada, respondiam vagarosas, mesmo com o auxílio de seu longo cajado.

Ainda assim, João quase alcançou a esquina que o tiraria das sombras para uma via principal iluminada por fogueiras e tochas e animada por calorosas vozes humanas. Antes, porém, João foi agarrado pelos longos cabelos grisalhos e atirado ao solo poeirento. João tentou levantar-se, mas uma pesada bota de couro cru desceu sobre seu pescoço, prendendo-o ao chão. João tentou remover a perna do agressor, inutilmente, pois ela era firme como um obelisco romano. João tateou a escuridão e encontrou seu cajado caído próximo. Ele usou-o para golpear a perna inimiga seguidas vezes, mas esta permaneceu impassível.

Um brilho súbito emanou do atacante, envolveu João e revelou o anjo perverso que o tinha pelo pescoço. Sem dirigir-lhe a palavra, Lúcifer perscrutou a mente do Apóstolo e vislumbrou seus serviços prestados a Cristo; a devoção a Maria, mãe do Salvador; a ida a Éfeso e o périplo seguinte pela Ásia menor; sua prisão e flagelo em Roma, por ordem do Im-perador Domiciano; seu exílio na ilha de Patmos; e sua libertação, após a morte de Domiciano. Lúcifer concentrou-se nas memórias de Patmos, lugar desolado e miserável, onde João escreveu o Livro das Revelações.

Lúcifer viu cada linha da Profecia ser ditada a João pelo Arauto Gabriel, como que saídas da boca do próprio Criador.

Para seu horror, Lúcifer ouviu Gabriel relatar a queda final do Diabo, a salvação das almas justas e a conversão do Abismo em Inferno, um lago de fogo onde os demônios e as almas condenadas deveriam arder, por toda a eternidade, na mais terrível danação. João testemunhou a revolução de emoções que atingiu o rosto do Diabo. O horror tornando-se medo e o medo, ira. João temeu por sua vida diante da fúria homicida

que explodiu daqueles olhos, ao mesmo tempo magníficos e aterradores.

Porém, o Diabo ignorou-o e partiu. Lúcifer bateu suas asas numa cólera profana, para nunca mais ser avistado pelos homens.

O Primogênito ascendeu ao Purgatório e gritou por Gabriel. Duas falanges fortemente armadas, responsáveis pela guarda dos portões principais, prontamente cercaram o Inimigo. A força celestial esperou pacientemente pela chegada de seus generais. E estes vieram. Gabriel e Camael pairaram diante do Diabo.

– O que deseja, Lúcifer Estrela da Manhã? – perguntou Gabriel.

– Você acha que Deus o ama, Gabriel? – insinuou Lúcifer.

– Que tipo de pergunta é essa? – estranhou o Arauto.

– Uma pergunta direta, para uma resposta simples. Um mero “sim”

ou “não” basta.

– Deus ama todos os Seus filhos.

Lúcifer sorriu, debochado.

– Pois, se Deus amasse-o, Gabriel, e realmente conhecesse o futuro, jamais o teria enviado a mim, sabendo o que estou para fazer.

Lúcifer sacou Mefistófeles diretamente contra a garganta de Gabriel. Ele decepou o Serafim de um único golpe. E esse foi o fim de Gabriel, o mais divino anjo da Criação. Camael brandiu sua espada e as falanges precipitaram-se para o Diabo. Porém, uma explosão de luz encapsulou Camael. Todo seu ser tremeu como que atingido por um raio. E Camael tornou-se o novo Arauto do Senhor. E Deus pronunciou-Se através dele.

– Deixem-no passar! – reverberou a gloriosa voz do Senhor.

E a luz serenou em Camael, e este retornou a si. Camael baixou a espada e as falanges abriram caminho para Lúcifer. O Diabo seguiu adiante para os Quatro Céus. Nenhuma hoste angélica retardou seu avanço.

E Lúcifer avistou o Primeiro Céu, a Cidade de Cristal, a qual em tudo excedia o brilho e o esplendor de sua predecessora. Suas muralhas e pré-

dios mostravam-se translúcidos, como de um líquido contido por cores belas e infinitas que se alternavam numa dança suave de contemplar.

Suas torres eram duas vezes mais elevadas do que as da finada Cidade Prateada. Lúcifer surpreendeu-se e admirou-se com elas. Mas ele não se deteve e voou cada vez mais alto, até finalmente planar diante do Todo-Poderoso.

– Bem-vindo, Meu filho – disse Deus. – Eu estava esperando-o.

– Então é verdade? – perguntou Satã. – Você realmente enxerga o futuro?

– Eu sei tudo o que foi e será.

– Prove! – desafiou Lúcifer.

– Está bem – suspirou Deus, aborrecido. – Você está para cometer um ato inominável. Você será o primeiro e o último a erguer a mão contra seu Deus. E Eu digo que pagará um preço terrível por isso, e, ainda assim, irá praticá-lo.

– Eu ainda posso dar as costas a Você e partir. Então terei mostrado que é um mentiroso.

– Mas não o fará.

– Não – concordou o Diabo. – E sabe o porquê? Suas palavras são falsas, escudo efêmero atrás do qual um Deus inútil e covarde Se esconde. Estamos a sós, Pai. Nenhum anjo para protegê-Lo. Posso destrui-Lo agora como fiz com Mefistófeles, a Sua face maligna.

Lúcifer sacou Mefistófeles.

– Você é um Deus de amor, e não de violência – disse Satã, antes de avançar contra o Senhor. – E essa é a Sua fraqueza!

Lúcifer golpeou a face de Deus com o vigor de seu ódio. A lâmina negra, entretanto, desfez-se em milhares de estilhaços perante um Deus inviolável. Vários dos quais se voltaram contra Lúcifer, rasgando-lhe as carnes e provocando ferimentos profundos, mas não fatais. Satã foi arremessado de costas pelo impacto do golpe com uma violência sete vezes maior da que ele havia empregado. Lúcifer ficou flutuando, atordoado e indefeso, diante do Criador.

– Errado – afirmou Deus. – O amor nunca é fraqueza. Sinta agora o seu poder e aprenda.

E Deus ergueu Sua mão esquerda para Lúcifer, e dEla explodiu um raio como nunca visto. Uma descarga magnífica de luz e energia, cujo estrondo reverberou pelos Quatro Céus. Feito para purificar, e não destruir, o raio divino empalou o Diabo e arremessou-o para longe do Senhor e de volta à Terra, com estonteante precisão e velocidade. Inconsciente, Lúcifer rasgou sua passagem através do Grande Selo e desabou nos arredores da Cidade Sombria, abrindo uma enorme e funda cratera sob si. E essa foi a Segunda Queda do Primogênito, da qual ele jamais se recuperou. Seu corpo então estava coberto de chagas, seu brilho natural, extinto, suas asas, reduzidas a pequenos tocos calcinados.

Lúcifer arrastou-se até o Lago da Solidão. De suas margens, ele dolorosamente saltou para uma das diminutas ilhotas perdidas em meio à substância abundante e sulfurosa. Com as mãos nuas, Lúcifer ergueu uma melancólica cabana dos pedregulhos ásperos da ilhota. Desprovida de móveis e vaidade, a cabana serviu tão-somente para Lúcifer recolher-se à solidão e desesperança.

Belzebu, Leviatã e Pazuzu compareceram à ilhota diversas vezes.

Contudo, eles eram sempre enxotados por Lúcifer, que não lhes prestava nenhuma explicação. Exasperados pelo caos que reinava no Abismo, eles assumiram a coroa dos demônios, instituindo-se como o Triunvirato, a *168*

LÚCIFER

trinca de regentes supremos da Cidade Sombria. E eles buscaram convencer os demônios de que o Apocalipse era

uma invenção do Homem e não a palavra de Deus. E, apesar da ideologia que propagavam, em seus íntimos, mesmo o Triunvirato permanecia inquieto a respeito do Apocalipse. Porém, qual alternativa lhes restava? Apenas prosseguir, existir, lutar, enfim, recusar-se ao desespero.

Sem escolha, a maioria dos demônios abraçou a nova fé oferecida pelos seus líderes. Para algumas dezenas de milhares de caídos, contudo, a crença foi impossível de ser assimilada. Incapazes de suportar o pavor da danação, eles deram fim a si mesmos, jogando-se sobre as pontas de suas espadas, lanças e tridentes. Suas essências, sorvidas pelo Abismo insaciável.

Ainda assim, o Triunvirato conseguiu restaurar a ordem e a disciplina aos demônios e afirmar-se como corpo de poder. E seus três membros dividiram entre si o espólio de Lúcifer, incluindo suas esposas. Belzebu possuiu Prosperine e Agrat-bat-mahlaht, Pazuzu assumiu Eisheth e Naamah, e Leviatã tomou Astarte. Lilith, entretanto, justificou seu espí-

rito livre e permaneceu sozinha, jamais se submetendo a outro macho.

Por essa época, Lúcifer encerrou sua breve estada no Lago da Solidão. Suas feridas estavam suficientemente cicatrizadas e suas dores, suportáveis. Ele transferiu-se para as longínquas e desertas ravinas a oeste do Abismo. Perante a grande parede ocidental, Lúcifer rasgou o que restava de suas roupas e lançou fora os trapos. Ele escavou a parede do Abismo com seus dedos carcomidos, criando para si uma pequena caverna, pouco maior que uma tumba. Ele meteu-se nela e lacrou a entrada atrás de si com uma compacta barricada de rochas e detritos.

Quando o Apocalipse veio, e o fogo divino consumiu pela eternidade os demônios e as almas dos condenados, Lúcifer encontrava-se seguro em sua tumba escura, protegido pelo frio maligno inerente às paredes do Abismo.

A partir desse momento, os relatos divergem sobre o destino do Primeiro Anjo. Alguns acreditam que Lúcifer enlouqueceu pela solidão e desespero, cobrindo as paredes da tumba com um bizarro evangelho, escrito por suas unhas grandes e afiadas e destinado apenas aos seus olhos.

Outros sugerem ter o antigo Serafim mergulhado no mais profundo estado de meditação, pelo qual teria atingido o Nirvana e um estágio superior de consciência comparável somente ao de Deus. Por fim, existem aque-169

les que pregam ter sido Lúcifer rodeado pela paz das trevas absolutas, descoberto em si próprio a essência de Deus que existiria dormente em todas as criaturas. Assim, contemplando a escuridão e o silêncio, Lúcifer teria isolado e expurgado o Mal de dentro de si, prendendo-o firmemente em sua mão esquerda, como um pássaro negro de ódio debatendo-se para escapar. E, livre do Mal, Lúcifer teria criado a luz. E, na palma de sua mão direita, feito surgir uma pequenina criatura, para batizá-la com seu nome primordial, Samael. E Samael seria o primeiro de muitos. E

Lúcifer criaria os Céus e outros seres à imagem e semelhança de Samael. E, no devido tempo, Samael e alguns de seus filhos trairiam Lúcifer.

Mas Lúcifer não se entristeceria. Pois as trevas na sua tumba eram a eternidade. E Lúcifer criaria o Universo f ísico e o Homem. E o Homem seria sua criação mais amada. Até o

final dos tempos, por quanto durar a eternidade, e além desta.

170

COLABORARAM NESTE LIVRO

Supervisão editorial Isabel Xavier da Silveira Produção gráfica e direção de arte Vivian Valli Assistente de produção Heloisa Avilez Revisão Diogo Kaupatez e Ivone Tabarin Projeto gráfico Guacira Simonelli

Composição Sidnei Simonelli

FICHA TÉCNICA

Impressão PROL gráfica e editora ltda.

Papel Alta Alvura 75g/m2 (miolo), Cartão Ópera 250g/m2 (capa) Tipologia Warnock Pro 10,5/14

Para preservar as florestas e os recursos naturais, este livro foi impresso em papel 100% proveniente de reflorestamento e processado livre de cloro.